

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Foram convocadas extraordinariamente as duas Câmaras do Parlamento francês às quais o Presidente Coty dirigiu uma mensagem anunciando a chamada do general De Gaulle

PARIS, 29. — O Conselho da República (Senado) foi convocado para as 15 e 15, a fim de tomar conhecimento de uma mensagem do presidente da República. A reunião normal da Assembleia Nacional estava já marcada para as 15 horas.

A Presidência da República tornou publico o seguinte comunicado:

«O chefe do Estado recebeu, durante a noite, os presidentes da Assembleia Nacional e do Conselho da República, que lhe deram conhecimento da sua conversação com o general De Gaulle.

«O chefe do Estado vai enviar, hoje, uma mensagem ao Parlamento. Na gravidade das horas que se aproximam, o presidente da República conta com o patriotismo de todos os homens que vivem sob a te mensagem «política» — porque

houve mensagens tradicionais de agradecimento dos chefes de Estado e de governo, para que aguardem com sangue-frio e respeito pela ordem as decisões que serão tomadas muito em breve».

A mensagem do presidente da República à Assembleia constitui

um acto excepcional. A mais recente, depois da sua eleição — foi dirigida ao Parlamento, em 8 de Junho de 1924, pelo presidente Millebrand, e precedeu a sua demissão. O texto foi lido da tribuna do palácio.

(Continuação da 15.ª página)

Nota do dia

O riso

Não deixou de ser oportuna, por várias razões, a palestra que um ilustrado rotário fez anteontem no almoço semanal da conhecida e relevante instituição acerca do riso. Preocupada como anda com as graves ameaças que pesam sobre ela e os aborrecimentos de toda a ordem que a contrariam, estamos convencidos de que a Humanidade ri cada vez menos. Perdeu o gosto do riso e o riso

perdeu a reputação de que gozava entre os mortais. As suas virtudes terapêuticas deixaram de se exercer sobre as vísceras doentes. A alegria é muito menos alegre do que no tempo em que o bom Democrata ria — e o bom humor transformou-se num humor negro, que envenena todo o convívio humano. De todos os processos de riso, aquele que hoje mais se pratica deve ser, por certo, o riso amarelo. O bom humor nacional perdeu a graça. Rafael Bordalo, se voltasse a este Mundo, não desejaria outra coisa senão partir o mais depressa possível para o outro. É que a Censura do Padre Santo é muito mais benévola do que a dos homens. Sendo próprio do homem, como pretendia Rabelais, mesmo do «homem sapiens», o riso passou a ser incompatível com os nossos hábitos sociais — e com a sua pulchreza. A gargalhada saudável, homérica, ramalhã, desopilante, faz hoje figura de atitude irreverente ou maliciosa. As novas gerações não sabem rir. E as velhas desaprenderam. Cercaram-nos esse privilégio raro que distinguia o homem do lobo. E não nos deram nada em troca. Ficou apenas, no seu significado trágico, o homem lobo do homem.

Por quem vota?



A popular artista italiana Elsa Martinelli poderá reunir muitos votos para si num concurso de simpatia. Mas não é disso que se trata aqui, não é daqueles que vão votar nela, mas daqueles em quem ela vai votar. Com efeito, a foto surpreendeu-a quando Elsa, no passado domingo, participou, na sua qualidade de eleitora, nas eleições políticas do seu país.

A insurreição da Argélia e a situação em França — (3)

PARIS, Maio. — Depois das primeiras manifestações do movimento insurreccional da Argélia tornou-se evidente que aquele perdera as probabilidades de êxito imediato, com que certamente contaram os seus promotores, pela falta de resposta de Paris. O êxito da insurreição dependia da resposta da capital francesa ao ultimato que o general Massu dirigiu ao presidente da República. Aceitaria este as exigências do presidente do «comité» de salvação pública? Os

insurretos de Argel contavam com isso e estavam convencidos da capitulação certa e imediata da metrópole perante a imposição do exército. Os acontecimentos desmentiram as suas previsões e as suas esperanças.

Como a situação se modificou

Em resposta ao ultimato, o presidente da República enviou ao general Massu uma mensagem em que ordenava que ele e

(Continua na 14.ª página)

VISITA JORNALÍSTICA AOS CANDIDATOS — (1)

No lar do general Humberto Delgado a esposa e as filhas reflectem a mentalidade que o candidato a Presidente desejaria criar à mulher portuguesa

Um pequeno elevador que há muitos anos oscila entre o rés-do-chão e o quinto andar, como se de facto fosse desconjuntar-se. Uma

porta que se abre, pela mão de uma jovem de avental branco que aponta:

—Faz favor, á esquerda...

O ministro da Economia volta a responder ao eng.º Cunha Leal

Do Gabinete do Ministro da Economia recebemos a seguinte nota com o pedido de publicação:

I—Antecedentes da discussão

Não é esta a primeira vez que sou forçado a vir a publico, em resposta ao sr. eng. Cunha Leal para, em homenagem á verdade, esclarecer as suas críticas e ataques.

Numa das ultimas campanhas eleitorais emitiu aquele meu contraditor algumas opiniões sem consistência sobre a industria electroquímica, recentemente instalada no País. Em nota officiosa, correcta e fundamentada, denunciei a sem razão das suas observações e pude demonstrar a sua total insubsistência. O sr. Cunha Leal procurou sustentar a verdade das suas teses

e dirigiu-me á mistura algumas palavras desagradáveis. Ignorei os doestos e com tranquila firmeza insisti na demonstração da ausência de fundamento dos seus juizos, citando, em abono da argumentação aduzida, factos, numeros e estatísticas, insusceptíveis de impugnação. Perante a solidez dos elementos produzidos, o sr. eng. Cunha Leal abrigou-se no terreno cómodo do silencio, apesar de se encontrar em causa o esclarecimento de um grande problema nacional. («Diário de Lisboa» — 3 de Novembro de 1953).

II—O sr. eng. Cunha Leal contra si próprio

Mas, o sr. Cunha Leal é persistente.

Depois de ter publicado nesta campanha e na «Republica» um calmo estudo de natureza politica, tinha de contradizer-se a si próprio e, de acordo com as grandes constantes da sua vida, apareceu, finalmente, na sua exacta dimensão e na sua pura autenticidade. E, uma vez mais, formulou contra o regime, no estilo exuberante que o caracteriza, um dos seus violentos e veementes libelos.

Todavia, o general Humberto Delgado mora á direita.

A sala que é franqueada a quem chega é bonita, uma agradável combinação de pequenas coisas antigas e modernas. Ali está, em frente, por cima do piano, o retrato de D. Catarina de Bragança, a filha do rei Restaurador e esposa de Carlos II, a mesma que meteu na Inglaterra o vicio do «five o'clock tea»... Como teria ido parar á América aquele retrato da filha de D. João IV?

Sabe-se, sobretudo, que apareceu num leilão e que o sr. general de lá o foi arrancar por preço módico. Perto do lugar de honra que ocupa, por cima do fogão — ali, no inverno, se reúne a família «dis-

(Continua na 7.ª página)

Sobe outra vez a 400 metros o vulcão do Faial

HORTA, 29. — O vulcão dos Capelinhos recrudescceu de actividade, lançando á mais de 400 metros de altura fragmentos de lava — no meio de estampidos que se ouvem em toda a ilha — numa pirotécnica mais espectacular do que nunca. Na Caldeira, a actividade vulcanica, continua resumida á emissão de fumos. Na cidade, entretanto, a vida decorre normalmente, e a instalação de famílias desalojadas continua por toda a ilha nas casas que vão sendo reparadas. — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

(Continua na 23.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Os preparativos para o próximo acto eleitoral

O ministro do Interior
presidiu em Faro
a uma reunião política

FARO, 29 (Pelo telefone).—Cerca das 10 e 30, chegou a esta cidade, vindo da Pousada de S. Brás de Alportel, onde pernouteou, o sr. dr. Trigo de Negreiros, ministro do Interior, que se fazia acompanhar pelo sr. eng.º Sebastião Ramires, deputado pelo Algarve, e ainda pelo sr. eng.º Camilo de Mendonça, da comissão executiva da U. N. Os srs. dr. António Baptista Coelho, governador civil de Faro; dr. A. Gordinho, presidente da Câmara Municipal, e José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província do Algarve e da comissão distrital da U. N., faziam igualmente parte da comitiva do ministro.

Após a anunciada reunião, no salão nobre do Governo Civil, com os presidentes dos municípios e das comissões da U. N. desta província, a propósito do próximo acto eleitoral, o sr. dr. Trigo de Negreiros e a sua comitiva visitaram o Albergue Distrital. Depois, dirigiram-se para a Pousada de S. Brás de Alportel, onde almoçaram, seguindo o ministro para Lisboa.

Uma mensagem dos Municípios ao chefe do Governo

Depois de amanhã, sábado, às 18 horas, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa lerá, perante o sr. Presidente do Conselho, uma mensagem, em nome de todos os municípios do Continente, Ilhas e Ultramar.

O tenente-coronel Salvação Barreto estará acompanhado pelos presidentes das camaras das sedes dos distritos, ou seus representantes.

No mesmo dia e hora, em cada concelho e nos respectivos Paços, efectua-se uma reunião da vereação com assistência publica, na qual será também lido o mesmo documento.

Uma comissão feminina de apoio à candidatura do general Humberto Delgado

Informam-nos de que se constituiu uma comissão nacional de apoio à candidatura do sr. general Humberto Delgado. É composta pelas srs.ªs: D. Adelaide Estrada, D. Maria do Amparo Darrera Fonseca, dr.ª Wanda Barbosa Adão e Silva, D. Maria da Glória Ramos Ataíde Fernandes, D. Silvia Nunes da Silva Cabral, D. Maria Amélia Almeida Dias Abreu, dr.ª D. Berta Mendes, D. Filomena de Sousa Vilariño, D. Sofia Domingues da Silva Santos, D. Maria Lucia Pulido Valente Monjardino, D. Laura Guilhermina Mourão, D. Dulce Soromenho, D. Alice Baptista Rocha Silva, D. Maria Rita Rolão Preto, D. Maria Angela Ataíde Fernandes, dr.ª D. Violinda Moraes, D. Lígia Fernandes Azevedo, D. Joaquina Odete Sotto Mayor, D. Maria Vitória Palmira Cal, D. Maria Antonieta Fernandes Pedrosa Rego, dr.ª D. Maria Lucília Miranda Santos e dr.ª D. Alcina Bastos.

FESTA ESCOLAR

Amanhã, sexta-feira, às 10 horas, na Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, haverá um festival ginástico-desportivo dos alunos, presidido pelo subsecretário da Educação Nacional.

A actividade das comissões e os próximos actos públicos de propaganda

Hoje, às 21 horas, na Sociedade Incrível Almadaense, efectua-se uma sessão de propaganda eleitoral presidida pelo sr. general Humberto Delgado. Estão inscritos como oradores os srs. prof. dr. Vieira de Almeida, dr. Rolão Preto, dr. Rodrigo de Abreu, dr. Aresta Branco, dr. António Sérgio, dr. Herculanio Pires, dr. Costa e Melo, Ernesto Castelo Branco e Ernesto Pereira.

—Esta noite, no Teatro-Cine da Covilhã, haverá uma sessão de propaganda da candidatura do sr. almirante Américo Tomás, promovida pela União Nacional. Será presidida pelo sr. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, e nela usarão da palavra os srs. drs. Carlos Coelho, vice-presidente da comissão distrital da União Nacional; Fernando Rui Corte Real Amaral, delegado do I. N. T.; Fernando Cid Proença e tenente Carvalho Branco.

—Em Viana do Castelo, efectua-se hoje, pelas 21 e 30, no Teatro Sa de Miranda, uma sessão de propaganda da candidatura do sr. general Humberto Delgado. Estão inscritos os seguintes oradores: coronel Helder Ribeiro, que preside à sessão; drs. Arnaldo Veiga Pires, Carlos Cal Brandão, Artur Castilho e Eduardo Cruz, e Rodrigo Mariano de Abreu.

—Amanhã, às 21 horas, no Cine-Teatro de Estarreja, efectua-se uma sessão de propaganda eleitoral da candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente. São oradores os srs. dr. Manuel Palma Carlos, dr. Vasco Vieira de Almeida, dr. Joaquim Silva, D. Maria Alcáide Pádez, D. Olívia de Vasconcelos, Fernando Gaspar e José Gouveia. Ao mesmo tempo haverá também sessões em Ilhavo e S. João da Madeira, nos cinemas locais.

—A sessão na Covilhã, para propaganda da candidatura do sr. general Humberto Delgado, marcada para o dia 31, foi antecipada para amanhã, no Cine-Teatro daquela cidade. O candidato terá um jantar íntimo com os componentes da sua comissão, realizando-se à noite a sessão, em que serão oradores os srs. drs. Vasco da Gama Fernandes, Rolão Preto e Rodrigo de Abreu, major David Neto, dr. Carlos Cal Brandão e João Sá Lima.

—Dos serviços de candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente informam-nos que numa reunião de oposicionistas do Baixo Ribatejo foi decidido constituir uma comissão com elementos dos concelhos de Loures, Vila Franca, Arruda e Alenquer.

—A comissão distrital de Faro da candidatura do sr. general Hum-

berto Delgado comunica-nos que os seus serviços estão instalados no Largo do Mercado, n.º 54; que as comissões concelhias e de freguesia do distrito devem pôr-se em contacto com a comissão distrital, para conjugação de esforços; e que oportunamente deverão aquelas comissões receber, na sede da comissão distrital, as listas, instruções para a fiscalização do acto eleitoral e delegação de poderes para o aludido fim.

—Os serviços de candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente receberam o seguinte telegrama, proveniente de Paris: «Grupo de Portugueses residentes em França saudam vossa candidatura, esperando unidade das forças oposicionistas—António Brotas, Julio Silva».

—Já se encontra constituída a comissão concelhia de Guimarães da candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente, da qual fazem parte os srs. José Jacinto Junior, dr. Francisco Pinto Rodrigues, dr. Manuel Jesus de Sousa, dr. Eduardo Salgado Lobo, José Teixeira e José Baptista Sampaio.

—Rectificando a nota enviada à Imprensa, em que se dava a conhe-

Estão em Lisboa comerciantes e industriais da Columbia Britânica

De avião, chegaram esta manhã a Lisboa, os elementos que compõem o «Vancouver Board of Trade», grupo de industriais e comerciantes dos mais importantes da Columbia Britânica que, em Lisboa, terminam a sua viagem de amizade e contactos comerciais iniciada na Bélgica, Holanda, Austria e Espanha.

Faz parte desta missão o sr. R. W. Bonner, ministro do Comércio e Desenvolvimento Industrial da Columbia Inglesa.

Esta missão deu hoje, à tarde, uma recepção à Imprensa e, depois, foi recebida pelo embaixador do Canadá em Lisboa. Amanhã, de manhã.

Visitará Belém, Estoril, Cascais, Guincho, com almoço na Adega de Colares, oferecido pela Junta Nacional do Vinho e do Instituto de Conservas de Peixe, e à tarde assistirá a uma recepção da direcção da Associação Industrial Portuguesa, na Feira das Indústrias. Depois de amanhã visitará Lisboa e assistirá a uma recepção oferecida pelo sr. Richard Grew, conselheiro comercial da Embaixada do Canadá, antes de regressar a Vancouver.

—A composição da comissão concelhia de Almada da candidatura do sr. general Humberto Delgado, os serviços dessa mesma candidatura enviaram-nos hoje outra nota em que figuram os nomes dos srs. dr. Raul Adão e Silva, dr. Herculanio Rodrigues Pires, dr. Viriato Gomes, Ernesto Pereira, M. Queimado, Ernesto Castelo Branco, Branco Rocha e João Romana, como sendo os que, na realidade, formam a referida comissão.

—A comissão distrital de Lisboa dos serviços de candidatura do sr. Arlindo Vicente lançou um apelo a todos os democratas do distrito e cidade de Lisboa, no sentido de que ofereçam a sua ajuda para trabalhos urgentes de carácter eleitoral, a efectuar pelas comissões de freguesia. Nesse comunicado elucida-se os interessados de que, no caso de existirem dificuldades no contacto com estas comissões, deverão dirigir-se à sede da candidatura, na Rua Caetano Alberto, 49, onde serão prestadas todas as informações.

—Na lista dos nomes que formam a comissão concelhia de Abrantes de apoio à candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente, foram incluídos, por lapso, os srs. eng.º Rui Lemos Viana e Mário de Moura. Este ultimo teve a amabilidade de nos escrever a denunciar o erro e a comunicar que apoia, sim, a candidatura do sr. general Humberto Delgado.

—A comissão distrital de Beja da candidatura do sr. general Humberto Delgado anunciou que o candidato irá aquela cidade no próximo dia 5 de Junho.

—Formam a comissão distrital de Castelo Branco de apoio à candidatura do sr. general Humberto Delgado os srs. drs. José Ribeiro Cardoso, José Afonso dos Santos, Luís Pinto Garcia, Joaquim Henriques de Almeida, João Figueiredo Versos, J. Sá Lima, José Rocha, capitão João Boavida, Emilio Ramos, José Nunes Petronilho, António de Pina Calado e Henrique Prata.

—De Santarém informam-nos que o sr. general Humberto Delgado passará ali amanhã indo depor um ramo de flores no pedestal da estátua do Marquês de Sá da Bandeira.

Pedido de automóveis

A comissão de candidatura do sr. general Humberto Delgado enviou-nos uma cópia de um comunicado no qual se contém um «apelo aos proprietários de carros, no sentido de lhe fornecerem os seus nomes e direcções, a fim de os respectivos veículos serem oportunamente mobilizados no serviço da campanha eleitoral».

O ministro da Defesa assistiu na Figueira a uma festa militar

FIGUEIRA DA FOZ, 29, (Pelo telefone).—Vindo de Braga, chegou hoje à Figueira, pelas 14 horas, acompanhado da sua comitiva, o sr. coronel Santos Costa, ministro da Defesa Nacional, que era aguardado nos limites da cidade, pelo comandante da 2.ª Região Militar e elementos do seu estado-maior, comandantes das unidades locais e muitos outros oficiais.

No Regimento de Artilharia Pesada 3, o sr. coronel Santos Costa presidiu a uma festa para apresentação da bandeira aos recrutas. Houve formatura geral e demonstrações de ginástica desportiva-militar.

Em seguida, foi servido um almoço em honra do ministro, no refeitório dos oficiais da unidade, em que tomaram parte muitos oficiais de todas as patentes. Na altura dos brindes, trocaram-se saudações.

O sr. coronel Santos Costa regressará ainda esta tarde a Lisboa.

Mensagem de Portugueses do Brasil ao almirante Américo Tomás

RIO DE JANEIRO, 29—Os Portugueses do Brasil exprimiram, numa mensagem telegráfica, dirigida ao contra-almirante Américo Tomás, os seus votos pela continuação da paz, dignidade e progresso de Portugal.

Subscrita por mais de 150 portugueses, em representação de todos os sectores das actividades da colónia portuguesa, nomeadamente os dirigentes das associações lusitanas, comerciantes, industriais, empregados bancários, jornalistas e outros, a mensagem diz, textualmente:

«Um grupo de Portugueses residentes no Rio de Janeiro faz veementemente votos pela eleição de V. Ex.ª na suprema magistratura da Nação como maior garantia da continuação da paz, dignidade e progresso da nossa Terra». — (A. N. I.).

Jantar de confraternização de intelectuais

Uma comissão, constituída pelos escritores Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, António José Saraiva, Jorge de Sena, Francisco de Sousa Tavares, D. Sofia de Mello Breyner, Manuel da Fonseca, Castro Soromenho, José Cardoso Pires, João Gaspar Simões, José Augusto França e D. Natália Correia, promove depois de amanhã, no restaurante da Pastelaria Colombo, um jantar de confraternização de escritores, jornalistas e artistas.

As inscrições podem ser feitas até amanhã, às 19 horas, nas Livrarias Portugal e Sá da Costa.

GAZCIDLA e PROPACIDLA COMUNICADO

A CIDLA COMUNICA AOS SEUS PREZADOS CLIENTES E AO PÚBLICO EM GERAL QUE, A PARTIR DE SÁBADO, DIA 31 DE MAIO, INCLUSIVE, OS SEUS ESCRITÓRIOS ENCONTRAR-SE-ÃO ENCERRADOS AOS SÁBADOS DURANTE TODO O DIA, MANTENDO-SE NO ENTANTO COMO HABITUALMENTE A ACEITAÇÃO DOS PEDIDOS DE GÁS E SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA, OS QUAIS SERÃO ATENDIDOS EXCLUSIVAMENTE PELO TELEFONE, PARA OS NÚMEROS 30332/8.

PROCURE NAS LIVRARIAS
ACABA DE APARECER
O MILAGRE DOS SINOS
DE RUSSELL JANNEY
EDIÇÃO DA MINERVA
FEIRA DO LIVRO 19
BARRACA

Nota oficiosa do Ministério da Justiça sobre a condenação de Henrique Galvão

Do Ministério da Justiça recebemos a seguinte Nota Oficial:

1. Apelando para puras medidas de clemência do governo, depois de admitir que a condenação de Henrique Galvão terá resultado duma automática aplicação, por parte dos tribunais, das disposições legais em vigor, o sr. eng. Cunha Leal desloca a sua crítica do plano em que inicialmente parecia ter sido posta, quando Sua Excelência considerava a condenação como um caso de «perseguição gritante» e a confrontava com uma «pena três vezes mais leve» aplicada por tribunais julgadores.

Os pontos que ao Ministério da Justiça interessa fixar, para completo esclarecimento do público e combate à especulação que em torno do caso tem sido feita, são fundamentalmente os seguintes:

a) O réu H. Galvão não foi apenas condenado pelo crime de injúrias a altas entidades, como erroneamente, nuns casos, e malévola e, noutros, se chegou a afirmar: foi condenado pelo crime de instigação dos militares portugueses à rebelião, pelos crimes de ofensas altamente injuriosas contra o Chefe do Estado, ministros e outras entidades e pelo crime de divulgação de notícias falsas ou grosseiramente deformadas, susceptíveis de fazer perigar o bom nome de Portugal ou o prestígio do Estado no estrangeiro.

b) A mais grave das infracções que contra o réu o tribunal deu como provadas é a primeira, para a qual a lei penal estabelece a pena de doze a dezasseis anos de prisão maior, com o mínimo, neste caso, de catorze anos, em virtude de haver sucessão de crimes.

c) Esta incriminação é como se demonstrou na nota oficiosa de 23 de Maio, muito anterior ao actual regime, que nem sequer se pode dizer tenha agravado as sanções estabelecidas pela legislação anterior.

d) O facto de o julgamento de H. Galvão haver sido, como se diz, «efectuado à porta fechada» não significa que tenha havido, neste caso, qualquer desvio dos princípios gerais: resulta somente de ser essa a regra estabelecida quanto à audiência de julgamento nos crimes de injúria ou ofensa à honra e consideração devida às pessoas (artigo 593.º e 407.º do Código de Processo Penal; artigo 95.º do Estatuto Judicial e artigo 121.º da Constituição), e de o réu ter sido acusado da prática de vários crimes dessa natureza.

2. A falta duma amnistia que, no fundo, inutilizasse a recente decisão do tribunal é considerada, neste caso, pelo sr. eng. Cunha Leal como «atitude de crueldade governativa», «tanto mais incompreensível quanto é certo, que em certos dias festivos do ano, os Poderes Públicos têm concedido indulto a assassinos e ladrões».

Parece esquecer-se, no entanto, que estes indultos, concedidos num numero diminuto de casos sobre parecer dos tribunais de execução das penas, são constitucionalmente viáveis depois de cumprida metade da pena. Restrição análoga impõe a lei em relação à liberdade condicional, não só pela necessidade de salvaguardar em dados termos a sentença de condenação, como também pela intenção de assentar em bases quanto possível seguras a presunção de reabilitação do condenado.

As medidas de amnistia não são, é certo, sujeitas a semelhante limitação e por isso poderão os órgãos constitucionaismente competentes ponderar em qualquer momento o problema da sua concessão neste ou naquele crime. Mas daí até ser lícito considerar uma «crueldade governativa» o facto de não haver sido concedida qualquer providência desse género para um caso que só agora acaba de ser decidido pelos tribunais, vai, positivamente, uma distancia enorme...

União Eléctrica Portuguesa

A União Eléctrica Portuguesa foi autorizada a elevar o seu capital de 200.000 contos para 250.000 contos pela incorporação de reservas no montante de 25.000 contos e pela emissão de 250.000 acções no valor nominal de 1000\$00 cada uma, que vão ser emitidas ao preço de 1400\$00, com reserva de preferência para os accionistas.

O prof. Mário de Azevedo Gomes responde a críticas formuladas na entrevista com o ministro da Economia

A minha entrevista dada ao «Diário de Lisboa» em 17 do corrente opõe, por sua vez, o sr. ministro da Economia, no dia 24, vários reparos que, partindo de parte e assumindo a forma que assumem, julgo ser meu dever e meu direito rebater, com recurso novamente à hospitalidade do seu jornal.

Agradeço-lhe que me conceda e prometo ser breve.

Entenda-se que não é ao sr. ministro que respondo: visto mais alto, deponho mais uma vez perante aquela parcela da opinião pública que se interessa por estes problemas, parcela que só tínhamos a ganhar com que fosse grande e a medida da relevância que aqueles pertence.

Por método arrumarei a matéria em quatro partes, apesar de que animada toda ela da mesma reacção crítica.

1. — Estrutura agrária, colonização interna

Não agradou ao interventor, a sua ética, a objectividade que pratica e a seriedade mental de que se não afasta, que eu viesse testemunhar em publico a insignificância, a quase nulidade, da obra do Estado Novo neste sector importantíssimo, valendo-me para o efeito dos próprios depoimentos oficiais, indimentáveis, que ficam arquivados no «Relatório Final Preparatório do II Plano de Fomento». A mim, a minha seriedade mental, não tem agradado que, sendo aquela realidade incontestável, por mais que uma vez — mormente em períodos de propaganda — se houvesse dado ao País impressão diversa, marcada portanto pela inexactidão. Agradou-me, ao contrário, como acto de honradez, que surgissem, agora, a confissão oficial e, digamos, a espécie de penitência contida na declaração que transcrevi: «que o trabalho realizado em matéria de colonização propriamente dita em vinte anos de existência da Junta... não pôde de forma alguma influir sequer na situação do meio rural, nem remediar os defeitos da nossa estrutura agrária...» Aquele período de 20 anos designa-o modestamente o sr. ministro *experimental*, mas nem sequer nos garante que a experiência tivesse sido o bastante para lançar os trabalhos do II Plano de Fomento no caminho das prontas e eficientes realizações.

Claro está, isto era inevitável — os melhores e mais cotados propagandistas da situação, no actual momento, seguem a mesma norma — o sr. ministro da Economia todo se enleva na contemplação do II Plano de Fomento e nas promessas que nele se contém. Esquece S. Ex., esquecem todos, que não andamos nós, de nossa parte, a julgar sobre planos e promessas, e que o nosso direito é justamente julgar sobre realizações e sobre o efeito social que já tiveram. Vamos, porém, ao encontro dos desejos de S. Ex.: «que em matéria de estrutura agrária e de colonização o novo plano traz medidas sensatas — que eu próprio reconheci como tais (e é verdade) — e que a dotação que se lhes consagra, de 300.000 contos, pode considerar-se satisfatória». «Duvido mesmo», acrescenta S. Ex., «que os estudos realizados e os projectos concluídos ou de rápida conclusão permitissem uma acção de maior envergadura». Ora aqui, na apreciação correcta das circunstâncias, entra um dado novo de grande valor informativo: o confronto de dois documentos, o *Relatório Final do Plano*, já referido e utilizado e o *Projecto do Plano* tal como foi apresentado à Câmara Corporativa e à Assembleia Nacional, a utilizar agora. Ao *Relatório* inspiraram-no o saber, a competência e o sentido das reais necessidades (a que o próprio ministro faz justiça), ao *Projecto* presidem o suposto ajustamento às possibilidades e a tal gradação de importância de que S. Ex. nos fala também. O interessante é que para problemas fundamentais — e este da estruturação agrária é um deles — *Relatório* e *Projecto* se afastam bastante. Coincidem, no caso sujeito, numa tentativa de *emparelhamento* que atinja 6.000 Ha, mas quando no *Relatório*, para o capítulo *parcelamento*, se previa com designação, apenas, de «modesta», a instalação de 10.000 famílias, o *Projecto*, esse... nem fala em tal; atribui tão só o investimento global, a distribuir oportunamente.

Mas há mais, para terminar esta parte:

A medida que o *Relatório* se construiu e informava, o sr. ministro da Presidência anunciava ao Conselho Económico os possíveis investimentos — claro que não posso precisar datas e factos mas presumo que as coisas se passaram assim: para o sector em causa a previsão era de 1.500 contos. Ficou, pois, a verba investida apenas em 20 por cento, quando se reduziu só a 62 por cento do previsto na Hidráulica Agrícola e a 82 por cento no Povoamento Florestal.

Dizer-se depois disto que o Governo mostra interesse proeminente pelo grave problema da melhor distribuição do povoamento rural, cuido eu que não há, aí, ética, objectividade, seriedade mental, que o possam consentir.

2. — Povoamento florestal

Prosseguindo na sua crítica, o sr. ministro da Economia passa depois a visar outro opositor, o sr. engenheiro Cunha Leal. Mas eis que, ao julgar-me eu livre da sua investida, com o disparo de uma pergunta — que, confesso, mal percebo — volta a assediá-me, e agora na posição curiosa de atacante não por aquilo que eu haja dito, mas por ideias e propósitos que me atribui sem querer esperar, de apresso, que adquiram forma e substância. Passo, portanto, pela mão ousada de S. Ex., a estar envolvido em comentários á obra dos Serviços Florestais.

Ora, muito melhor que o sr. ministro devo eu conhecer esta obra: ás visitas de S. Ex. como *leigo* oponho as minhas como *técnico*. Ademais, ajudei a formar a quase totalidade dos engenheiros silvicultores que ali trabalham; acompanho-lhes a actividade e com tanto mais estima quanto servem. Várias vezes, em posições do maior sacrifício, respeito a obra e a todos que a conduzem, dos modestos guardas aos chefes mais responsáveis. Se alguma coisa lamento é que ainda hoje não houvesse — e para isso posso chamar a atenção de S. Ex. — a consciência da injustiça que representa a inferior qualificação que aos técnicos, engenheiros silvicultores, é dada em relação aos seus irmãos, os engenheiros agrónomos, saídos da mesma Escola. Desta breve nota resulta que nunca foi meu propósito, para as entrevistas a fazer, abordar problemas do povoamento florestal, pelo menos no sentido e com a intenção que o sr. ministro se julgou no direito de emprestar-me.

3. — Hidráulica Agrícola

Agora, sim: anunciei o propósito de uma segunda entrevista sobre o *alcance social das Obras de Hidráulica Agrícola*. Tal entrevista está feita; deve publicá-la o «Diário Popular»; se o não fizer por imposição estranha, o silêncio será, por si mesmo, sintomático. E, entretanto, evidente que também não assistia, aqui, o direito ao envolvimento do meu nome no esclarecimento publico da responsabilidade

do sr. ministro, pois que falou de mim, a propósito, na ignorância total da argumentação que viria a ser aduzida. Creio que é caso de dizer-se, á moda antiga, que houve *sangria em saúde*. Com certeza. O sr. ministro não vai gostar deste segundo depoimento, pois sigo a mesma norma e utilizo processo idêntico. Porém, eu não ando nisto para agradar ou desagradar. Pretendo tão só, em minha modestia, servir o melhor que sei a verdade. E, enquanto puder, assim continuarei.

4. — Problemas nacionais

Não fiquei indiferente, porque lhe admito a sinceridade, ao apelo do sr. ministro da Economia para que nos encontremos todos em boa colaboração, frente ás soluções dos *problemas nacionais*.

Tudo está, me parece, para que nos entendamos, em incluir, entre esses problemas nacionais, o problema básico do respeito pelas liberdades publicas. Tudo está em se compreender, por uma vez, que a *moralidade política* não podem regê-la, na paz cívica, normas e processos em briga aberta com a moral comum.

Façam-se, a propósito, rigorosos exames de consciência. Talvez que estes conduzam a outras soluções que não aquela que se deduz do período final da entrevista do sr. ministro, quando qualifica de *inadaptados* quantos teimarem em não acreditar nas excelsas virtudes da sua chamada *Revolução*.

MÁRIO DE AZEVEDO GOMES

O que diz o artigo 8.º da Constituição Política da República

Uma grande parte do debate político que tem animado a actual campanha eleitoral gira á volta do âmbito de aplicação dos preceitos do art. 8.º da Constituição. Como muitas vezes sucede, bem acreditamos que já ande muita gente a falar no referido art. 8.º sem ter presente o que nele se contém. Para esclarecimento de alguns e para recordação dos restantes, parece-nos oportuno e fácil reproduzir a respectiva disposição constitucional. É como segue:

Art. 8.º Constituem direitos, liberdades e garantias individuais dos cidadãos portugueses:

1.º O direito á vida e integridade pessoal;

1.ª-A. O direito ao trabalho, nos termos que a lei prescrever;

2.º O direito ao bom nome e reputação;

3.º A liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico. Ninguém será obrigado a responder acerca da religião que professa, a não ser em inquérito estatístico ordenado por lei;

4.º A liberdade de expressão do pensamento sob qualquer forma;

5.º A liberdade de ensino;

6.º A inviolabilidade do domicílio e o sigilo da correspondência, nos termos que a lei determinar;

7.º A liberdade de escolha de profissão ou género de trabalho, industria ou comércio, salvas as restrições legais requeridas pelo bem comum e os exclusivos que só o Estado e os corpos administrativos poderão conceder nos termos da lei, por motivo de reconhecida utilidade publica;

8.º Não ser privado da liberdade pessoal nem preso sem culpa formada, salvas os casos previstos nos §§ 3.º e 4.º;

9.º Não ser sentenciado criminalmente senão em virtude de lei anterior que declare puníveis o acto ou omissão;

10.º Haver instrução contraditória, dando-se aos arguidos, antes e depois da formação da culpa, as necessárias garantias de defesa;

11.º Não haver penas corporais perpétuas, nem a de morte, salvo, quanto a esta, o caso de beligerancia com país estrangeiro, e para ser aplicada no teatro da guerra;

12.º Não haver confisco de bens, nem transmissão de qualquer pena da pessoa do delinquente;

13.º Não haver prisão por falta de pagamento de custas ou selos;

14.º A liberdade de reunião e associação;

15.º O direito de propriedade e a sua transmissão em vida ou por morte, nas condições determinadas pela lei civil;

16.º Não pagar impostos que não tenham sido estabelecidos de harmonia com a Constituição;

Nota oficiosa do Ministério do Ultramar sobre as asserções do eng.º Cunha Leal

Do Ministério do Ultramar recebemos a seguinte Nota Oficial:

1. A equação apresentada pelo sr. eng.º Cunha Leal na sua «Nota final», publicada na tarde de ontem, continua a representar uma deficiente colocação do problema.

Para que, conhecido o consumo actual e suposta uma média em 17 anos, se pudesse determinar o consumo ao fim dos 17 anos pela referida equação, seria preciso que a lei de variação dos consumos fosse linear, isto é, que o aumento do consumo de ano para ano fosse sempre igual. Com a média de 117.642.000 kWh que o senhor engenheiro calculou, a sua fórmula exigiria que o consumo do distrito de Lourenço Marques em cada um dos anos desde 1958 a 1975 aumentasse rigorosamente 10.310.802 kWh, nem mais 1 nem menos 1 kWh.

Basta isto para se ver que tal equação, além de contrária a todas as leis estatísticas do aumento de consumo de energia eléctrica, também é contrária ao senso comum.

2. Com este ultimo esclarecimento, o Ministério do Ultramar encerra a polémica.

17.º O direito de reparação de toda a lesão efectiva conforme dispuser a lei, podendo esta, quanto a lesões de ordem moral, prescrever que a reparação seja pecuniária;

18.º O direito de representação ou petição, de reclamação ou queixa, perante os órgãos da soberania ou quaisquer autoridades, em defesa dos seus direitos ou do interesse geral;

19.º O direito de resistir a quaisquer ordens que infringam as garantias individuais, se não estiverem legalmente suspensas, e de rebelar pela força a agressão particular, quando não seja possível recorrer á autoridade publica;

20.º Haver revisão das sentenças criminais, assegurando-se o direito de indemnização de perdas e danos pela Fazenda Nacional, ao réu ou seus herdeiros, mediante processo que a lei regulará.

§ 1.º A especificação destes direitos e garantias não exclui quaisquer outros constantes da Constituição ou das leis, entendendo-se que os cidadãos deverão sempre fazer uso deles sem ofensa dos direitos de terceiros, nem lesão dos interesses da sociedade ou dos princípios da moral.

§ 2.º Leis especiais regularão o exercício da liberdade de expressão do pensamento, de ensino, de reunião e de associação, devendo, quanto á primeira, impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião publica na sua função de força social, e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos, a quem ficará assegurado o direito de fazer inserir gratuitamente a rectificação ou defesa na publicação periódica em que forem injuriados ou infamados, sem prejuizo de qualquer outra responsabilidade ou procedimento determinado na lei.

§ 3.º É autorizada a prisão, sem culpa formada, em flagrante delicto e nos seguintes crimes consummados, frustrados ou tentados: contra a segurança do Estado; falsificação de moeda, notas de banco e títulos de dívida publica; homicídio voluntário; furto doméstico ou roubo; furto; purla ou abuso de confiança, praticados por um reincidente; falsificação fraudulenta; fogo posto; fabrico, detenção ou emprego de bombas explosivas e outros engenhos semelhantes.

§ 4.º Fora dos casos indicados no parágrafo antecedente, a prisão em cadeia publica ou detenção em domicílio privado ou estabelecimento de alienados só poderá ser levada a efeito mediante ordem por escrito da autoridade competente, e não será mantida oferecendo o inerminado caução idónea ou termo de residência, quando a lei o consentir.

Poderá contra o abuso de poder usar-se da providencia excepcional do *Habeas Corpus*, nas condições determinadas em lei especial.





TED DEELEY e JOHN LEECH numa cena da maravilhosa revista «Holiday on Ice, 1958», em exibição no Coliseu dos Recreios

TOUROS EM SANTARÉM

Espectáculo para maiores de 12 anos

DOMINGO, 1 DE JUNHO DE 1958

Pelas 22 h. (10 da noite) — Dia do Cavalo

na GRANDE FEIRA DO RIBATEJO

Grandioso festival em que serão lidados 7 lindos e gordos touros, 7.3 para cavalo do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Mendes Nuncio, e 4 para pé do Ex.^{mo} Sr. Alberto Cunhal Patricio.

CAVALEIROS — Luiz Filipe Rebelo da Gama, José de Barahona Nuncio, José Maldonado Cortes, que generosamente colaboram neste espectáculo.

ESPADAS — Pepe Caceres, e José Trincadeira, que lidarão 4 touros em pontas, 4.

FORCADOS — Amadores, da Escola de Regentes Agrícolas, de Santarém, capitaniados por Luiz Freire Gamêiro.



Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Há já alguns dias que ficou estabelecido por perfeito acordo entre o actor José Gamboa, os autores da revista «Lisboa em festa» e a empresa do Teatro ABC, que aquele artista não participaria do seu desempenho na sua próxima representação no Teatro Avenida.

Seguiu da Beira para o interior da provincia de Moçambique o conjunto de artistas «Saudades de Além-Mar», dirigido pelo cantor Luis Pizarra.

Oportunamente, a companhia de que faz parte o actor Procópio Ferreira, representará, oportunamente, no Porto, a comédia «Briga em família», que amanhã deve subir á cena no Teatro Monumental.

Está novamente em Luanda o actor João Villaret, que só no dia 10 de Junho e por via marítima segue para Lourenço Marques.

No paquete «Vera Cruz» e vinda do Brasil, chega hoje a artista Amália Rodrigues.

Antes de seguir para o Brasil, o actor Raul Solnado, participará da interpretação do novo filme português «O Tarzan do quinto esquerdo».

Na TV Portuguesa e sob a direcção de Artur Ramos entrou em ensaio a peça «A Intrusa», de Meeterlink.

E' provável que os artistas Mimi Gaspar e Tomé de Barros Queirós não possam, no decorrente ano, voltar ao Brasil, a cumprir um contrato, já há tempo firmado.

Foi convidado a deslocar-se a Bruxelas o Rancho do Douro Litoral que no Porto alcançou o primeiro prémio do concurso folclórico «Maio florido».

O actor Artur Semedo continua contratado da empresa do Teatro Monumental.

Restaurantes

O mais esmerado serviço de cozinha portuguesa.

Preços muito acessíveis

Rua Jardim do Regedor, 37, 1.^o

Telefone 24669

Bailado

Recital de Ruth Ashwin

No Teatro Nacional D. Maria II, no dia 31, ás 18 horas, efectua-se um espectáculo de «ballet» em que se apresentará um grupo de jovens bailarinos dirigido por Ruth Ashwin. Colabora neste espectáculo Christa Studer, aluna de Madame Legat.

Primeiras exhibições

«Fuga ao Sol», no Odeon

A selva africana, com os seus mistérios e encantos, a sua flora magnificente e a sua fauna variada, são o principal atractivo do filme ontem estreado no Odeon, intitulado «Fuga ao Sol», segundo um argumento de George Breakton, cuja cinematização ele próprio dirigiu.

Nas várias sequências em que se conta a história de um milionário ciumento que organiza uma caçada, em pleno Quénia, e por fim deixa de perseguir elefantes para buscar sua mulher e um caçador profissional, que ele próprio atirou para os braços um do outro. Na lista de intérpretes figuram os nomes de John Bentley, Vera Busch e Martin Roddey, que se esforçam por manter os espectadores interessados nas peripécias em que, sucessivamente, se vão enredando.

Entre os complementos, alguns dos quais já foram exibidos naquele mesmo cinema, vimos um gracioso filme de desenhos animados. — Visor 25.

As estreias de hoje

No Roma

Título — «Duelo de gigantes».

Produção — Americana.

Argumento — Dois irmãos, que seguem caminhos opostos, mas que amam a mesma mulher.

Intérpretes — James Stewart, Angie Murphy, Dan Dury e Dianne Foster.

Processo — «Technirama» a cores.

Classificação — 12 anos.

Palavras cruza das

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3050

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									

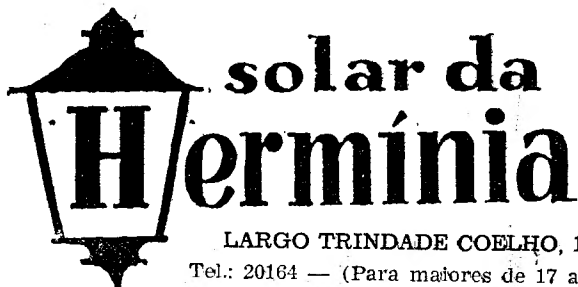
HORIZONTAIS: 1 — Bairro de Lisboa. 2 — Espaço. Aniversário. 3 — Gerasse. 4 — Dirige-se. Larva das feridas dos animais. 5 — Pronunciar. 6 — Artigo definido. Nota musical. 7 — Sufixo que designa abundancia. Cantão suíço. 8 — Reis. Logo que. Símbolo químico do nióbio. 9 — Toste. Espécie de tomilho. 10 — Corridas desordenadas. 11 — Queimo. Irra!

VERTICAIS: 1 — Entre nós. Frívolo. Casta. 2 — Arrostar. Restos mortais. 3 — Aptidões. Senhores. 4 — Progenitor. Que é formado de partes semelhantes. 5 — Heroína francesa. 6 — Pelos de certos animais. Uivara. 7 — Relativo ás ilhas. Escarnecer. 8 — Causara dor. Contaminar. 9 — Pertences. Sapo do Amazonas. Pé.

Solução do problema n.º 3049

HORIZONTAIS: 1 — Retomaram. 2 — Ecoei. 3 — Sem. Ari. 4 — Cl. Que Ut. 5 — Julia. 6 — Caiaram. 7 — Pá. Sr. H. 8 — Ais. Pró. 9 — Lais. Ciar. 10 — Mela. 11 — Se. Ser. Lâ.

VERTICAIS: 1 — Rosca. Palas. 2 — El. Caia. 3 — Tem. Já. Sim. 4 — Oc. Quis. Sés. 5 — Modulara. Lâ. 6 — Aa. Eira. Cor. 7 — Ria. Aa. Pia. 8 — Ru. Mira. 9 — Mula. Força.



LARGO TRINDADE COELHO, 10-11

Tel.: 20164 — (Para maiores de 17 anos)

ALMOÇOS — JANTARES — CEIAS — Fados e Guitarradas

As marcações para o jantar só poderão ser respeitadas até ás 21.30.

A «BOITE» QUE MANTÉM CONSTANTEMENTE UM EXTRAORDINÁRIO PROGRAMA DE VARIEDADES

ADULTOS
MAIORES 17 ANOS

Pasapoga

TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137

Amparito Valcanera
Hermanos Antunez
MARIA DEL ROCIO
y LUIS PALACIOS

Ballet MONT Z SERGIO
E A SUA ORQUESTRA

DAS 17,30 AS 20 MATINÉE-DANÇANTE

BREVEMENTE
SENSACIONAL
ESTREIA

BUDDY BRADLEY

A ARROJADA MARAVILHA QUE ENCHEU O MUNDO DE ESPANTO!

2.ª SEMANA Adão e Eva

com CHRISTIANE MARTELL e CARLOS BAENA

A HISTÓRIA DO PRIMEIRO AMOR E PECADO NO MUNDO QUE DESPERTOU NA HUMANIDADE UM INFERNO DE DESEJOS

EM EASTMANCOLOR

GRANDE EXITO no
POLITEAMA

Exclus. da
IMPERIAL
FILMES

ADULTOS
MAIORES
17 ANOS

VIOLA

Casa
Celeste
Rodrigues

Com espectáculo de
Fados e
Canções
para maiores
17 anos

Leiam o jornal humorístico



MIMI GASPAR

MARIA VITORIA

2 SESSÕES, ás 21 e 23 horas
ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS

AS MARCAÇÕES SÓ SÃO RESPEITADAS ATÉ AS 17 HORAS DE HOJE IMPRETERIVELMENTE

AMANHÃ — ESTREIA
DA NOVA REALIZAÇÃO DA EQUIPA DE
SALVADOR
A REVISTA POPULAR

ABAIXO AS SAIAS

COM
ANTÓNIO SILVA
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
TERESA GOMES
HUMBERTO MADEIRA
RAUL SOLNADO
EMÍLIO CORREIA

A ATRACÇÃO
MIMI GASPAR - TOMÉ DE BARROS QUEIRÓS
E A VEDETA ESPANHOLA
JULITA LEAL



TOMÉ DE BARROS QUEIRÓS

DE NOVO O FILME QUE INAUGUROU O **SÃO JORGE**

UMA OBRA DE
INCOMPARÁVEL
PROECÇÃO AR-
TÍSTICA, UM ÊXI-
TO INOLVIDÁVEL!

A MELHOR DIREC-
ÇÃO ARTÍSTICA!

A MELHOR MÚSI-
CA!

OS MELHORES CE-
NÁRIOS!

UM ACONTECIMENTO
QUE TRANSCENDE A
MAIS OUSADA FAN-
TASIA...

HOJE
AS 21,15 NO

SÃO JORGE

Devido á extensão do programa as sessões principiam respectivamente ás 15.00 — 18.00 e 21.15

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — **DUELO DE GIGANTES** — ROMA

SÃO LUIZ

A's 15.15 e 18.15
(p. r.) e 21.30
(17 anos)

PROIBIDO AOS HOMENS
com Nicole Courcel — Dany Carrel
e Juan Desny
No palco: 1.º espectáculo da tarde
e á noite, êxito apoteótico!
Os reis da musica brasileira

EDEN

15.30 - 18.30 e 21.30
(17 anos)

AMARTE-SE SEMPRE
Sacrificou o amor dos seus, a sua
consciência, o respeito de todos... e...
contudo o seu amor, era um amor im-
possível.
Amanhã, ás 21.30: «CRUEL VITÓ-
RIA» — (17 anos).

CONDES

15.15 - 18.15 e 21.30
(17 anos)

TEU FILHO DEVE NASCER
com Marga Lopez
Amanhã, ás 21.30: «PARTO SEM-
DOR» — (17 anos)

ALVALADE

A's 15.45 (p. r.)
e 21.45 (17 anos)

Uma comédia fran-
cesa que é uma lu-
fada de frescura e
alegria
PROIBIDO AOS HOMENS
com Nicole Courcel — Yvan Desny
e Dany Carrel
26 lindas raparigas fundam o clube
Interdito aos homens.

AVIS

A's 15.30 (p. r.)
e 21.45 — (12 anos)

HORAS DE SONHO
com David Niven, Vera Ellen
e Cesar Romero

TERRAS

A's 21 — (17 anos)

UMA AVENTURA EM VENEZA
A bela moleira

TIVOLI

Uma obra-prima
empolgante

O MAR PARA ELES NÃO ERA AZUL

com Hanjörg Felmy,
Sabine Bethmann e Wolfgang Preiss

POLITEAMA

HOJE, ás 21.30

2.ª semana triunfal
do arrojado filme
em nudismo artístico

ADÃO E EVA
com Christiane Martell e Carlos Baena
Eastmancolor — Cinepanorámico
(Adultos — Maiores 17 anos)

A's 18.15: 11.ª sessão da famosa sé-
rie «Os grandes romances de amor» —
NUNCA DIGAS ADEUS — em tecni-
color, com Rock Hudson e Cornell
Borgers.

Passagem de modelos de Sérgio Sampaio
(Adultos — maiores 12 anos)

ROMA

A's 21.45 (12 anos)

DUELO DE GIGANTES
com James Stewart e Dan Duryea

CAPITÓLIO

A's 21 — (12 anos)

FURIA DE VIVER
Cinemascope
com James Dean

SEM CONSCIENCIA
com Humphrey Bogart

RESTELO

A's 21.15 (17 anos)

DEUS LHE PAGUE
com Artur de Cordova

ROYAL

A's 21 — (17 anos)

A REBELDE
com Sarita Montiel
e Joaquim Cordero

IMPERIO

A's 15.15 e 21.30
(17 anos)

2.ª SEMANA
Duvivier apresenta
o grande Fernandel
num monumento de
gargalhada

O HOMEM DO IMPERMEÁVEL

SÃO JORGE

HOJE, ás 21.15
(Maiores 12 anos)

De novo no ecran
o filme que inaugu-
rou o São Jorge

OS SAPATOS VERMELHOS
Moira Shearer — Ludmilla Tcherina
Technicolor

A's 15.15 - 18.15 — Últimas — (M. 17 anos)

O DELINQUENTE DELICADO

MONUMENTAL

A's 15.15 e 21.30
(17 anos)

A melhor comédia
dos últimos 1958
anos!

OS MEUS 3 NAMORADOS
com Jane Powell — Cliff Robertson

A's 18.15 — **NEM SEMPRE O CO-
RAÇÃO MANDA** — Sessão da Obra
Noelista de Palma — (12 anos).

ODEON

A's 15.30 e 21.30
(17 anos)

Um filme rodado
em plena selva
africana
FUGA AO SOL
com John Bentley, Vera Fusek
e Martin Bodley

CINEMA IDEAL

A's 21 — (17 anos)

FOLHAS DE OUTONO
Corrupção

LIZ

A's 21 (12 anos)

FLAMENCA
Veneno de cobra

CASINO ESTORIL

A's 21.30
(17 anos)

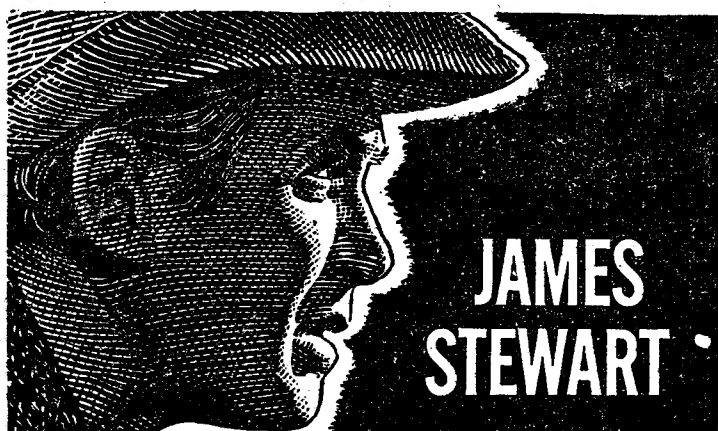
MEIAS DE SEDA
com Fred Astaire

HOJE no

ROMA

Maiores de 12 anos

Telef. 727778



AUDIE MURPHY

TECHNIRAMA.
TECHNICOLOR.

Duelo de Gigantes

Com a grandeza espectacular do TECHNIRAMA, um romance de amor e violência.

Exclusivo DOPERFILME

ÚLTIMOS DIAS — só hoje e amanhã
a preços populares



Nunca se viu tão grandioso espectáculo a preços
tão baixos:
Galeria 15\$00 — Geral reservada 30\$00 — Ca-
deiras 60\$00 — Camarotes de 2.ª 200\$00 e 250\$00
Camarotes de 1.ª 300\$00.
Excelente visibilidade de qualquer lugar.
Que ninguém perca esta oportunidade de ver ao menos uma vez na
vida esta deslumbrante fantasia no gelo.
Hoje, dois espectáculos: ás 16 h. para m/ 6 anos; ás 21.30 h. para
m/ 12 anos; á tarde, as crianças até aos 10 anos, devidamente acompa-
nhadas, têm entrada gratuita.
Amanhã, ás 21.30 h., ultimo espectáculo a preços populares.

Sapataria

ORION

Apresenta em exclusivo Ta-
manças italianas com salto
em alumínio pulido, a

180\$00

R. Carrett, 42—Tel. 25943



BAR RIBATEJO

Praça do Areeiro, 11-D — Telef. 724111 — até ás 3.30
CAFÉ DE TIMOR, EM BALAO — INCONFUNDIVEL!
DOÇARIA CASEIRA

UMA PEGA 6\$50 — UM «SUPER» 15\$00

CASINO ESTORIL

HOJE, no «WONDER-BAR»
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Jantares e Ceiás
conjuntos: OLIVER e HELDER
REIS
(Adultos-maiores de 17 anos)

Disputa-se hoje a famosa corrida das 500 milhas de Indianapolis

Disputa-se hoje a corrida de Indianópolis (500 milhas), a mais importante prova dos Estados Unidos. Dos 56 carros inscritos foram qualificados 33, que é o número máximo admitido nesta prova.

Nas provas de qualificação, o famoso Bob Veith conseguiu a elevadíssima média de 233 quilómetros/hora, mas Ed Elisian, um outro grande favorito, conseguiu fazer a média de 234.790 quilómetros, batendo o record de Pat Flaherty, estabelecido em 1956. Um pouco mais tarde, porém, Dick Rathman, um veterano de Indianópolis subiu ainda a marca ao efectuar o circuito à média de 234.870 quilómetros.

Na opinião dos técnicos, inicia-se este ano uma nova era na construção automóvel. A despeito de os regulamentos exigirem que os motores sejam mais pequenos — cilindrada máxima 255 polegadas cúbicas contra 270 de há dois anos — vão ser atingidas velocidades nunca obtidas anteriormente. Os novos carros são mais leves e mais estreitos.

Os seis primeiros classificados nas provas de qualificação são os seguintes: 1.º Dick Rathman, conduzindo um «Watson»; 2.º Ed Elisian («Zink»), 3.º Jimmy Reece («Zink»); 4.º Bob Veith («Bowes Seal Fast»); 5.º Pat O'Connor («Sumar»); e 6.º Johnnie Parsons («Gerhardt»). Todos os carros indicados são fabricação especial.

Em ALVALADE—SADO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fidei» são vendidos por António D. S. Ferreira.

VIDA MUSICAL

«Pró-Arte»

A delegação da «Pró-Arte» no Mobil Clube promove esta noite, às 21.30, um concerto na sala de concertos do Conservatório. Apresentar-se-á a um concerto a Orquestra Filarmónica de Lisboa (conjunto de câmara), dirigida pelo dr. Ivo Cruz, tendo como solista a professora D. Maria Malafaia (cravo).

Audição de «Polyphonia»

Amanhã, às 22 horas, na igreja de S. Roque, haverá uma audição, pelo coral «Polyphonia», dedicada aos «Amigos de Lisboa», com obras de compositores portugueses dos séculos XV e XVI. A inscrição faz-se na sede do grupo e encerra-se amanhã, ao meio-dia.

Musica popusar portuguesa

Os alunos da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa promovem, amanhã, às 21 e 30, um recital de musica popular portuguesa, pelo coro da Academia de Amadores de Musica, dirigida por Fernando Lopes Graça.

O recital efectua-se na Sociedade Nacional de Belas-Artes e a entrada é livre.

Concertos «Collegium Musicum»

O Conservatório Nacional organizou para amanhã às 21 e 45, o primeiro duma série de dois concertos dedicados a Mozart, integrados na série «Collegium Musicum», nos quais serão executadas obras para piano a quatro mãos, na interpretação dos professores Varela Cid e Abreu e Motta.

Do programa constam as seguintes obras: «Fuga em Sol m.», «Fantasia em Fá m.», «Sonata em Si bemol m.», «Tema e variações», «Fantasia em Fá m.» e «Sonata em Ré m.». O segundo concerto efectua-se no dia 9 de Junho.

Audições escolares

O Conservatório Nacional efectua amanhã, às 17 e 15, a 15.ª audição escolar do presente ano lectivo, que tem a colaboração das seguintes alunas, da classe de piano da professora Isabel Manso: Maria Francisca de Sá Marques, Maria Elvira de Almeida Palma, Maria Helena Saldanha de Almeida, Maria da Conceição Fernandes, Maria Isabel Oliveira, Graciete Coração Filipe e Ester Careta Joia.

Concerto no Pavilhão dos Desportos

Efectua-se no próximo domingo, às 14 horas, no Pavilhão dos Desportos, mais um concerto pela banda da G. N. R. cujo programa é o seguinte: «Egmont» (abertura), de Beethoven; «2.ª Sinfonia», de Beethoven; «Pavane pour une Infante Défunte», de Ravel; «Esboços orquestrais», de Wenceslau Pinto; e «Daphnis et Chloé» (fragmentos sinfónicos), de Ravel. O concerto é dirigido pelo maestro capitão Alves Ribeiro, e a entrada do publico é absolutamente livre.

Sociedade de Concertos de Lisboa

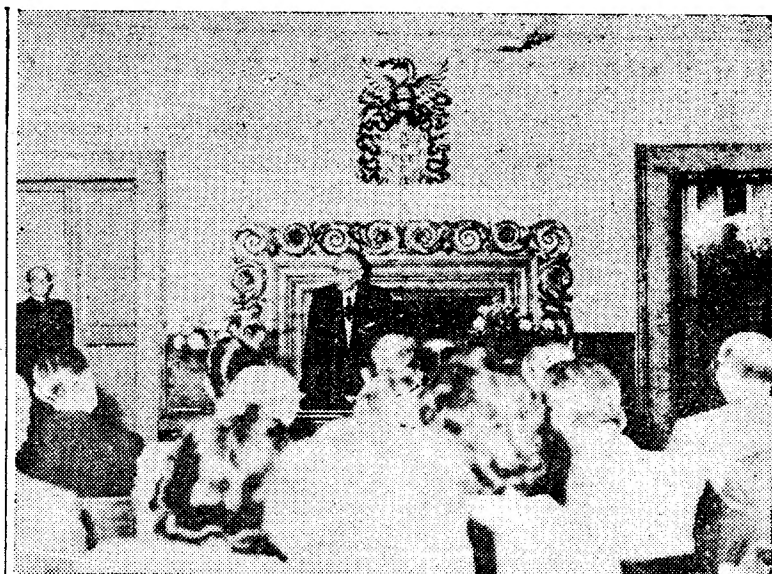
O oitavo e ultimo concerto da presente temporada da Sociedade de Concertos de Lisboa, efectua-se no dia 4 de Junho, às 18 e 30, no Cinema S. Luís, constando dum recital de violino por Ruggiero Ricci.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha



Esta fotografia foi obtida há dias na Embaixada de Portugal em Roma, no momento em que o nosso colaborador, sr. dr. A. Ferreira de Almeida, ali proferia uma conferência intitulada «A Itália vista por um Português». Durante a sua estadia em Itália, donde já regressou a Lisboa, o dr. Ferreira de Almeida foi recebido em audiência pelo Padre Santo, a quem ofereceu um exemplar do seu livro «As mais belas catedrais de Itália».

PUBLICAÇÕES

«Actividades Económicas»

Recebemos o n.º 20 da revista, «Actividades Económicas», onde, entre outros estudos de natureza económica e financeira, se destacam os seguintes: «As contas nacionais. Portugal e a organização europeia de cooperação económica. O tipo de desenvolvimento económico que se quadra a Portugal», pelo prof. Guilherme Rosa; «A crise económica madeirense», pelo visconde do Porto da Cruz; «A recente evolução económica da China Continental», pelo dr. Oliveira Hagatong; «O ensino de formação corporativa nas escolas técnicas», pelo dr. Luís Pinto de Campos.

Neste numero, Ildefonso Leitão, em entrevista feita pelo prof. Simões Lopes, presta algumas declarações sobre a renovação do Acordo Comercial Luso-Brasileiro. E, ainda, em desenvolvida reportagem presta-se homenagem à figura do falecido eng. João Barbosa Carmo.

«Documentos do Arquivo Histórico da Camara Municipal de Lisboa»

Está publicado o segundo volume de «Documentos do Arquivo Histórico da Camara Municipal de Lisboa» (Livros de Reis), compreendendo 178 documentos dos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, dos códigos 10, 11 e 18. Trata-se de uma edição dirigida cuidadosamente, revestindo-se as transcrições de interesse extraordinário, principalmente para os estudiosos e para os olisiponenses. Pelas cartas, alvarás e outras determinações régias, o leitor apaixonado pelos assuntos relacionados com a vida, crescimento e importância da que viria a ser a primeira cidade do País, poderá ficar com uma ideia de como se processou, no tempo, a organica da cidade e da sua instituição municipal.

«Colectanea Olisiponense»

Vai ser posto á venda o segundo volume da «Colectanea Olisiponense», de artigos publicados, em revistas e jornais, por J. M. Cordeiro de Sousa. Trata-se de uma publicação editada pela Camara Municipal de Lisboa, de excelente aspecto gráfico e inserindo valiosas gravuras relacionadas com o texto.

Para ver Lisboa

por um óculo...

No Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, effectou-se hoje, às 10 horas, a hasta publica para a concessão de locais para a instalação de óculos de grande alcance no Castelo de S. Jorge, nos Montes Claros, nos Miradouros de Santa Catarina e de Santa Luzia e no Monte Agudo, á Penha de França. A ocupação dos referidos locais será concedida a título precário e pelo prazo de dez anos, podendo depois este ser prorrogado por iguais períodos.

Os óculos a instalar deverão encontrar-se em bom estado de funcionamento, condições de visibilidade perfeitas e compatíveis com o objectivo da instalação. Os preços-base mensais da ocupação eram, respectivamente: 100, 100, 100, 80 e 50 escudos.

Para ocupação duma loja municipal

Efectuou-se hoje, às 11 e 30, no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, a hasta publica para ocupação, a título precário, pelo prazo de 10 anos, da loja municipal existente na rampa de acesso á Estação do Rossio, destinada a pastelaria, ou bar. O preço-base mensal da ocupação era de 1.000 escudos.

Academia das Ciências

A Academia das Ciências reuniu-se esta tarde, em sessão plenária. A sessão, presidida pelo sr. dr. Julio Dantas, principiou ás 16 horas, iniciando-se os trabalhos pela leitura do parecer da comissão revisora de contas da gerência de 1957.

LUSO

T. da Queimada, 8-17
Telef. 32889

ADULTOS — 17 ANOS
HOJE (até de madrugada) Fados e Canções.

Extraordinária «Soirée» com uma «Parada de artistas». Em «Festa artística» de

CONSTANÇA NUNES
AMANHÃ — Espectáculo de homenagem a

MANUEL ALCOBIA

AMANHÃ

EDEN

O FILME DE NICHOLAS RAY
APRESENTADO NO
FESTIVAL DE VENEZA!

RICHARD BURTON · CURT JURGENS
RUTH ROMAN · RAYMOND PELLEGRIN

CRUEL VITÓRIA
BITTER VICTORY

ADULTOS
CINEMASCOPE

«LUCINANTE
NA
SUA
SIMPLICIDADE!
IMPLÁCAVEL
NA
SUA
GRANDEZA!»

TEATRO Monumental

HOJE E AMANHÃ

Maiores
12
ANOS

ULTIMOS DIAS
do original de HENRIQUE SANTANA
UM FANTASMA CHAMADO ISABEL

NO ELENCO
Laura — Procópio — Assis — Costinha
HOJE às 18.15 h. (para t. m. de 6 anos)
BALLETS DE LISBOA



Procópio Ferreira

ESTA SEMANA
(PARA ADULTOS
Maiores de 17 anos)
BILHETES A VENDA



Hamilla Rodrigues

Precópio Ferreira AUTOR E INTÉRPRETE DE
BRIGA EM FAM LIA

UMA
COMÉDIA
PARA
R I R



Susana Prado



Paulo Renato

NÃO RI, QUEM QUER
SÓ RI!
QUEM FOR VER
ESTA PEÇA

CALIPSO

Praça da Alegria, 56 — Telef. 34120

EXITO DO

BALLET AMERICANO

WILBERT BRADLEY DANCERS

UMA ATRACÇÃO DIGNA DAS GRANDES CAPITALS

CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

Impressões e confissões

colhidas e recolhidas em casa do general Humberto Delgado



No pequeno gabinete de trabalho, a leitura dos jornais revela-se, agora, tarefa mais instantânea

(Continuação da 1.ª página)

ponível... — está uma visão quase picassiana do castelo de Leiria. A tendência para a pintura moderna justifica-se: o general Humberto Delgado, para a amar, precisou de aprender a conhecê-la: frequentou um curso de crítica de arte na Universidade de Montreal.

A primeira identificação

Não é, porém, uma casa rica, esta em que se penetra: é uma casa de bom gosto e nela reside, com a esposa e os três filhos, o candidato, que a si mesmo se qualifica de independente, à Presidência da República...

Tudo, aqui, reflecte um espírito de ordem e de trabalho, porque, do sofá se vê, na sala à esquerda, a mesa do general coberta de papéis acabados de compilar. E ali que ele passa muitas das dezassete horas que diariamente consagra às suas tarefas. A seu lado, como a partir do dia em que se casou há vinte e cinco anos, está sua esposa, sr.ª D. Maria Iva. Desse casamento feliz, harmonioso, de constantes testemunhos de ternura e compreensão, nasceu uma pequena descendência de Ivas e Humbertos: Humberto Iva, o filho mais velho, que tem hoje 24 anos e é tenente aviador; Maria Humberta, de 18 anos, que completa agora o curso do liceu; e Iva Humberta, de 17, que completa, também, o curso liceal.

Pais e filhos falam tão correctamente o inglês e o francês como a própria língua pátria. Mas a superioridade do pai, que domina per-

feitamente o espanhol, as jovens filhas, opõem uma agilidade tão grande na identidade do inglês que se fala na América, que são capazes de distinguir um habitante de Manhattan de um cidadão de Chicago...

Uma alma portuguesa

O dia começa cedo no quinto andar da Rua Filipe Folque. As aulas reclamam a presença das mais jovens. Para a mãe, os trabalhos de direcção da casa ou, para o pai, o cumprimento dos seus deveres de cidadão, mandam que o toque da alvorada soe de facto bem cedo. Dinamismo, uma espécie de «fair play» caracteriza este «home» que, nem pelo facto de ressumbrar um certo cosmopolitismo, deixa de ser estruturalmente português, patriarcal e sedutoramente tradicionalista.

O general Humberto Delgado no seu impulso de amor pelos filhos e no desejo de os colocar perante ideias diferentes, levou as pequenas de então Maria Humberta e Iva Humberta — a Ivinha, como amorosamente lhe chamam lá em casa — para países onde os seus altos e honrosos cargos oficiais o chamavam. Mas o culto da pátria distante traduzia-se em actos de civismo, públicos e privados. No Canadá, quando chegava a voz da Pátria, através da Rádio, ele se ouvia o hino nacional, todos se erguiam e perfilavam; na escola, as filhas escreviam exercícios de redacção sobre o amor da Pátria distante, que se tornaram «lit-motiv» literário...

—Procuo que minhas filhas sejam mulheres do seu tempo — costuma dizer o general Humberto

Delgado — capazes de governar a sua vida e estar ao par, compreensivamente, dos problemas actuais. E, para isso, se tudo correr como pensam a Maria Humberta, a mais velha, será comerciantista e a Iva Humberta advogada.

Um lugar á mulher

Dentro do programa político do general Humberto Delgado, aliás, cabe a doutrina que ele próprio promete converter em facto: dar á mulher portuguesa uma mentalidade actual e uma paridade de direitos consentaneos.

Não é uma indignidade que a Portuguesa não tenha o direito de se ausentar do País sem licença de seu marido? Que este tenha o direito de ir cobrar os honorários do seu trabalho? E que em matéria de voto os seus direitos estejam tão abaixo de os do homem?

Ali, naquele quinto andar, todos estão de acordo. E, se bem que todos tenham ideias originais, ninguém diverge em pontos de ordem política. Neste aspecto, a família tem uma só opinião:

—O general Humberto Delgado tem muitas probabilidades de ser eleito!

E porque assim é, todos trabalham para o êxito da sua candidatura: D. Maria Iva, sua esposa, sempre a seu lado e ao par de todos os pormenores do processo da campanha escreve á máquina, lê os textos, medita-os, comenta-os — critica-os. E o general ouve-a e aceita as suas sugestões com admirável compreensão. Habitou-se a esta colaboração da esposa, quando há vinte e cinco anos se casaram e ele era apenas aluno da Politécnica. Foram, para D. Maria Iva, seis anos de estudos aturados, debruçada sobre os livros e os trabalhos do marido, cuja fulgurante inteligência acompanhava. Nem os cuidados do filho que nascia meses depois do casamento, a desviaram dos seus cuidados de camarada do marido. E quando, mais tarde, este cursou o Estado-Maior, era ainda a cabeça de sua jovem esposa que atentamente se debruçava sobre os seus livros e trabalhos, comentando-os e seguindo-os, durante três anos consecutivos. Por isso, por brincadeira, costumavam ambos dizer:

—Quando nós fizemos o curso do Estado-Maior...

Ela era a melhor

Activa, D. Maria Iva educou os filhos no sentido da acção. Uma acção que não se contendo em casa, se traduz nas suas intensas activi-



Os serões, em casa do general Humberto Delgado, não são em regra muito concorridos. A família reparte-se pelos locais de estudo. Mas entre marido e mulher ficam sempre alguns minutos para a sua sempre constante troca de impressões, sobre tudo que se refira á vida de todos ou apenas do candidato á Presidência da Republica

dades de noelista prática: é este ano superintendente dos paramentos no núcleo de S. Sebastião e colabora na obra de apostolado ás maternidades.

Na casa, que dirige, superintendendo nos mais pequenos pormenores, nas horas vagas e racionalmente escalonadas, ainda lhe sobra tempo para acompanhar os estudos das filhas; os trabalhos do marido; fazer «tricot» ou «crochet»; ler e tocar o seu Chopin predilecto...

Foram tantos predicações que levaram os cronistas mundanos de Washington a escrever que se fosse possível atribuir o título de «a melhor» esse seria para a esposa do nosso representante aeronáutico. O seu lar, as suas recepções, a alegria cativante e comunicativa da família, o ar feliz e o lugar que cada coisa ou palavra ia ocupar em quantos os rodeavam, tudo isso parecia — e era-o em boa parte — devido a Mrs. Humberto Delgado.

Educação democrática

E sem que nunca esquecessem Portugal e o seu povo, mais — tantas vezes! — do que as suas forças consentiam, as recepções tinham

um cunho amorosamente evocativo: havia sempre canções, músicas, poesia, trajes portugueses, nessas reuniões que mais do que festas eram elos de amizade e curiosidade criados á volta da doce pátria distante. Não iam as pequenas á rádio, á televisão, onde quer que coubesse o nome de Portugal, para lembrar Portugal?

Falando de suas filhas — visto que do filho, colocado na Base Aérea n.º 3 da Ota, nos aviões de jacto, e instrutor de voo sem visibilidade, ele falará por si — o general Humberto Delgado costuma dizer:

—A mãe educou-as no sentido da acção... por mim, tenho desenvolvido nelas um sentido de autonomia democrática.

E' essa noção de mentalidade democrática, coadada pelo equilíbrio de uma tradição patriarcal, que dá hoje ás jovens Maria Humberta e Iva Humberta um admirável sentido de exercício social. De facto, Maria Humberta, sobretudo, é uma curiosa personalidade de mulher: quer tirar o curso de Económicas e Financeiras, estuda a sério a história do cinema, lê tudo, incluindo os jornais, da primeira á ultima página, sem menosprezo pelo artigo de fundo, os telegramas do estrangeiro e os anúncios. E' enérgica, como sua irmã fez «ski» no estrangeiro — aqui, em Portugal, além da natação, no Verão, dançam, no Inverno... — e ainda lhe sobra tempo e gosto para secretariar seu pai.

«Miss» Maria Humberta, um triângulo rosto, oval e engraçado, uma cabeça moderna e uma silhueta de sifide, é uma jovem entusiasta. Fala e age, como se tivesse a certeza de que seu pai será Presidente da República. Talvez seja, embora o não confesse, das três senhoras, a que tem mais esperança no êxito da eleição do sr. general Humberto Delgado.

A posse do «facho»

Iva Humberta é contrastante. Mais pequenina; mais mate, mais suave. Como sua mãe, consagra-se ás obras piedosas. Está a organizar um grupo de vicentinas que é o primeiro que vai funcionar em liceus. O Bairro da Pedreira do Hilário é o seu forte de consciência e amor pelo próximo. Ali tem os seus protegidos. E ali, ajudada por colegas, fez o recenseamento da pobreza.

Este é, pois, o ambiente moral e familiar de um dos mais prestigiosos candidatos á presidência da República. O lar é o seu quartel-general; a família o seu estado-maior. Isto, muito embora o general Humberto Delgado seja da opinião de que os militares não são para fazer política mas para vigiar a integridade da Pátria, contra perigos estrangeiros.

—Justifica-se um 28 de Maio, mas só até á altura em que as circunstâncias não permitam a transmissão de poderes dos militares para os civis. E' por isso que eu, se for eleito, me não sentirei obrigado a cumprir o meu mandato. Para ser coerente, cumprir-me-á passar o facho a quem dele competir tomar a posse.



HOTEL EMBAIXADOR

apresenta hoje e todas as noites

a Orquestra Napolitana de Vincent Corvasce

(Maiores de 17 anos)

Todos os domingos: Das 17 e 15 ás 19 e 15, «matiné» dançante com Vincent Corvasce. Preço, Esc.: 25\$00, incluindo chá completo

Para lanches de casamento, banquetes e «cocktail parties», consulte o Hotel Embaixador, garantia de um esmerado serviço num ambiente de deslumbrante beleza

GARRAFAS AMERICANAS

«PYREX»

PARA 1 LITRO 57\$50
1 1/2 73\$50



Servem á mesa...
...dando-lhe beleza

À VENDA NOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS

FIP-58

FEIRA DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS

Hoje, das 17 às 24 horas

GRANDE SORTEIO DE PRÉMIOS

a que se habilitam todos os visitantes pelo número do seu bilhete de entrada

* * *

As bilheteiras fecham às 23.45, para se proceder ao sorteio, para o qual foram estabelecidos hoje os seguintes prémios:

- 1.ª—Uma máquina de costura «Oliva»
- 2.ª—Um fogareiro «Lutito», da «Fundição de Oeiras»
- 3.ª—Um relógio «Reguladora»
- 4.ª—Dois pijamas de popelina e duas camisas «Regojo»
- 5.ª—Quatro camisas «Regojo»
- 6.ª—Um colchão pneumático «Repimpa»
- 7.ª—Bombons, bolachas, caramelos e massas alimentícias «Alliança»
- 8.ª—Um corte para fato de tropical «Fibrylon»
- 9.ª—Uma caixa de bombons «Regina»
- 10.ª—Uma caixa de bombons «Favorita»
- 11.ª—Um jogo para acepipes «Estoril», da «Vista Alegre»
- 12.ª—Um fogareiro a gás «Cidra»
- 13.ª—Trinta pacotes de leite «Primor»
- 14.ª—Uma mala com três garrafas de espumante das «Caves da Raposeira»
- 15.ª—Uma boneca «Rubia»
- 16.ª—Três garrafas de licor «Malaposta»
- 17.ª—Uma caixa de sabão em barra «Macedo e Coelho»
- 18.ª—Três garrafas de licor «Ancora»
- 19.ª—Uma caixa de chocolates «Marquise»
- 20.ª—Um balde e bacia «Baquelite Liz»
- 21.ª—Seis frascos e latas «Supersumos»
- 22.ª—Seis garrafas de concentrado de laranja «Oranjina-C»
- 23.ª—Uma lata de drops «São Boaventura»
- 24.ª e 25.ª—Despertadores «Reguladora»
- 26.ª—Cinco latas de fiambre, salchichas, chouriços e pasta de carne «Tobom»
- 27.ª e 28.ª—Fogareiros a petróleo «Hipólito»
- 29.ª—Um cesto com garrafas de licor «Continental»
- 30.ª—Cinco embalagens com artigos de beleza e perfumaria «Hartless»
- 31.ª a 35.ª—Brindes da farinha «Amparo»
- 36.ª—Uma caixa de bombons «Vianense»
- 37.ª—Camurças de limpeza «António Alves & C.»
- 38.ª—Um estojo com aguardente de Alcobça «Jem»
- 39.ª—Seis embalagens de peixe congelado «Gel-Mar»
- 40.ª—Um tapete de banho «Vulcalino»

* * *

Amanhã. DIA DO COMÉRCIO

De ontem para hoje

PRESTANTES SERVIÇOS

NUMA cerimónia simples, fora das máquinas da publicidade, o Chefe do Estado entregou aos seus mais próximos e atentos colaboradores na Presidência da República, distinções merecidas no desempenho das suas funções. Foram esses o dr. Luis Pereira Coutinho (comendador de Cristo), coronel Bento da Franca (oficial de Avis), capitão Octávio Pimentel e primeiro tenente Santos Prado (oficial de Cristo), e José Gaspar (cavaleiro de Mérito Agrícola). A cerimónia, muito íntima, acolheu-se à Sala do Conselho do Palácio de Belém.

TRABALHO E TRABALHADORES

DE 4 a 27 de Junho, Genebra servirá de cenário à Conferência Internacional do Trabalho. Lá irão, representando Portugal, os drs. António Jorge da Mota Veiga, Alexandre Ribeiro da Cunha, João Hall Temido, Julio Monteiro e António Pereira de Torres Feveireiro (delegados governamentais); Eng. Virgílio Preto, dr. António Moraes de los Rios Leitão e Luis Manuel Fragozo Fernandes (delegados patronais); e Mário Silva de Avila, Armando Tavares, dr. Pedro António Monteiro Maury e José Diogo da Silva (delegados dos trabalhadores).

A MORTE HORROROSA

A torneira estava com certeza no lugar menos indicado. E a prova é que o pequeno Armando Gabriel (13 anos, filho de Estêvão Gabriel, Marteleira, Lourinhã), ao abri-la, caiu na amassadeira do barro, revolto pela máquina que o tragou. A volta, petrificados, os companheiros olhavam a mutilação. Um, resolutivo, travou a marcha do engenho, ferindo-se. Mas já não valia a pena. O pequeno já não era o que fora. Tinham o feitiço de uma massa informe os restos do seu corpo, levado ao cemitério. Ficará onde estava, aquela mesma torneira? Não haverá fiscais que lhe imponham protecção? A torneira e as vidas dos que vão seguir-se ao Armando Gabriel.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o comandante Gabriel Teixeira, governador-geral de Moçambique. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o prof. dr. José Beza dos Santos, eng. Duarte do Amaral e Joaquim Oliveira da Silva. * O Chefe do Governo recebeu o comandante Gabriel Teixeira, governador-geral de Moçambique. * Está em Lisboa o chefe do Estado-Maior da Armada belga, comodoro Lambert Robins, que se demorará alguns dias em Portugal. * Na Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional, foi prestada homenagem a Agripino José Martins. Cumpriu 40 anos de serviço e foi remetido à reforma, por ter atingido o limite de idade.

Num carro velho dois Portugueses querem ir a Londres

O espírito aventureiro e empreendedor continua a ser apanágio da gente lusa. A prova está o caso de dois funcionários do aeroporto de Lisboa, Fernando dos Santos Mendonça, de 38 anos, e António Catarino dos Santos, de 32, respectivamente, motorista e fiel de armazém — que se propõem ir até Londres, num pequeno carro «Hillman», de duas portas, descaapotável, construído há cerca de 25 anos.

Ambos traçaram já, cuidadosamente, o itinerário a seguir. E contam com o apoio da firma representante daquela marca de automóveis, que lhes passou uma credencial para as suas congéneres de Espanha e França, a fim destas prestarem toda a assistência técnica em caso de avaria; de uma companhia de seguros, que os obsequiou com um seguro de vida no valor de cem contos para cada um; e, ainda, de uma fábrica portuguesa de baterias, que lhes ofereceu gratuitamente uma bateria para a viagem. Esperam, também, estes dois funcionários da Aeronáutica Civil, obter a protecção e carinho de outras entidades que tencionam visitar brevemente, para que possam levar a bem éxito, aquilo que eles próprios definiram como «Tarefa difícil, mas realizável».

Lista negra

ROMA, 29.—O Automóvel Clube de Itália anunciou que, em 1957, houve no país 188.658 acidentes na estrada, o que representa um aumento de 12,6 por cento em relação ao ano anterior.

Os acidentes do ano passado causaram 6.940 mortes.—(A. N. I.)

Morreram soterrados quatro mineiros

MADISON (West Virginia), 29.—Seis mineiros ficaram soterrados numa mina.

Uma equipa de salvação conseguiu libertar, sãos e salvos, dois deles. Os outros quatro morreram.—(F. P.)

JÓIAS ANTIGAS

E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

O dr. Iriarte Peixoto

recebeu o grau
de doutor em Medicina

As provas de doutoramento do dr. Iriarte Peixoto terminaram hoje com a defesa das proposições postas nos temas «Funções endócrinas dos órgãos glio-vasculares» e «Crítica aos excessos da medicina psicossomática». Foram arguentes os profs. Xavier Morato e Barahona Fernandes. Reunido o júri, o doutorando foi aprovado com 19 valores.

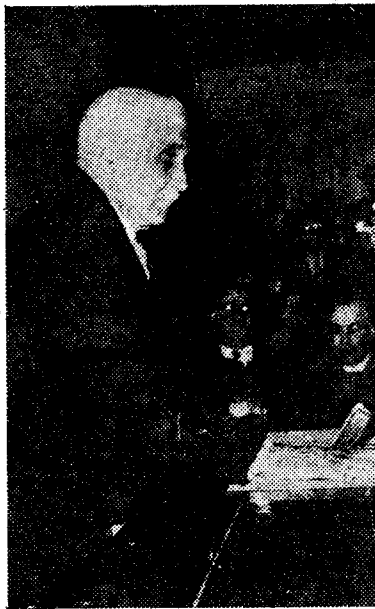
O dr. Iriarte Peixoto formou-se em 1935, com distinção, ingressando no mesmo ano no internato dos H. C. e prestando também serviços clínicos no Hospital Miguel Bombarda com os drs. Sobral Cid e Barahona Fernandes. Criou a primeira consulta de endocrinologia dos H. C. e, recentemente, tomou posse do cargo de director de serviço de doenças infecto-contagiosas.

Abalo sísmico

BUTTE (Montana), 29.—Sentiu-se na região sudoeste do Estado de Montana, um abalo sísmico. Não há vítimas nem prejuízos a assinalar.—(F. P.)

NÃO HÁ DUVIDA!

Para segurança do seu capital deve comprar — Ouro, Prata e Jóias na
OURIVESARIA SANTA FILOMENA
(Jardim Zoológico) — Telef. 783092



DR. BAPTISTA DE OLIVEIRA

A última lição de um professor do Instituto Industrial

Por ter atingido o limite de idade, o sr. dr. Eduardo Maria Baptista de Oliveira deu hoje a sua última aula no Instituto Industrial de Lisboa onde, há vinte e oito anos, ensinava Organização Industrial e Orçamentos e Contas de Obras.

A esta última lição, numa prova concludente da simpatia que todos sentem pelo dr. Baptista de Oliveira, assistiram o eng. Jacinto Bettencourt, director do Instituto, os actuais e antigos professores daquele estabelecimento de ensino, os últimos representados pelos srs. engs. Carlos Lacombe, Bernardo Vila Nova e Ricardo Graça, e a quase totalidade dos alunos finalistas do Instituto, discípulos do mestre que se despede.

Estavam, também, presentes a esposa, filho e nora do dr. Baptista de Oliveira, que durante perto de quarenta e cinco minutos dissertou sobre modalidades de seguro, último capítulo do curso de Organização Industrial que ministrou durante o corrente ano escolar. Assim, segundo ele próprio acentuou, o dr. Baptista de Oliveira deu uma dupla última lição, finda a qual recebeu, das mãos de uma aluna, um grande ramo de cravos, as felicitações dos amigos e camaradas presentes e os aplausos de quantos enchiam a sala de aula.

No final, procedeu-se à distribuição dos prémios «Maria Madalena Duro Baptista de Oliveira», referentes aos anos escolares de 1953-54, 1954-55 e 1955-56. Este prémio foi instituído pelo dr. Baptista de Oliveira, em homenagem à memória de sua filha, aluna daquele Instituto, que um acidente de viação roubou cedo do número dos vivos. Os prémios em questão foram atribuídos a Maria Celeste Branco Coimbra, Maria José Carolino Monteiro, Maria Teresa Ruivo Freire Novais, Maria Helena dos Santos Vicente e Natércia dos Santos Gomes, que foram as alunas do 1.º ano do Instituto que mais altas classificações obtiveram nos referidos anos escolares.

Muitas prisões na ilha de Cuba

HAVANA, 29.—A Polícia anuncia a prisão de sete indivíduos que confessaram ter participado em certo numero de acções terroristas, nesta cidade, nas ultimas semanas. Consta que foram detidos mais 113 homens, em Camaguey e 4 em Minas. Seriam membros das organizações «26 de Julho» e «Auténtica» ou comunistas.

O Exército anunciou que as tropas abateram trinta e um revoltosos em duas escaramuças travadas na terça-feira na provincia de Oriente. Acrescentou que as forças governamentais não sofreram baixas.

Treze rebeldes foram mortos em Cauto, na região de Bayamo, quando, juntamente com muitas dezenas de outros, assaltaram casais agrícolas. Outros dezoito foram exterminados, perto do Cerro Pelado e Las Mercedes, tendo sido capturados ainda oito.—(F. P. e ANI.)

ACORDA DE SÁVEL
Famoso prato do RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS

EM 3 LINHAS

Foi elevado para 25 escudos, o valor da estampilha criada pelo decreto 16.370, destinada a receita da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, sendo designados os casos em que a mesma incide.

///

Foi aprovado e mandado pôr em execução o Regulamento do Serviço Radiotelegráfico das Embarcações Mercantes, de Pesca e de Recreio Nacionais.

O general Afonso Carlos Ferreira May, foi nomeado presidente do conselho fiscal da Cruz Vermelha Portuguesa.

///

Foram aprovados os novos estatutos da «Camara de Comércio Alemã em Portugal», com sede em Lisboa.

///

A folha oficial publicou a relação das obrigações da dívida externa portuguesa de 3.º por cento, 3.ª série, sorteadas para amortização em 1 de Julho de 1958.

///

O juiz desembargador dr. José Pinto de Vasconcelos foi nomeado adjunto do juiz relator do Supremo Tribunal Militar.

///

E' de 2.310 contos a base de licitação do concurso para a construção do agrupamento de casas económicas de S. João da Madeira.

///

Amanhã, à meia-noite, haverá, em Goa, uma serenata de Coimbra, com que começa a festiva confraternização dos antigos estudantes da cidade do Mondego.

///

No «Carvalho Araújo» embarcou hoje para a Terceira, o Caldas Sport Clube. Jogará ali três encontros.

///

A última reunião da Sociedade de A última reunião da temporada da Sociedade de Concertos é no dia 4, com o violinista Ruggiero Ricci.

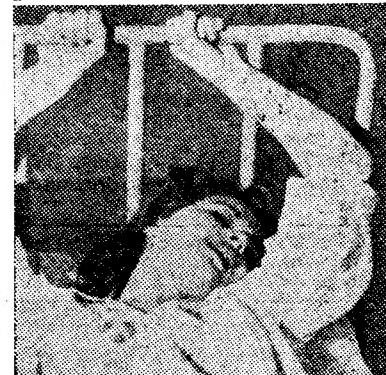
///

O Instituto Francês realizará brevemente no S. N. I. uma Exposição do Livro Católico Francês.

Um filme sobre o «Parto sem dor»

O cinema italiano, que tem sido talvez o que mais audaciosamente vem defendendo as ideias inovadoras, apresenta agora, sob a direcção do genial realizador Luciano Emmer, de quem já vimos notáveis filmes como «Domingo de Agosto», «Raparigas da Praça de Espanha» e «Sete Anos de Liceu», um filme que defende o processo pelo qual a parturiente poderá controlar, com o auxílio do médico, as várias fases do desenvolvimento do embrião, a fim de realizar sem sofrimento o «parto sem dor».

Emmer preparou-se longamente para o seu trabalho; leu intensivamente sobre o assunto, e durante mais de um ano frequentou os hospitais para conhecer bem a matéria do seu filme.



Durante vários dias, três camaras estiveram a postos na clinica aguardando a «delivrance» de três parturientes para filmar a cena do nascimento.

Sabe-se que o próprio Papa é favorável à nova ideia, mas há pessoas obstinadas mais papistas do que o Papa...

Este é o filme realista que a Sonoro-Filme apresenta amanhã no Condor e que a par daquele tema relata o amor de uma jovem estudante por um médico com toda a sua coragem, a sua dedicação e o eterno prodígio da maternidade sem dor.



O novo edificio

Deixa hoje de nas suas ant o Instituto de Medi

A última aula do Instituto de Medicina Tropical, nas suas actuais instalações, na Travessa do Porto Franco, está a decorrer à hora a que fechamos o nosso jornal, porque quando, em Novembro, abrir o novo ano lectivo será inaugurado oficialmente o novo edificio, em construção junto do Hospital do Ultramar, propositadamente para aquele importante estabelecimento de ensino que tantos e tão assinalados serviços tem prestado ao País, e onde, em Setembro próximo, se efectuarão os sextos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo.

A fim de presidir à cerimónia de hoje, chegou às 16 horas, ao edificio, o professor Raul Ventura, ministro do Ultramar, que foi aguardado pelo subsecretário daquela pasta, engenheiro Carlos Krus Abecassis, pelos professores João Fraga de Azevedo e Manuel Pinto, respectivamente director e sub-director do Instituto, restantes professores, alunos e convidados.

Sob a presidência do ministro, a sessão abriu com um discurso do sr. prof. João Fraga de Azevedo, que apresentou cumprimentos aos membros do Governo e aos convidados e agradeceu a sua presença ao acto que é — disse — da maior solenidade para o Instituto, visto ele representar o encontro de duas épocas: a do passado e a do futuro. Referiu-se, depois, aos progressos da medicina tropical, nos ultimos 56 anos, que abrangem a vida do Instituto, e a contribuição dada por este, para o progresso daquela ciência. Falou largamente sobre tão importante assunto, e depois pôs em evidencia os trabalhos que aquele estabelecimento de ensino superior tem realizado, em todas as provincias do Ultramar e que tanto têm contribuído para o conhecimento e solução dos diversos proble-

Grande tempestade

no litoral da Coreia

SEUL, 29 — Forte temporal varreu o litoral da Coreia, havendo já muitos mortos e feridos, além de importantes prejuízos causados nas colheitas.

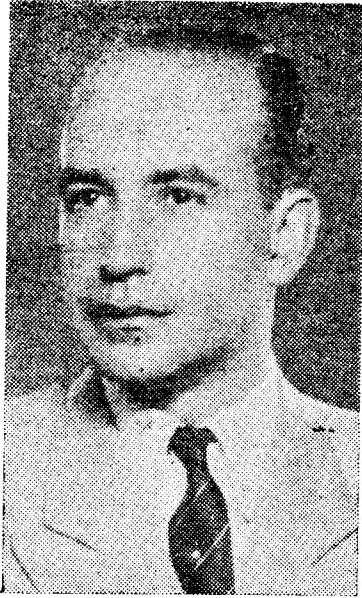
Naufragaram oito barcos de pesca e não há notícias de outros dez, restando-se que tenham sido danificados.

Em terra, ventos ciclónicos, acompanhados por chuvas torrenciais, provocaram a destruição total ou parcial de muitas casas e causaram grandes inundações, obrigando dezenas de pessoas a abandonar os seus lares.—(A. N. I.)

Jóias Antigas e Modernas

compramos pelo mais alto preço
G. OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

«O. problema Económico Português» pelo prof. Daniel Barbosa



PROF. DANIEL BARBOSA

O último livro que o prof. Daniel Vieira Barbosa publicou, com o título «O Problema Económico Português», constitui mais uma contribuição valiosa para o estudo da nossa situação económica, não apenas de sentido crítico, mas também de grande alcance construtivo. Professor de economia numa escola superior, espírito arguto e atento aos fenómenos que condicionam os problemas económicos dos nossos dias, homem de acção, que teve já ocasião de dirigir, em hora difícil, os destinos da própria economia da Nação, discutido nas suas decisões, mas corajoso nas suas atitudes, o sr. prof. Daniel Barbosa entendeu que devia aumentar a sua bibliografia especializada com a publicação da notável comunicação que apresentou na sessão plenária do IV Congresso da União Nacional, de 31 de Maio de 1956, intitulada «Nova fase da Revolução Nacional: o Fomento da Produção e do Consumo», bem como com o texto do aviso prévio que realizou na Assembleia Nacional em Março e Abril de 1957, sobre «O Problema económico português e as suas repercussões no campo político-social; aspectos, tendências e caminhos para a sua solução».

Abreindo com um prefácio esclarecedor da posição do antigo ministro em face da evolução da nossa política económica, a obra encerra algumas considerações que permanecem de uma flagrante oportunidade e que só não pômos em destaque, para não contrariar as intenções que se depreendem das próprias palavras do autor, ao começar por uma crítica à forma como decorreu a última campanha eleitoral para deputados.

Como depoimento sincero e corajoso de um homem que revela um conhecimento dos problemas e pode invocar a sua experiência, este livro do prof. Daniel Barbosa traz consigo algumas observações dignas de profunda meditação e que traduzem não só a opinião de que urge modificar certos aspectos da nossa estrutura económica, com a eliminação de vícios e defeitos prejudiciais para o progresso da nação, como a firme convicção de que com um esforço de vontade, poderíamos alcançar os objectivos de valorização, para o que dispomos de recursos suficientes. E, aliás, este o sentido destas palavras das

conclusões finais do livro, em que o prof. Daniel Barbosa define bem o seu pensamento e que, por isso, não resistimos à tentação de reproduzir, nesta nota tardia:

«Pode ser caro e pode ser difícil estruturar soluções e materializá-las em obras e em sucessos que alarguem francamente os horizontes da ainda modesta economia portuguesa, mas mais caras ficam ao País, situações de estagnação e cada vez mais difícil é recuperar o tempo que se perde com elas. Temos, porém, actualmente condições preciosas para tentar a solução que convém, e as circunstâncias impõem-na como um dever de preparação responsável para as novas gerações».

O livro, de cuidada apresentação gráfica, é editado pela Livraria Tavares Martins.

NOTA SEMANAL por TRIBUNUS

A política de preços e salários no enquadramento corporativo nacional

Ao contrário do que poderia supor-se, a introdução do regime corporativo em Portugal não deu origem a profundas transformações da estrutura económica do País. O sistema aproveitou ao máximo a organização já existente, ganhando corpo através da criação de organismos novos, que pouco a pouco se foram concretizando num vasto e complexo aparelho institucional, em cuja base se julgou possível assentar, na ordem económica, a persecução dos elevados objectivos do bem comum.

Poderá a primeira vista surpreender que uma tal atitude tenha sido adoptada, uma vez que o corporativismo reivindica, no campo político e social, uma posição intermédia entre os regimes capitalista e socialista. Ora, como se sabe, cada um destes regimes pressupõe uma organização económica particular que, no caso do socialismo, se caracteriza pela gerência colectiva dos meios de produção e relativamente ao capitalismo, implica o respeito absoluto pela propriedade privada e se apoia na livre concorrência para realizar o equilíbrio económico, através do mecanismo do mercado.

A cada um destes sistemas corresponde um tipo diferente de unidade produtiva de base, qualquer que seja o sector económico con-

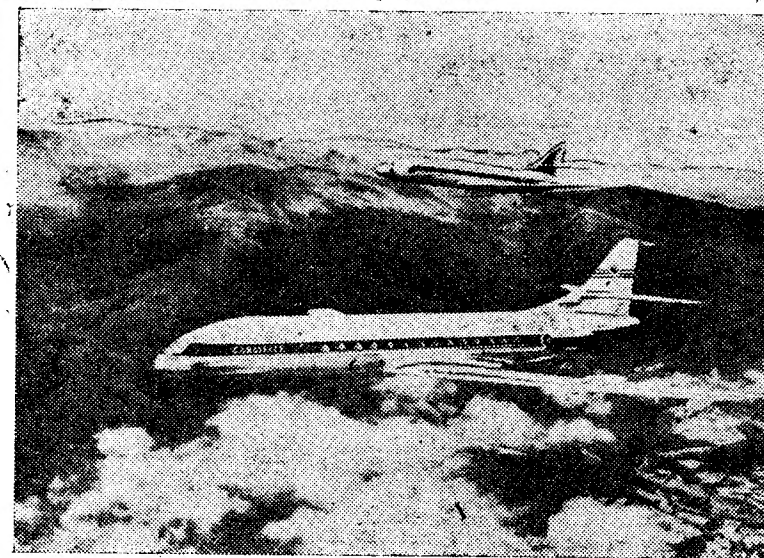
siderado. Por isso pareceria de boa lógica admitir que o corporativismo procurasse concretizar a sua autonomia, em relação às outras formas possíveis de organização económica das sociedades, criando um novo tipo de unidade produtiva elementar — a empresa corporativa — diferente, na sua estrutura, de qualquer das anteriormente referidas.

Outro foi, todavia, o rumo seguido pelo corporativismo português, que se preferiu estruturar com base na empresa capitalista tradicional. Tomada esta como factor primário na condução do processo económico — e mantida a apropriação individual dos resultados da produção — o corporativismo revelou principalmente a sua existência através da completa integração, num quadro institucional renovado, das classes sociais em presença, ao mesmo tempo que postulava a viabilidade da sua harmoniosa colaboração.

Desta forma, parece-não existir uma profunda divergência entre a aplicação prática da doutrina corporativa e o normal funcionamento do sistema económico capitalista, cuja substituição se pretendia levar a cabo. No capítulo da formação de preços e salários, nos aspectos intervencionistas da acção desenvolvida pelo Governo, na sua posição em face dos problemas estruturais e conjunturais — nada de essencial distingue os fundamentos da orientação económica seguida entre nós, daqueles que justificam a política dos Estados capitalistas modernos. Descontando a natureza pouco comum da nomenclatura utilizada para designar as instituições que intervêm no processo económico, pode afirmar-se que não existem diferenças profundas entre o sistema corporativo português e a ordem capitalista em geral, principalmente naqueles países onde os ensinamentos da escola clássica deixaram de tomar-se como base de toda a acção gover-

(Continua na 13.ª página)

Um voo no «Caravelle» — o primeiro avião comercial de jacto por JOSÉ SANTOS JORGE



O «Caravelle» alia á comodidade, á segurança e á velocidade, a elegancia das suas linhas, as quais são realçadas em pleno voo, como permite verificar a gravura que publicamos

Quando há dias, em Le Bourget, próximo da capital da França, comodamente instalados numa poltrona do «Caravelle» — o avião de amanhã com pistas de hoje — subimos vertiginosamente para o espaço, como se deslizássemos sobre carris invisíveis, passados os primeiros momentos de emoção, reconstituímos mentalmente — e de cóp, pois não vivemos tão gloriosa época da Humanidade — o momento em que o homem havia voado pela primeira vez num avião com motor. O grande feito, para sempre gravado na História do Mundo, pertencera também aos Franceses e registara-se igualmente nos arredores de Paris. Ao recordarmos a experiência de Clément Ader, em 1890, com o avião que construiu e dotou com um motor a vapor, prestávamos, embora inconscientemente, homenagem ao génio criador dos Franceses, que continuam a contribuir para o progresso e bem-estar da Humanidade, não obstante as tremendas dificuldades que maus ventos têm acumulado sobre o seu país. Hoje, como ontem, a França mantém-se na vanguarda da civilização.

Jornalistas de Portugal, da Suécia, da Grécia, da Turquia, de Israel, e da Pérsia, assistidos pelas gentis e solícitas hospedeiras da S. A. S. (Scandinavian Airlines System) e esclarecidos por um grupo de amáveis e zelosos funcionários desta companhia e da Sud-Aviation, voavam no «Caravelle» de Paris para Toulouse, aonde iam visitar as fábricas que produzem o já famoso avião de jacto. Num instante, o aparelho atingiu a altitude de 10 mil metros e se lançou em carreira louca até alcançar o aeródromo de destino, percorridos cerca de 700 quilómetros em menos de uma hora! Os convidados foram como que tomados de surpresa. Seguravam ainda as taças de Champagne e tinham-se esquecido completamente de que viajavam de avião, quando foram avisados de que o aparelho ia descer. Não há nesta afirmação qualquer intuito de publicidade ou propósito de agradecimento do jornalista pelas cativantes atenções recebidas dos representantes da S. A. S. e da Sud-Aviation. Aliás, profissionais da

(Continua na página seguinte)



Representantes exclusivos:
SOCIEDADE PERMUTADORA
S. A. R. L.
Avenida da Liberdade, 190
Telefs. 48141/2 LISBOA
A VENDA NAS DROGARIAS

PASTA MEDICINAL
Conto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

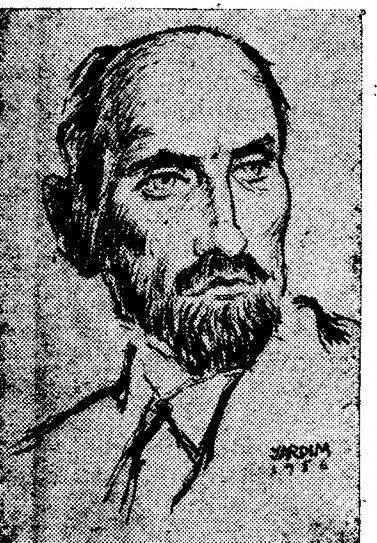
funcionar ligas instalações na Tropical

mas de interesse para a saúde do homem. Aludiu ao interesse que, nos últimos anos particularmente, o Governo tem dedicado ao Instituto, e que é posto em evidência pela construção do novo edifício.

Agradeceu ainda ao Governo, nas pessoas do ministro do Ultramar e do subsecretário de Estado, a prova de confiança para o Instituto que constitui as novas facilidades de trabalho. Seguir-se-ão no uso da palavra os srs. drs. Pinto Ribeiro, inspector superior de Saúde, Carlos Ramalhão, professor honorário do Instituto da Faculdade de Medicina do Porto e Candido de Oliveira, professor e director do Instituto Bacteriológico de Camara Pestana, e o aluno do curso actual dr. Urbano Freitas.

Encerrará a sessão o ministro do Ultramar.

Morreu o poeta espanhol Juan Ramon Jimenez Prémio Nobel de Literatura de 1956



ressou vivamente os círculos literários do seu país.

Há muitos anos, porém, que vivia em Porto Rico, onde foi ou era ainda lente na Universidade de São João. Em 1956 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel, «pela elevada espiritualidade e pela pureza artística das suas obras».

Um dos seus livros «Diário de um poeta y mar», surgiu primeiro com o título «Diário de um poeta recém-casado». É mesclado de versos brancos. A intimidade e a delicada sensibilidade de Ramón Jimenez acusam-se como nos poemas que revelam a alma de um introvertido, em pequenas prosas de um fino e lírico estilo.

O mar é o tema dominante deste livro, cheio de frescura e de espontaneidade. Publicou também «Ninfas», «Almas de Violeta», «Estios», «Eternidades», «Beleza e Poesias», mas a sua obra mais célebre, que teve uma divulgação mundial, é o «Platero y yo». Dirigiu ainda a revista «Helios» e recolheu numa «Antologia Poética» o melhor das suas composições.

Juan Ramon Jimenez que tinha a emoção recolhida de Rainer Maria Rilke e o sentimento de Bequer, era, sem dúvida, o mais notável poeta espanhol da actualidade. Vivia desde a guerra civil de Espanha em Porto Rico. Muito deve ter contribuído para lhe abalar a saúde, a morte da esposa, ocorrida três dias antes de receber o Prémio Nobel.

S. JOÃO DE PORTO RICO, 29 — Faleceu hoje com 76 anos, Juan Ramón Jimenez, Prémio Nobel de Literatura em 1956. Morreu esta manhã, num hospital desta cidade. — (F. P. e A. N. I.).

N. da R. — Juan Ramón Jimenez, nasceu, na provincia de Huelva (Moguer) em 24 de Dezembro de 1882. Aos 17 anos publicava o seu primeiro livro de poesia, que inte-

O primeiro avião comercial de jacto

(Continuação da página anterior)

Imprensa e técnicos de 21 países que o «Caravelle» já visitou, tiveram também ocasião de elogiar o conforto excelente que se goza a bordo deste avião, a sensação de segurança que nele se experimenta e, sobretudo, a ausência quase total de vibração. Se a isto juntarmos o facto de a cabina do «Caravelle» ser a mais silenciosa de todas, facilmente se compreenderá como é possível perder-se, comodamente instalado no seu interior de veras atraente, a noção de que estamos a circular no espaço. Mas há ainda a considerar que no «Caravelle», o rom-rom-rom característico dos motores de pistão é substituído por música e a música, a alguns milhares de metros acima do solo, adquire uma expressão nova e tem ainda mais encanto.

O «Caravelle» — orgulho da indústria francesa de aviação — surge exactamente numa época em que as companhias aéreas europeias procuram defender-se da concorrência das companhias norte-americanas, que se preparam para um futuro muito breve iniciar a era dos aviões comerciais de reacção. É um avião construído para transportar 80 passageiros a velocidade de 800 km/hora e considera-se ideal para a exploração de rotas médias carreiras entre 500 e 2.500 quilómetros de distância. No «Caravelle», o conforto e a rapidez aliam-se à segurança para o passageiro e à economia para as companhias exploradoras.

A sua linha clinica praticamente a vibração e a posição dos seus dois motores de jacto — a mais extraordinária característica do «Caravelle» — instalados na fuselagem, na

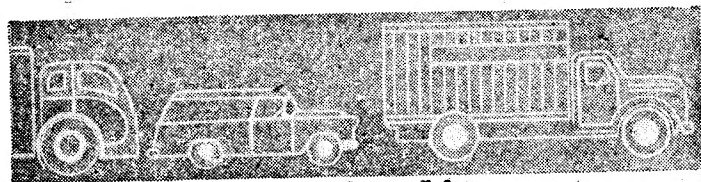
parte anterior da cabina de passageiros, aumenta de forma notável a segurança, em consequência de reduzir as possibilidades de fogo, devido aos motores estarem separados dos tanques das asas, e permite à estrutura ter maior resistência, em virtude de a asa ser um todo único. A posição dos motores consente também o aproveitamento total da superfície livre que as asas constituem. Os motores são da marca «Roll Royce» «Avon», cada um com uma potência de 5.000 quilogramas. O aparelho é capaz de descolar apenas com um dos motores a funcionar e, normalmente, nestas circunstâncias (já por três vezes percorreu a distância que separa Alger de Paris — mais de 1.300 quilómetros — só com um dos motores a trabalhar). O melhor rendimento obtém-se a partir dos 7.500 até 12.000 de altitude.

No que respeita à economia, o «Caravelle» bate também todos os aparelhos da sua categoria, não apenas pela espécie de combustível que utiliza, mas também pela facilidade de manutenção, prontidão na entrada e saída dos passageiros (pele cauda), rapidez de reabastecimento e imediato acesso aos orçãos que exigam verificação, donde resulta uma apreciável diminuição do tempo de escala. A escada traseira é construída no próprio avião, com o objectivo de reduzir o tempo nas escalas. Desta forma, o carregamento de carga, o reabastecimento de combustível e a inspecção dos motores pode fazer-se simultaneamente.

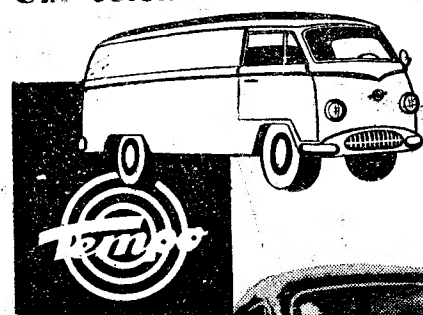
A S. A. S. fez um contrato no valor de 20 milhões de dólares com a fábrica Sud-Aviation para o fornecimento de seis aparelhos «Caravelle» e reservou uma opção sobre mais dezasseis destes aparelhos, os quais serão usados nas rotas da Escandinávia para Londres, Paris, Roma e Próximo Oriente. O tempo de voo entre, por exemplo, Estocolmo e Roma, num avião «Caravelle», será reduzido a três horas e meia. Os aparelhos que a S. A. S. encomendou para começar uma nova época na história da aviação podem transportar 70 passageiros na versão combinada de primeira classe e classe turística, ou 64 naquela e 80 nesta.

O «Caravelle» entregue à S. A. S. para os testes e treinos tem sido submetido a experiências várias com os melhores resultados mesmo nas condições de tempo mais desfavoráveis e tem batido todos os «records» anteriormente estabelecidos. E, entretanto, o primeiro avião de série que deve ser entregue à S. A. S. em Janeiro do ano próximo, e entrará logo ao serviço, já fez há dias o baptismo do ar.

JOSE SANTOS JORGE



Um veículo sensacional!...



APOIADO PELO SERVIÇO HANOMAG. SÍMBOLO DE ECONOMIA E RESISTÊNCIA. PARA CADA RAMO DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA UMA CARROÇARIA ADEQUADA. REDUZIDA DESPESA DE MANUTENÇÃO GRÁCIAS AO SEU CONSUMO INSIGNIFICANTE. BELEZA DE LINHAS E CONFIGURAÇÃO ELEGANTE.



Tenha um, dois ou três...

vinte ou trinta...

jamais poderá comprar uma camioneta que lhe dê tanta satisfação como:



HANOMAG

CHASSIS LIGEIROS E PESADOS PARA QUALQUER EXIGÊNCIA DE CARROÇARIA

Representantes exclusivos: IMPÉRIO DA BEIRA, L.^{DA} — Avenida Guerra Junqueiro, 24-C — LISBOA
Agente no Norte: A. M. DA ROCHA, L.^{DA} — Rua Passos Manuel, 178 — PORTO

TORRES VEDRAS

LEILÃO DE PROPRIEDADES RÚSTICAS E URBANAS
NO PROXIMO DOMINGO DIA 1 DE JUNHO
— PELAS 15 HORAS —

em MONTE REDONDO

(A 8 KMS. DE TORRES VEDRAS)

SERÃO VENDIDAS, NO LOCAL, EM CONJUNTO OU SEPARADAMENTE, e só pela maior oferta, OITO (8) óptimas propriedades rústicas e urbanas, ocupando na sua totalidade uma área aproximada a VINTE HECTARES (210.000 m²), COM MUITA AGUA NASCENTE em vários sítios, e consistindo de CASAS DE HABITAÇÃO (com 1 e 2 pisos), DITA COM COMÉRCIO de mercearia e vinhos, Adega com depósitos e muito vasilhame para 135 pipas, e ainda todos os seus apetrechos, lagares, Pomar, Horta, Olival, Pinhal (e ainda com alguns milhares em criação), Eucaliptal, Sobreiros. Muitas árvores de fruto, Terra de Semeadura. E GRANDES VINHAS. TODAS ESTAS PROPRIEDADES SÃO VENDIDAS LIVRES DE QUAISQUER ENCARGOS, E TODAS SE ENCONTRAM SITUADAS NO CENTRO E AO REDOR DA POVOAÇÃO, CONSTATANDO PRINCIPALMENTE DE GRANDES VINHAS COM ALGUMAS DEZENAS DE MILHARES DE PÉS DE VINHA NOVA, E QUE NO TOTAL ESTÃO PRODUZINDO CERCA DE 80 (OITENTA) PIPAS DE BOM VINHO DA REGIÃO

ATENÇÃO: Estas propriedades podem ser visitadas todos os dias, encontrando-se na povoação, no Largo da Igreja, empregado que acompanha os interessados.

TRATA: M. Torres — R. S. Domingos de Benfica Calhau, 23 — LISBOA

Leiam o «SEMPRE FIXE»

CALDAS DA

FELGUEIRA

Informações em Lisboa: Rua do Ouro, 273
GRANDE HOTEL CLUBE e BALNEÁRIO
Abertos de 1 de Junho a 30 de Outubro

BEIRA ALTA

EXCURSÕES BOA VIAGEM

SABADO, 31 — VISITA A

FEIRA DO RIBATEJO

COM JANTAR EM CORUCHE
(NO RESTAURANTE CORUJA) — SAÍDA AS 14 HORAS —
PREÇO TUDO INCLUIDO — 85\$00

DOMINGO, DIA 1 E QUINTA-FEIRA, 5 DE JUNHO

(FERIADO OFICIAL)
ALMOÇOS EM CORUCHE COM TRÊS MENUS À ESCOLHA
VISITANDO A

FEIRA DO RIBATEJO

PREÇO TUDO INCLUIDO — 85\$00

N. B. — Durante o almoço e o jantar exibem-se fandangistas e ranchos regionais.

PROGRAMAS, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

LARGO MARTIM MONIZ, PAVILHÃO 2, PORTA 3; TRAVESSA DA GLÓRIA, 19-21-ESQ.; GARAGEM NAVARRO; RUA DA PALMA, 256, 4.ª-CABINE — TEL. 362193-30885-860795 — LISBOA

Nestas termas obtêm-se os melhores resultados no tratamento de

**BRONQUITES-ASMAS
FLEBITES - CORAÇÃO**

e em Reinites, Doenças de Pele, Reumatismo Articular e Alterações da Tensão Arterial

A opinião de um leitor que traduz os sentimentos de numerosos leitores

Sr. director — É a primeira vez que me dirijo ao «Diário de Lisboa» desde o falecimento do muito querido e saudoso sr. dr. Joaquim Manso, por quem sempre nutri o mais profundo respeito e admiração. No entanto, desde o dia em que V. assumiu a sua direcção, algumas vezes me senti tentado a fazê-lo, na qualidade de um dos seus mais modestos leitores e, porventura, dos mais dedicados.

Nesse mesmo dia afirmou V. que o «Diário de Lisboa» mudou de director mas que não mudava de direcção. Hoje, e durante o tempo decorrido, não devem restar dúvidas a ninguém de que realmente V. continua a ser o intrépido defensor da verdade, das causas justas, da liberdade de imprensa e da livre expressão do pensamento. E no momento político que o País atravessa, mais se deve ter acentuada essa certeza, pois o seu sentido de independência e moderação, bem como os desejos de conciliação da família portuguesa, o devem ter aconselhado a uma cautelosa ponderação, até mesmo ao ponto de levar alguns leitores menos esclarecidos a pensar que o «Diário de Lisboa» está um pouco diferente.

Quem percorra com mais ou menos assiduidade uma grande extensão do País, algumas vezes por ano, ficará conhecedor da maioria da sua opinião pública; e andando em viagem de negócios e representação comercial, ficará igualmente sabedor do maior ou menor poder de compra da sua população. Acaabei de regressar de uma dessas viagens ao Algarve, Baixo e Alto Alentejo, e tive ocasião de auscultar uma boa parte de um sector importante que é o comercial.

O comércio atravessa, segundo os mais velhos, uma crise a qual se vem acentuando de mês para mês, há uns anos a esta parte, de forma a causar os mais sérios receios. Ouvem-se com frequência queixumes sobre a carestia da vida salientando-se quanto ela subiu desde 1939, sem que os ordenados e salários nem de longe acompanhem essa evolução. O povo não tem poder de compra. Na classe média, que é sem dúvida a mais numerosa, quantos chefes de família haverá, com a média de quatro filhos, que não atingem os dois mil

escudos de ordenado mensal? E mesmo para aqueles que os atingem — não constituindo a maioria desta classe — como pode esse ordenado ser suficiente para um agregado familiar composto de seis pessoas, se só pela renda de casa é absorvida uma parte importante? E para a alimentação quanto é preciso mais? Quem tem estes ou outros encargos semelhantes sabe das dificuldades tremendas que afligem esta classe. Quem tem grandes ordenados ou rendimentos próprios não o pode devidamente avaliar. A classe média luta pela sua sobrevivência. Nos Caminhos de Ferro foi praticamente eliminada a 2.ª classe e se para muitos negócios há quem preconize — e muito bem — a extinção do intermediário, não se pode no campo social fazer o mesmo à sacrificada classe média.

No comércio a situação é a mesma. O pequeno e o médio comerciante lamentam-se amargamente da falta de negócios.

Mas há classes mais sacrificadas. Estamos no auge da campanha eleitoral, mas tudo isto pode ser verificado por qualquer pessoa sem paixões políticas.

Sabe-se que há países onde durante o período de eleições a propaganda se circunscreve praticamente à luta pela melhoria do nível de vida do povo. Cá, estamos a assistir como base de propaganda mais ao ataque pessoal e à ampliação de um papão que a grande maioria dos Portugueses nunca aceitaria, do que o reconhecimento puro e simples de que na verdade há muito a fazer no campo social, para se poder elevar o nível de vida de todos os Portugueses.

Ao ler há dias a entrevista do sr. eng.ª Cunha Leal, concedida ao Rádio Clube Português, na qual explica as razões por que dava a sua adesão à candidatura do sr. general Humberto Delgado, encontrei nela a explicação para muitos dos males que nos afligem. Seria necessário que para a conciliação que se impõe houvesse um homem independente e que entre muitas virtudes que possuísse, fosse verdadeiramente cristão, para que amanhã garanta honestamente aos que hoje o atacam e tentam desvirtuar, as mesmas garantias que promete aos que hoje o aclamam e pacificamente lutam pela sua eleição. É o imperativo do vom cristão: expor a outra face.

Por tudo isto me coloquei, desde o início da campanha eleitoral, abertamente ao lado do sr. general Humberto Delgado, a quem tive a honra de conhecer pessoalmente na companhia de amigos. Lá do sopé da serra da Cabeira, que me perdoe o meu querido pai, se nunca abracei totalmente o seu ideal político, que com tanto amor defende no seu idolatrado «Comércio de Vieira» e que sempre respeitei e respeitarei.

De V. etc., Alberto José da Costa.

O velho paquete «Alcantara» vem ao Tejo pela última vez

Chega depois de amanhã á tarde, atracando na estação Marítima de Alcantara, procedente dos portos da América do Sul, Las Palmas e Madeira, o conhecido paquete «Alcantara», de 23 000 toneladas, da Mala Real Inglesa, representada pela firma James Rawes & Co. Ltd.

Construído em 1927, este paquete, que toca pela última vez o nosso porto de Lisboa, porquanto foi adquirido por uma firma japonesa que procederá ao seu desmantelamento, efectuou durante 31 anos, com notável regularidade, carreiras para a América do Sul, excepto durante a última conflagração em que foi incorporado na Armada de Sua Majestade Britânica, como cruzador-auxiliar e transporte de tropas.

A Mala Real Inglesa, em cumprimento do programa de renovação da sua frota, encomendou já três paquetes, todos de 20 000 toneladas, para a carreira da América do Sul, e que terão os nomes: «Amazon», «Aragon» e «Arlanza».

Desembarcam neste porto cerca de 150 passageiros, partindo o «Alcantara», á noite, para os portos de Vigo, Cheburgo e Southampton.

Duas reuniões de evocação escolar

Antigos alunos da Escola
de Rodrigues Sampaio

Amanhã, ás 21 e 30, para encerramento das comemorações do 17.º aniversário da Associação dos Antigos Alunos da Escola Comercial de Rodrigues Sampaio, efectua-se no salão nobre da Casa das Beiras, no Largo de S. Domingos, 14, 2.ª, uma sessão solene. O sr. Casimiro Martins, secretário da direcção, dirá algumas palavras; o professor Hernani Cidade, falará sobre «Sebastião da Gama, poeta e professor»; serão entregues medalhas a alguns membros da equipa associativa de Socorros a Náufragos e de prémios e menções honrosas, do concurso literário; e haverá leitura dos trabalhos premiados e um recital por Carmen Dolores e Varela Silva.

Antigas alunas
do Liceu Maria Amália

Depois de amanhã, efectua-se, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, a festa anual de confraternização da Associação das Antigas Alunas, que constará de almoço na cantina, de distribuição de prémios e de variedades.

VISITAM GOIS
os Goisenses de Lisboa

A exemplo do ano passado, a Casa do Concelho de Gois promove, no dia 28 de Junho, uma excursão á sede daquele concelho.

Os excursionistas que saírem de Lisboa na madrugada de 28, terão um almoço campestre no caminho, chegando cerca das 15 horas, a Gois, onde serão recebidos, nos Paços do Concelho, pelo presidente do Município, que lhes dará as boas-vindas. Assistirão a grandiosos festejos populares em honra de S. Pedro, regressando a Lisboa na tarde de 29. Os poucos lugares que ainda restam podem ser marcados na sede da Casa do Concelho de Gois, na Rua de Santa Marta, 47, rés-do-chão, dt.ª, ou pelo telefone 45051.

Mercês honoríficas

O Presidente da Republica agradeceu, por sua própria iniciativa, o dr. António de Freitas Pimentel, governador do distrito autónomo da Horta, com o grau de grande oficial da Ordem Militar de Cristo; e a sr.ª D. Maria Francisca Pais Dias Pimentel, com o grau de comendadora da Ordem de Benemerência.

Os exames de admissão aos liceus e às escolas técnicas requerem-se de 15 a 25 de Junho

Ao mesmo tempo que milhares de meninos e meninas estão a preparar-se afincadamente para os exames de instrução primária e de admissão aos liceus e às escolas técnicas, os encarregados de educação começam já a preocupar-se com a papelada necessária e com os prazos estabelecidos para requerer os referidos exames. É que, quanto aos exames de 3.ª e 4.ª classes, os examinandos são propostos pelos directores dos respectivos estabelecimentos em que recebem, ensino, no que respeita aos exames de admissão, são os encarregados de educação que os devem requerer. O prazo é de 15 a 25 de Junho, quer para os liceus, quer para as escolas técnicas.

Os exames de 3.ª e 4.ª classes começam, respectivamente, em 1 e 15 de Julho. Os exames de admissão aos liceus efectua-se em data ainda não marcada, e os de admissão às escolas técnicas, em 21 e 22 de Julho (1.ª chamada).

Os encarregados de educação devem ter presente que estes exames podem ser requeridos em qualquer liceu ou escola técnica, pois não têm qualquer relação com a matrícula. Deve atender-se, porém, no que toca ao ensino técnico, que há conveniência em o candidato requerer o exame na escola que pretende frequentar, pois isso facilita imenso a organização do processo de matrícula. Quanto á matrícula nos liceus, como se sabe, está estabelecido um sistema de distribuição dos alunos pelos estabelecimentos existentes, segundo as zonas em que habitam.

Os documentos que devem acompanhar os boletins de inscrição (com um selo de 30\$00) são os seguintes: *certidão de idade* (narrativa); *prova de inscrição na Mocidade Portuguesa*; *bilhete de identidade*; *certificado médico* comprovativo de não sofrer de doença contagiosa; e *certidão de frequência*.

A Marinha portuguesa numa exposição em Antuérpia

Sob a presidência do almirante Pereira da Fonseca, e com a presença de oficiais superiores da Armada, da Sociedade de Geografia, dos Naveantes e Comunicações Marítimas, da Sociedade de Geografia, que se ocupou de um pedido do Colégio des Bourgmestre et Echevins, de Antuérpia, para que sejam cedidos pela referida sociedade alguns objectos que digam respeito á navegação marítima e ao navio, a fim de figurarem na exposição «Le Navire, clef du Monde», que este ano se vai realizar naquella cidade. Dado o interesse do certame, para uma Nação com brilhantes tradições marítimas como Portugal, a secção está a estudar a melhor forma de satisfazer o pedido dentro das possibilidades da Sociedade de Geografia.

A secção apreciou também o convite para colaborar no 2.º Congresso Nacional de Marinha Mercante, que se projecta realizar em Lisboa, em Outubro, e no qual espera apresentar alguns trabalhos.

Catálogo da F. I. P.

Recebemos o catálogo da Feira das Indústrias Portuguesas, actualmente aberta nas suas instalações da Junqueira. O catálogo deste ano, como de costume muito bem ordenado e apresentado, num estilo de sobriedade que se harmoniza com a natureza e as características daquele certame, é um excelente guia para quem visita a F. I. P. e, ao mesmo tempo, um pequeno, mas valioso, anuário das nossas actividades industriais, pela sistemática informação relativa a cada um dos expositores. Três plantas esquemáticas, uma para cada zona, com a numeração de todos os «stands», completam e valorizam o alcance prático da excelente edição.

com aproveitamento na 4.ª classe. Estes documentos são os que se exigem para todos os candidatos aos exames de admissão aos liceus e às escolas técnicas. Os candidatos á admissão nos liceus, provenientes das modalidades do ensino particular, em vez da *certidão de frequência com aproveitamento na 1.ª classe*, devem apresentar uma *certidão de inscrição na 4.ª classe* passada pela respectiva zona escolar. As escolas técnicas exigem a todos os candidatos á admissão, em vez da referida *certidão de aproveitamento*, uma *certidão de matrícula na 4.ª classe* ou de *aprovação no respectivo exame*.

Os encarregados de educação dos candidatos ao exame de admissão às escolas técnicas devem ter presente que o referido exame permite a matrícula no ciclo preparatório, que é comum aos ensinos comercial e industrial. Conforme as aptidões que os alunos manifestarem no ciclo preparatório (dois anos), assim serão indicados para os dois ramos do ensino técnico e, em cada um destes, para as diversas especializações.

O ministro de Portugal na Indonésia chega amanhã a Lisboa

Atracará amanhã, na Estação Marítima de Alcantara, procedente da Austrália, de Singapura, de Colombo, de Aden e de Port Said, o paquete «Himalaya», de 28 000 toneladas, da Peninsular & Oriental Steam Navigation Co., de Londres, companhia de navegação mundialmente conhecida por «P. & O.», representada pela firma James Rawes & Co., Ltd., de Lisboa.

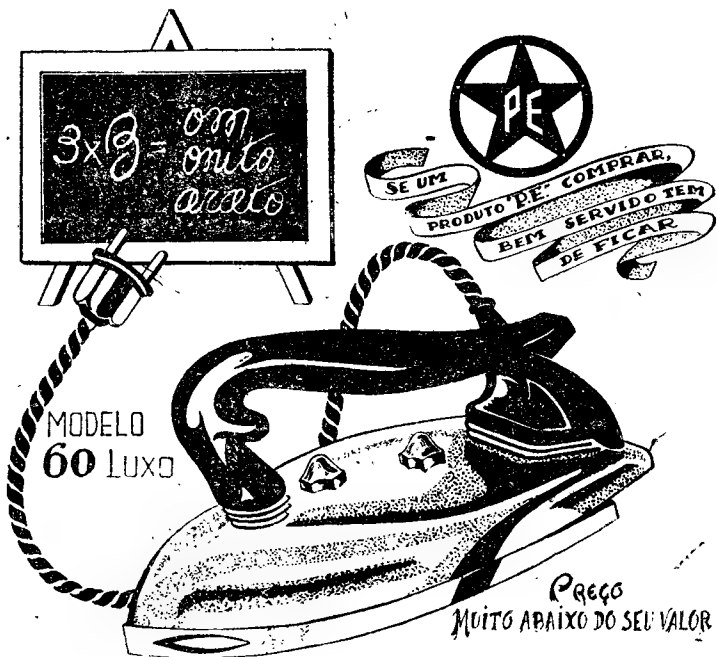
Entre os passageiros em trânsito, contam-se o sultão de Jahore, sua esposa e filha, o sr. Justice Clifford Knight, juiz do Supremo Tribunal de Singapura, e sua esposa, desembarcando aqui o nosso ministro na Indonésia, dr. Augusto Potier, e sua esposa.

Este paquete, que toca pela primeira vez no nosso porto, na sua carreira regular da Austrália, tendo antes vindo aqui com excursionistas, foi lançado á água em Outubro de 1918 e tem acomodações para 306 passageiros em 1.ª classe e 400 passageiros em classe turística, desenvolvendo a velocidade de 22 nós.

A partida está marcada para o fim da tarde, embarcando cerca de 80 passageiros, entre os quais os srs. Strange, director da F. P. Baverstock Co. Ltd., e sua esposa; Blackwell, consul britânico, e sua esposa; e uma excursão organizada pela Europeia, Agência Turística, em visita a Londres e á Feira de Bruxelas.

Reuniões científicas Os problemas da cultura do trigo

Na Federação Nacional dos Produtores de Trigo, prosseguiram hoje as conferências do Círculo Agronómico. O prof. João de Carvalho e Vasconcelos falou acerca da «Origem, expansão e aptidões das espécies de trigo cultivadas em Portugal». Citando as diversas espécies disse que, comercial e industrialmente, se distinguem apenas duas categorias fundamentais: rijo e mole. Finalmente, mencionou as aptidões culturais das diversas espécies, dizendo que a cultura portuguesa deve atender não só á produção, mas á qualidade. O conferente foi muito cumprimentado pelos directores da F. N. P. T. e engenheiros-agrónomos presentes.



GARANTIA POR DEFEITOS DE FABRICO
LIGAÇÃO PRÓPRIA SAINDO DO CABO
CONSUMO REDUZIDO - DESLIZA SUAVEMENTE - ALISA PERFEITAMENTE
AQUECE RAPIDAMENTE
Um produto nacional á venda em todo o imperio



AQUECIMENTO CENTRAL
AR CONDICIONADO
VENTILAÇÃO
REFRIGERAÇÃO

Queimadores OIL-O-MATIC

Sociedade Instaladores Térmicos Reunidos, Lda. — Av. António Augusto Aguiar, 7-A — Telefone: 41110-45301

**NÃO PODIA TER ESCOLHIDO
melhor!**

DUROmatic

**É A PANELA DE
PRESSÃO IDEAL**

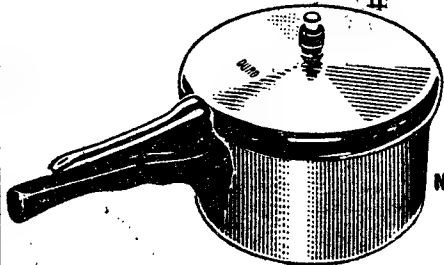


Porque:

**É TOTALMENTE CONS-
TRUIDA COM O FAMOSO
«PERALUMAN 30»**

**UM MATERIAL SUIÇO
3 VEZES MAIS RESISTENTE
QUE O ALUMÍNIO DE QUE
SÃO FABRICADAS AS
PANELAS DE PRESSÃO
VULGARES**

**O SEU INDICADOR DE
PRESSÃO É O MAIS PRÁTICO,
SEGURO E EFICIENTE DE TODOS**



por isso...

DUROmatic

É DE ABSOLUTA SEGURANÇA!

**O SEU MANEJO É MUITO
FÁCIL E A SUA DURAÇÃO
ILIMITADA**

**AS PANELAS "DURO-MATIC"
ENCONTRAM-SE À VENDA EM
3 TAMANHOS DIFERENTES
(4,6 E 10 LITROS)
E A PREÇOS MODERADOS
NAS BOAS LOJAS DE
ARTIGOS DOMÉSTICOS**

**NÃO ENCONTRANDO PEDIMOS O
OBSEQUIO DE SE DIRIGIREM
AOS**

Representantes:

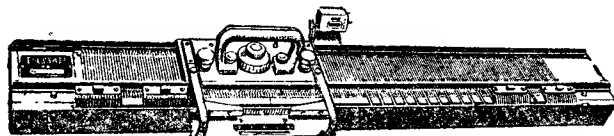
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45 • Telef. 59181 • LISBOA

Delegação em Coimbra:

AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 32-2.º

MAQUINA DE TRICOTAR **PASSAP**
A ÚNICA EM QUE O TRABALHO NÃO ENCOLHE



**SE FOR COMPARADA SERÁ A PREFERIDA
APENAS POR 98500 MENSÁIS**

**Alta precisão suíça — Toda em aço — 201 agulhas — Trabalha com todos
os fios — Faz todos os pontos — Canelados pares e ímpares e muitas outras
características únicas**

FOI A PRIMEIRA E É A MELHOR

Representante exclusivo: JAIME AFONSO CANCELA

**LISBOA: C. do Combro, 49 — Telef. 31854. Agência: R. Conde Redondo,
119-A — Telef. 57594. PORTO: R. Santa Catarina, 72-1.º. COIMBRA:
R. Ferreira Borges, 45. ALMADA: Av. D. Afonso Henriques, 13**

Aceitam-se agentes locais

**PREÇOS DE PASMAR!
MALHAS AO DESBARATO!**

**Não são saldos, é uma liquidação total de toda a existência,
para mudança de ramo. Faça hoje mesmo uma visita a este
estabelecimento.**

Descontos verdadeiros que vão até 50 %

A Grande Feira de Inverno

**Tem a honra de convidar V. Ex.ª a visitar as suas instala-
ções onde encontrara grande sortido em meias e peugas e em
malhas para homem, senhora e criança, por metade dos preços
de fábrica.**

**RUA DA TRINDADE, N.º 1 — Telef. 21311 — ao Largo do Carmo
L I S B O A**

Policlínica do Rossio

**L. D. João da Camara, 19, 2.º, Esq.
Telef. 20660**

Dr. Almada e Mole — crianças — 2.º,
3.º, 5.º e 6.º — 17 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.º,
4.º, 5.º e 6.º — 15,30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos
e Articulações) — 3.º e 6.º — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv.
— 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest.,
Fígado — Doenç. Ano-rectais, He-
morroidas — 2.º, 4.º e 6.º — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e vias
urinárias — 16 h.
Dr. Joaquim Lobo — Doenç. Reumáticas
— 2.º, 4.º e 6.º — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e sífilis — 15,30 h.
Dr. Lobo Antunes — Doenças nervosas —
3.º, 5.º e Sáb. — 17,30 h.
Dr. Luis Abecassis — Coração-Electro-
cardiografia — 3.º, 5.º e Sáb. — 14 h.
Dr. Luis Leite — Senhores — Partos —
17 h.
Dr. Marques da Gama — Clin. Médica
— 2.º, 4.º e 6.º — 18,30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral
— Doenças Pulmonares — 14 h.
Dr. Neto Rebelo — Clin. cirur. — Ope-
rações — 16 h.
Dr. Pereira de Pina — Boca e dentes
— 17 h.
Dr. Rosário Dias — Clin. Méd. (Doenç.
Endocr. e Nutrição) — 2.º e 6.º —
15 h.
Dr. Formigal Luzes — Agentes físicos.
Dr. Gentil Branco — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises Clínicas.



**CALDAS
de Monção**

**Especialmente indicadas para o tra-
tamento do Reumatismo, Bronquite,
Asma, Hipertensão arterial, doenças da
pele e das mucosas.**

Abertas de 15 de Junho a 31 de Outubro

**SINDICATO NACIONAL
DOS PROFISSIONAIS
DE CINEMA
AVISO**

**Avisam-se os sócios deste Sindicato
que se encontra aberta na sede até ao
dia 23 de Junho a inscrição para o
concurso do Bairro de Casas Econó-
micas de Queluz.**

Lisboa, 29 de Maio de 1958.

**SECRETARIA JUDICIAL
DE
OLHÃO
ANÚNCIO**

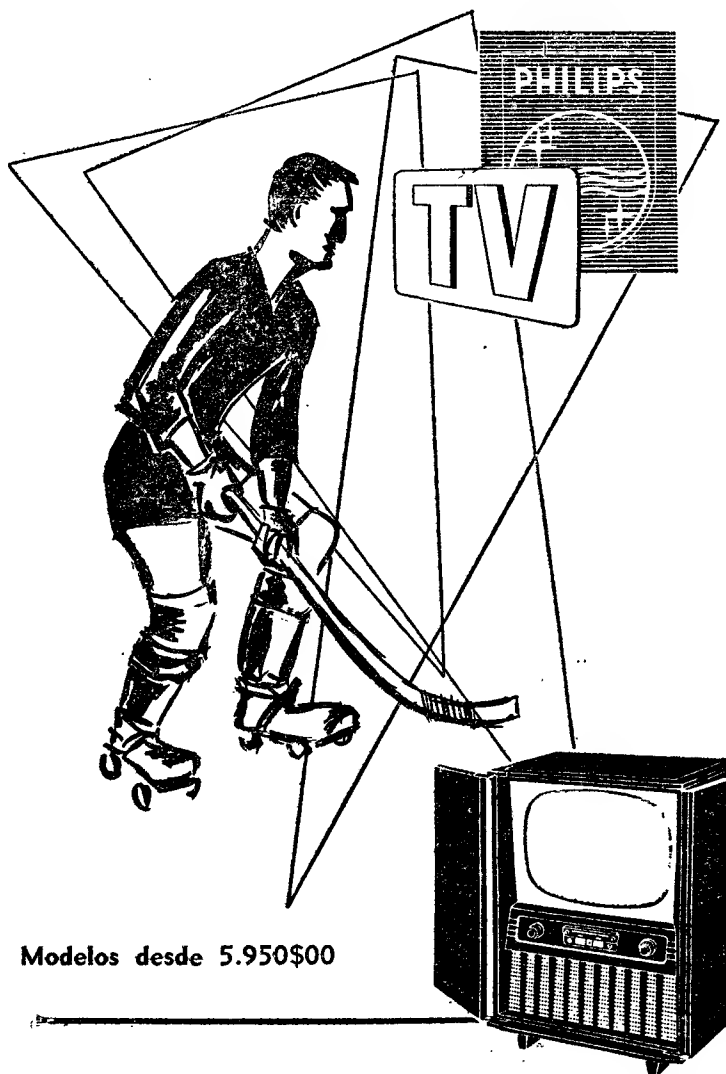
FAÇO SABER que por este Juízo e Pri-
meira Secção, correm editos, notificando
os requeridos **ANTÓNIO MANUEL
CAMPOS MATHEOTTE**, ele viajante,
e mulher **MARIA DE LOURDES DE
OLIVEIRA MATHEOTTE**, doméstica,
ausentes em parte incerta, sendo o seu
último domicílio conhecido na cidade
de Lisboa, na Rua Filinto Elísio, nú-
mero vinte e um, terceiro, direito, para
comparecerem neste Tribunal Judicial
desta Comarca de Olhão, no próximo
dia VINTE E OITO de Julho, pelas
DEZ HORAS, a fim de se proceder á
conferência a que se refere o artigo
1.059 do Código de Processo Civil, nos
autos de acção de divisão de coisa co-
mum, em que são: — Requerente, a
Sociedade Ferreira, Bom & Martins, Li-
mitada, com sede em Olhão, represen-
tada pelos seus sócios António Jacinto
Ferreira e Francisco Martins, ambos
casados, comerciantes, residentes em
Olhão, e Requeridos, Amália de Jesus
Pereira, viúva, doméstica, residente no
sítio da Patinha, freguesia de Quelfes,
e OUTROS.

Olhão, 21 de Maio de 1958.

**O Chefe da 1.ª Secção
Francisco de Oliveira Martinho
O JUIZ DE DIREITO
Sequeira Carvalho**

APRECIE NA TV

as principais fases do Campeonato do Mundo



Modelos desde 5.950\$00

Se vir num PHILIPS vê melhor



BELARTE



**Só ou
acompanhado...**

**é sempre um
prazer
sahorear o**

**BRANDY
30 ANOS**

**RESTAURANTE CAPRISTANOS
CALDAS DA RAINHA**

**Comunica ao Ex.º Público que reabre, depois de restau-
rado, no próximo dia 1 de Junho.**

Nota semanal

(Continuação da página central)

nativa, e foram substituídos por uma orientação mais ou menos marcadamente dirigista.

Dado que os aspectos essenciais, enformadores do nosso sistema corporativo, não diferem fundamentalmente do modelo corrente das estruturas económicas capitalistas, não surpreende que tenha sido impossível criar entre nós, no domínio da distribuição de rendimentos, um clima de perfeita compreensão social. A oposição de interesses reflecte-se em cada nova discussão de contratos colectivos de trabalho, dando lugar a longas e difíceis negociações e conduzindo a resultados finais que raramente satisfazem ambas as partes em presença.

O problema resulta ainda agravado por virtude da mentalidade rotineira da maioria dos grandes empresários portugueses, agarrados à ideia simplista de que um aumento de salários representa sempre diminuição de lucros, desde que o respectivo encargo não possa ser transferido ao consumidor, através de um aumento de preços. Esquece-se que a subida do poder de compra das classes menos favorecidas — desta forma promovida — corresponde a um alargamento das dimensões do mercado e se traduzirá afinal por um incremento do volume de vendas. Ao contrário, um fraco poder aquisitivo das classes de maior propensão ao consumo representa estagnação económica prolongada, por mais intenso que seja o recurso a estimulantes artificiais, destinados a fomentar o crescimento produtivo.

Em regime de baixos salários, o lucro dos empresários nacionais não resulta de um vasto movimento de transacções, mas antes de uma elevada percentagem de lucro por unidade produzida. Uma tal situação constitui estímulo poderoso à manutenção de unidades marginais deficientemente instaladas e equipadas, ao mesmo tempo que confere, às empresas dotadas de boas condições técnicas de produção, a possibilidade de arrecadar um volumoso sobre-lucro, com todas as características de verdadeira renda. Este processo resulta ainda favorecido pela política de fixação de preços que vem sendo seguida entre nós e que assegura viabilidade económica a empresas manifestamente ineficientes.

Se, como nos parece, a instauração do sistema corporativo em Portugal não representou alteração de tal modo profunda que pudesse obstar ao livre jogo das leis económicas do capitalismo, forçoso será então admitir que os salários praticados terão continuado a depender da produtividade marginal

do trabalho. Ora, na medida em que os preços correntemente praticados entre nós — resultantes quer da política dirigista das autoridades responsáveis, quer de simples acordos particulares firmados entre empresas interessadas — se fixam acima dos que normalmente se atingiriam em regime de livre concorrência, está criado um estímulo à continuidade de empresas ineficientes, fica assegurada a perduração de um fraco índice de produtividade e, em consequência, existem as condições económicas bastantes para justificar a manutenção de um baixo padrão de salários.

Há quem pense, no entanto, que o alto nível dos preços praticados no nosso País resulta principalmente do chamado «peso da organização corporativa», ou seja do conjunto de taxas e outras imposições que o produtor se vê obrigado a satisfazer, em proveito de vários organismos. Trata-se, na verdade, de um quantitativo não perfeitamente determinado, mas por certo volumoso, de autênticos impostos indirectos, que oneram o custo de produção das mercadorias e se repercutem finalmente no consumidor, através da majoração dos preços de venda.

Neste, como em tantos outros aspectos da vida económica portuguesa, as informações estatísticas disponíveis não são infelizmente bastantes para permitir um estudo completo da situação. O assunto merece, contudo, a atenção dos estudiosos, e bom seria que oportunamente se coligissem e publicassem os necessários elementos numéricos. Entre eles não seriam evidentemente de incluir os descontos feitos para a Previdência, que constituem encargos inerentes à utilização do factor trabalho, comuns a todos os sistemas económicos e não característica exclusiva do regime corporativo português.

Análise de um ângulo estritamente técnico, justo é reconhecer que o problema não pode restringir-se à simples determinação do «peso da organização corporativa». Há que averiguar, com rigor, a importância efectiva do conjunto da carga fiscal, de modo a que possa apreciar-se a sua influência na formação dos preços de custo nacionais.

Neste aspecto, a firme preponderância dos impostos indirectos sobre os directos e a deficiente estrutura de alguns destes últimos — que permite a sua regular inclusão nos preços de custo dos produtos — constituem razões de sobejo para que se emitam sérias dúvidas quanto ao valor do nosso sistema fiscal, como factor susceptível de contribuir para o desenvolvimento económico do País. Numa altura em que tanto se fala da nossa eventual adesão a uma «zona de comércio livre», o problema do aumento e mais perfeita distribuição dos rendimentos, assim como o estudo dos factores que contribuem para a formação de preços de venda excessivos, não podem deixar de ser considerados e resolvidos. Daí depende afinal o necessário alargamento do mercado interno — base para o escoamento da produção das empresas já existentes e ponto de apoio para o lançamento de novas iniciativas, destinadas a completar o quadro, manifestamente restricto, das actividades industriais do País.

O PORTO pelo telefone

Homenagem à Imprensa

PORTO, 29 — Como nos anos anteriores, a quando dos campeonatos mundiais de hóquei em patins, o delegado da Direcção-Geral dos Desportos nesta cidade ofereceu, hoje um almoço aos representantes da Imprensa desportiva diária, da especialidade do País e províncias ultramarinas, e estrangeiros, de rádio-reporteres em serviço no campeonato em curso. Durante o almoço reinou a maior alegria.

Importante furto de materiais electricos

Em Janeiro ultimo queixou-se na Polícia Judiciária a firma J. Nascimento Cordeiro, Lda., com estabelecimento de material eléctrico na Rua Fernandes Tomás, desta cidade, de que lhe haviam furtado material no valor de cerca de 26 contos.

Após várias diligências, a Polícia identificou o autor do furto, o antigo empregado daquela firma Mário Vieira, o que não ofereceu dificuldades, pois já se encontrava preso sob a acusação de vários furtos da mesma natureza. As investigações foram feitas pelos agentes Barros e Meireles da 4.ª secção.

O «Vasco da Gama» no Porto

A notícia é de muito interesse para os desportistas desta cidade, nomeadamente para os adeptos do futebol: Por notícias hoje aqui recebidas está decidida a vinda às Antas da equipa de honra do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, em digressão pela Europa.

A turma dos mais portugueses dos clubes brasileiros jogará, pois, no Porto, no próximo dia 5 de Junho, com o clube «azul e branco».

Cartaz do Porto

para amanhã dia 30

S. JOÃO — A's 21 e 30 — «A flor do pantano».

SA DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — «Fogo no pandeiro».

COLISEU — A's 21 e 30 — «Invasões de Martes».

RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O sétimo mandamento».

OLIMPIA — A's 15 e 30 e às 21 e 30 — «Espião».

BATALHA — A's 21 e 30 — «O sheik branco».

TRINDADE — A's 21 e 30 — «O cadete do regimento».

AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Esta noite ou nunca».

JULIO DINIS — A's 21 e 45 — «Fora da lei».

VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Violadores».

Pequenas noticias

PELOS HOSPITAIS

CICLISTA QUE CHOCA COM UMA FURGONETA — Na Rua do Ouro, o ciclista Joaquim Rosa da Fonseca, residente na Rua dos Vilmeiros, 28, no Bairro das Furnas, foi chocar com a bicicleta que conduzia com uma furgoneta. Do embate resultou ficar com várias contusões, pelo que ficou internado na sala de observações do Hospital de S. José.

ATROPELADO POR UMA BICICLETA — Foi atropelado por uma bicicleta, próximo da sua residência, o sr. Manuel Reis Pereira, de 23 anos, servente, residente numa barraca da Travessa de Possidónio da Silva, pelo que sofreu vários ferimentos na cabeça. Ficou internado na sala de observações do Hospital de S. José.

JOGO PERDIDO

Pede-nos a Casa de «Os Belenenses» do concelho de Almada que informemos de que foi retirado, indevidamente, duma «vitrine» da sua sede, o bilhete da lotaria de Santo António, com o numero 21.717, e que o facto foi já participado à Polícia local e à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Todo o bilhete, ou qualquer das suas fracções, será objecto de apreensão, com punição dos responsáveis pelo abuso de confiança.

FESTA DE BENEFICENCIA

Efectua-se no sábado, na Casa da Comarca de Arganil, uma festa cuja receita reverte a favor das crianças do Sardoal (Benfeita), Arganil, as quais serão distribuídas roupas, calçado e livros escolares. Haverá baile com surpresas e brindes às senhoras.

«GARDEN PARTY»

Depois de amanhã, às 16 horas, começará, nos jardins do Cruzeiro de Santa Maria (externato primário feminino do Colégio Infante de Sagres), um «garden-party», com diversões e jogos especialmente dedicados às crianças até aos 10 anos.

ALMOÇO DOS SOLICITADORES

E' no próximo dia 13 que se efectua, no restaurante «Muxito», em Vale de Gatos (Amora), o tradicional almoço anual dos solicitadores. A inscrição encontra-se aberta na Camara dos Solicitadores até ao dia 6.

CONCURSO PÚBLICO

Foi aberto concurso pela Camara Municipal para adjudicação da empreitada da casa da guarda e instalações de ajardinamento na escola de S. José, Rua do Telhal.

CONFERENCIAS

Esta noite, às 21 e 30, no Instituto Espanhol, o prof. dr. D. Antonio Ybot León falará sobre «Imágenes e imagineros españoles».

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Go-

verno Civil): uns óculos para motociclista, uns óculos graduados, três tampões para rodas de automóvel, uma corrente de ferro, um tapa-chamas para tubo de escape de automóvel, uma chapa de registo de velocípede, dois pentes, um lenço, uma cédula pessoal, uma nota do Banco de Portugal, um aro com vidro para relógio, umas luvas, uma carteira e diversas chaves.

Também se encontram no Sindicato Nacional dos Motoristas: duas malas, um chapéu de chuva, uma pasta, dois estojos com óculos, uma régua de cálculo, uma bomba própria para asmático e uma almofada de borracha.

VIDA RELIGIOSA

O 1.º centenário das aparições de Lourdes

BRAGA, 29 — (Pelo telefone) — Com um tríduo de pregação, iniciam-se hoje à noite, nesta cidade, as comemorações do 1.º centenário das aparições de Lourdes.

A fim de assistir às solenidades que são promovidas pela Confraria do Santuário do Sameiro, são esperados, no próximo sábado, nesta cidade, os srs. cardeal-patriarca de Lisboa e nuncio apostólico, o episcopado português, e ainda o bispo de Lourdes monsenhor Pedro Maria Théas, especialmente convidado. Após a recepção nos Paços do Concelho, pelas 10 e 30, será cantado, na catedral, solene «Te-Deum», seguindo-se um almoço, oferecido às referidas individualidades, pela Camara Municipal.

As 17 horas, haverá, no Teatro-Circo, uma sessão académica presidida pelo sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira; e, à noite, algumas ruas da cidade serão percorridas por uma procissão de velas, sendo a bênção do Santíssimo lançada da varanda da catedral.

As cerimónias terminam no domingo, com uma peregrinação nacional ao Sameiro.

Exposição fotográfica

Inaugurou-se hoje, de tarde, a exposição de fotografias do concurso promovido pela Liga para a Protecção da Natureza, a qual está patente ao publico no edificio da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa (na da Escola Politécnica), até ao dia 4 de Junho, das 10 às 19 horas.

A direcção da Liga, que decidiu não conferir o 1.º prémio do concurso, atribuiu o 2.º prémio na importância de 1.000\$00, ao sr. eng.º J. Mulato-Beliz, pelo conjunto das fotografias de sua autoria que foram admitidas.

Tem Prisão de Ventre?

BEBA

AGUA DO MOD CHÃO E PÓVOA

Regularizador das funções intestinais

Laxativa

Dep. Geral: Conde Barão, 4

Telefone 664378

LUZ FLUORESCENTE

COLOSSAL VARIEDADE DE MODELOS
ULTRA-MODERNOS

De Candeeiros, Cirlines e Armaduras em vidro, em plástico e em metal para uso Industrial, Comercial e Doméstico

PRIMOROSA EXPOSIÇÃO

De Lustres, candeeiros e apliques em cristal «MURANO» Veneza

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

PRAÇA DA ALEGRIA, 44, 1.º — TELEFONE 34774 — LISBOA

Kelvinator

PODEROSA E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DE RENOME MUNDIAL DE REFRIGERAÇÃO ELECTRICA PARA O LAZ



APRESENTA

o mais surpreendente modelo de

1958

CAPACIDADE: 8,2 pés cubicos = 232 litros

PREÇO SENSACIONAL

ESCUDOS 8.990\$00

CORRENTE 220 V. SEM TRANSFORMADOR

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

A l v o
R. José Falcão, 57-A
Casa José Costa
R. S. Paulo, 11
Construtora Frigoríficos
R. Acácio Paiva, 21
Electro Luminosa, Ld.º
R. Ayles Torgo, 127-B

Freijota, Ld.º
Av. Liberdade, 136-A
Galerias do Rato
Rua S. Filipe Nery, 27
J. E. Moreira
R. Prior Crato, 33
Onda Eléctrica
R. S. Pedro Alcantara, 47

Rádio Moçambique, Ld.º
R. Cavaleiros, 72
S a b e l
Av. Praia Vitória, 1-B
S o t e r
Rua 1.º Maio, 70
Vapedrone
R. Vitória, 54

e nas Companhias Reunidas Gás e Electricidade—R. Garrett, 2—R. Boavista, 39
Agentes gerais: A. C. Torres Fernandes — Trav. Carvalho, 37-2. — Tel. 26021/2, 24535, 20474 — LISBOA

GRANDE CONCURSO

DE DESENHOS COLORIDOS

ESC. 50.000- DE PRÉMIOS

ORGANIZADO
PARA A JUVENTUDE
DE PORTUGAL
PELO

MILO

NESTLÉ

QUEIRAM ENVIAR-ME UM PROSPECTO COM AS CONDIÇÕES E OS PRÉMIOS DO GRANDE CONCURSO DE DESENHOS COLORIDOS ORGANIZADO PELO MILO TÓNICO NESTLÉ

NOME _____
MORADA _____

RECORTAR E ENVIAR À SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS — C. P. 20/13 — LISBOA

A insurreição na Argélia

(Continuação da 1.ª página)

os outros dirigentes da insurreição «cumprissem o seu dever obedecendo à ordem e reconhecendo a autoridade do Governo da República». O presidente invocava para isso a qualidade de comandante supremo das forças armadas. Ao mesmo tempo o chefe do Governo, Pflimlin, investido pela Assembleia Nacional, mostrara que não estava na disposição de capitular perante as exigências dos insurrectos.

Em Paris resolveram responder ao desafio e Argel, pelo que se considerava que a insurreição se malograra. Entre os insurrectos a decisão de Paris produziu os seus efeitos e os primeiros a senti-los foram os militares. Até então o general Massu apresentava-se como chefe do movimento e o general Salan era vaiado pela multidão. O Governo de Paris encarregara-o de garantir a ordem na Argélia e a protecção dos bens e pessoas ali residentes. Poucas horas depois do ultimato do primeiro, Salan figurava ainda como representante do Governo legal e dele recebia os seus poderes.

Numa mensagem deste ultimo, lida em Rádio Argel, o general dizia à população que tinha a missão de a proteger e que tomava provisoriamente nas suas mãos o destino da Argélia. Dir-se-ia que o «comité» de salvação publica e o seu presidente, general Massu, haviam sido eliminados. Salan incumbia-o apenas da tarefa de assegurar «a ligação entre a população francesa da Argélia e o comando e transmitia-lhe as suas ordens».

Uma posição equivocada

A posição do general Salan foi, desde o início, bastante equivocada. Na sua primeira mensagem não se fazia alusão ao Governo de Paris e falava-se já da sua «missão». O general pedia à população francesa da Argélia que tivesse confiança nele e no exército. Ao mesmo tempo, embora praticamente eliminasse o «comité» de salvação publica, justificava a sua criação «sob a pressão dos acontecimentos» para afirmar a vontade da população francesa e muçulmana de que a Argélia continuasse a ser francesa.

Noutra declaração publicada, alguns dias depois, o general Salan glosava os temas da primeira e acrescentava que assumia o encargo de velar pela Argélia de acordo com o «comité» de salvação publica. Noutro dia, dirigindo-se à multidão da janela do palácio do Governo, citava o

nome do general De Gaulle o qual foi aclamado. Mas o que de facto contava era que Salan não aparecia, aos olhos de todos, como um revolucionário mas como um intermediário entre o Governo de Paris, que lhe não retirara a confiança, e o «comité» de salvação publica que lhe consentia esse papel. Depois da primeira manifestação da revolta, em 13 de Maio, alguma coisa mudara.

A firmeza inesperada do Governo de Paris alterara a trajetória da insurreição e esta perdera o impeto inicial. Apenas vinte e quatro horas depois do movimento estalar e do envio do ultimato ao Governo de Paris, o general Massu convocou uma conferência de imprensa para explicar a sua atitude. Segundo a sua versão fora surpreendido pelos acontecimentos, a que era estranho. Quando no dia 13 chegara ao Ministério da Argélia encontrara-se perante um grupo de jovens que não conhecia. Aceitara a presidência do «comité» de salvação publica, que lhe ofereceram, para evitar a efusão de sangue.

Por outro lado dizia-se que ninguém pensava na formação de um governo insurreccional, como de começo se propalava, e o «comité» de salvação publica nada fazia. Era evidente que a insurreição não marchava.

A intervenção de De Gaulle

Nesse momento decisivo produziu-se um facto novo que, pela segunda vez, modificou o curso dos acontecimentos — a intervenção do general De Gaulle. Respondendo aos apelos dos chefes insurrectos de Argel, De Gaulle, na tarde de 14, fez uma declaração tão lacónica como explosiva. O general aprovava a insurreição, embora indirectamente, e via nela uma consequência da degradação do Estado que responsabilizava pela guerra da Argélia e pelas dificuldades que a França tinha no seu império colonial.

«A degradação do Estado», dizia o general De Gaulle, acarreta inevitavelmente o afastamento dos povos associados, a perturbação no exército empenhado em combates e a perda da independência. O antigo chefe da França Livre, depois de recordar que houve uma altura em que o país depositava a sua confiança nele, «para o conduzir inteiro a porto de salvamento», acrescentava que «perante as provações que o esperavam, o país devia saber que ele estava disposto a tomar nas suas mãos os poderes da República».

Assim o general De Gaulle dava razão aos insurrectos que lhe pediam para salvar a Argélia e a França e, para deter a degradação do Estado, fonte de todos os males da nação, declarava-se pronto a assumir o Poder. As repercussões da sua atitude, num momento tão grave, não podiam deixar de ser importantes, pois na Argélia o movimento insurreccional apenas contava com ele e esperava o seu apoio. As suas declarações encorajaram os insurrectos numa altura em que estes estavam em via de se tranquilizar. Cobertos pela sua autoridade, tinham encontrado um verdadeiro chefe.

ATTICUS

PRAIA

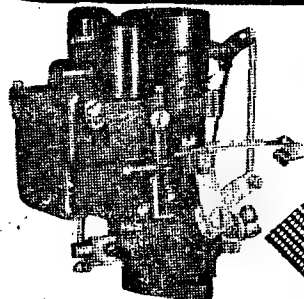
Fatos de banho, calções de «Ny-lon» e Lastex, da marca Odilup, para revenda, Rua do Crucifixo, 76-4, 1.º e 2.º andares.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

carburadores

CARTER



TIDOS ESPECIAIS
para
AUSTIN-ANGLIA
PREFECT-HILMAN
PEUGEOT-RENAULT
SINGER-STANDARD

REPRESENTANTES:

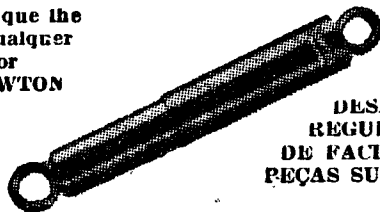
AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE 73-79 - LISBOA

NEWTON

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FÁCIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:

AUTO TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

Sofre dos Pés?

Trate-os hoje mesmo, adquirindo na sua Farmácia, Drogeria ou Perfumaria, apenas por 3\$50 uma cartela de



OXITRATOS

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Em ALPIARÇA e ALMEIRIM,
são vendidos o «Diário de Lisboa»
e o «Sempre Fixe» por Francisco
Abrantes Pereira.

Os socialistas franceses persistem na sua hostilidade a De Gaulle e anunciam que tomarão hoje decisões definitivas

(Continuação da 1.ª página)

gio Bourbon pelo então chefe do Governo, François Marsal.

Na sua mensagem de hoje, lida por André Le Troquer, presidente da Assembleia Nacional, o presidente Coty apontaria a extrema gravidade da situação, que requer decisões iminentes.

O chefe do Estado dirá à Assembleia que, ao enviar-lhe a mensagem, assume as suas responsabilidades. Compete à Assembleia arcar com as que lhe pertencem. Indica que, no seu entender, apenas uma solução é hoje possível, querendo preservar as instituições republicanas: apelo ao general De Gaulle.

Se esta solução não prevalecesse, o regime ficaria exposto aos maiores perigos e o homem que é, pela Constituição, o zelador das instituições republicanas, ver-se-ia forçado a pesar todas as consequências da situação.

O Conselho de Gabinete reuniu-se, ao meio dia, na Presidência do Conselho, para examinar a situação geral. Presidiu à reunião o chefe do Governo, Pierre Pflimlin. — (F. P.).

Resposta do general De Gaulle a Auriol

PARIS, 29 — Respondendo, hoje, a uma carta do antigo presidente da República, Vincent Auriol, o general De Gaulle escreve:

«Esbarro do lado da representação nacional com uma oposição determinada. Por outro lado, na Argélia e no Exército, o movimento é tal que um malogro da minha proposta de formar um Governo faz correr o perigo de quebrar os diques e até de submergir o comando. Como não poderei aceitar os poderes de outra fonte que não seja povo ou pelo menos os seus representantes, receio que caminhemos para a anarquia e para a guerra civil». — (F. P.).

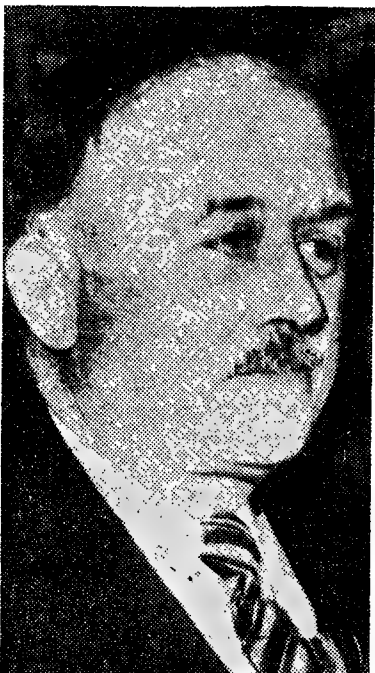
A evolução da crise

PARIS, 29 — Foi a um ritmo verdadeiramente acelerado e numa atmosfera febril e agitada que se realizaram ontem, no Eliseu, as conversações do presidente da República com várias individualidades políticas. Durante inúmeras horas, algumas centenas de curiosos, agrupados em frente da Presidência da República, esperaram, em vão, a vinda do general De Gaulle ao Eliseu. Muitas vezes, a multidão, contida por um forte serviço de ordem, apupou o nome do general e cantou a «Marseillaise».

A conferência do chefe do Estado com o antigo presidente Vincent Auriol, não durou mais do que um quarto de hora. A saída, mais de 300 jornalistas assediaram-no com perguntas. Serenidade, recusou-se a fazer qualquer declaração e disse: «Fazem-me pagar caro os meus três anos de silêncio. Na verdade, nada vos posso dizer, absolutamente nada. Sinto-o deveras, podem crer».

Parcece que Auriol ter-se-ia recusado a estabelecer, oficialmente, contacto com De Gaulle, a fim de estudar as modalidades para a formação de um novo Governo.

A conferência do presidente Co-



O antigo presidente Vincent Auriol, a quem o actual presidente Coty convocou especialmente para recolher o conselho da sua experiência.

ty com Le Troquer, presidente da Assembleia Nacional, durou 10 minutos e a com Monnerville, presidente do Senado, menos ainda. Depois da partida deste, um informador do Eliseu anunciava que um comunicado oficial seria publicado de um momento para o outro. A seguir, durante uma boa meia hora, o presidente da República conferenciou com os seus mais próximos colaboradores: Merveilleux du Vignaux, Friol e o general Ganeval, respectivamente, secretário e chefes das suas casas civil e militar.

Os socialistas mantêm-se hostis a De Gaulle

As 23 e 45, o residente Coty fez saber que Le Troquer e Monnerville tinham sido convidados a entrar em contacto com o general De Gaulle, para discutirem com ele as condições em que poderia ser constituído o Governo da República.

Os jornalistas e a multidão que esperavam no exterior a chegada do general ao ouvir gritos na rua, antes daquela comunicação, correram para os telefones para dar a notícia aos jornais. O comunicado só foi redigido quando a presidência soube, de certeza, por um telefonema, que Le Troquer e Monnerville tinham estado em contacto com De Gaulle. O lugar onde se efectuaram as conversações não foi divulgado. Crê-se, no entanto, que se realizou num local distante 20 a 25 minutos do Eliseu.

A 1 hora da manhã informavam que o presidente Coty dera por findas as suas consultas e que estas seriam reatadas esta tarde quando os presidentes das duas Camaras forem comunicar a René Coty os resultados da sua missão.

Enquanto, o chefe do Estado prosseguia nas suas consultas com o firme propósito de conseguir um resultado o mais rapidamente possível, o grupo socialista, reunido no Palais Bourbon, ouvia uma exposição, de Guy Mollet, sobre a sua entrevista ao presidente da República. Até agora, não se crê que o grupo tenha afrouzado a sua

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 21,3; mínima, 12,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 20,4; mínima, 11,4.

— Temperaturas observadas às 10 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 16,4; na água do mar, 14,5.

De Lisboa a Sevilha por Vila Real de Santo António

é o caminho preferido pelos que desejam visitar a linda — província do Algarve. — Transporte misto: comboio, barco privativo e autocarro. Informe-se nas estações ferroviárias.

hostilidade a um recurso ao general De Gaulle. As suas deliberações continuarão, durante uma reunião que deve haver esta manhã.

André Le Troquer, filiado no Partido Socialista, deve poder esclarecê-los, melhor do que ninguém, sobre as condições para a subida eventual de De Gaulle ao poder, o que, sem estar em contradição com a Constituição, não deixa de se revestir de um carácter excepcional.

De Gaulle exigiria poderes especiais

Os presidentes da Assembleia Nacional e do Senado, respectivamente, André Le Troquer e Monnerville, vão dar conta ao chefe do Estado e informarão os representantes dos partidos da sua conferência com De Gaulle, o qual regressou à sua residência de Colombey-les-deux-Eglises.

Das conversações que ambos tiveram com o general nada foi ventilado. Crê-se, no entanto, saber que aquele não ocultou que lhe serão necessários, para bem se desempenhar da sua missão, poderes especiais. Le Troquer (socialista) parece que fez notar um certo número de objecções, indicando que essa delegação de poderes não deixaria de provocar uma decidida oposição de numerosos parlamentares. Monnerville (radical-socialista) parece que se mostrou mais compreensivo.

E assim, pergunta-se: depois de um exame da situação e das intenções do general, tal como forem expostas pelos presidentes das duas Camaras, o que decidirão os partidos políticos? No caso de não aceitarem conceder-lhe «plenos poderes», o general voltaria ao seu recolhimento. Mas se assim for — dizem alguns — é possível que o presidente Coty considere que a sua tarefa é insuperável.

Consta que De Gaulle voltará, hoje, a Paris, se forem aceites as suas condições. — (F. P.).

Aguardam-se as decisões extremas dos socialistas

PARIS, 29 — Chegou a hora da escolha para o Partido Socialista, e esta escolha deve ser decisiva, pois da sua resposta depende o êxito na legalidade republicana, de uma eventual tentativa do general De Gaulle para constituir o Governo.

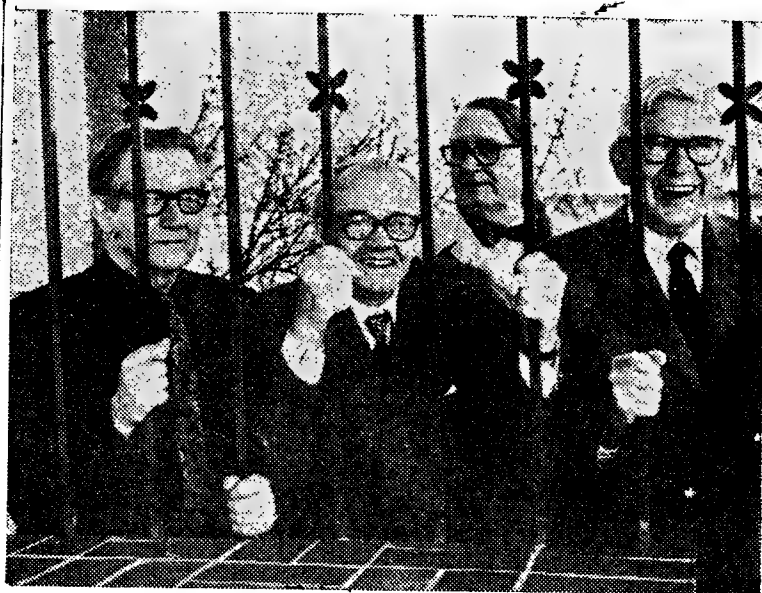
As suas deliberações sucessivas mostram que a quase unanimidade contra a subida ao Poder do general, evidenciada anteontem na reunião do grupo parlamentar e da direcção da S. F. I. O. não tornou provavelmente a verificar-se.

Durante a noite, o grupo parlamentar e o directório socialista voltaram a reunir-se, desta vez com a participação de Guy Mollet. O secretário-geral da S. F. I. O. expôs circunstanciadamente a situação política. De acordo com certas indicações, a atitude dos membros daqueles organismos não variou sensivelmente. Contudo, o facto de haverem adiado a decisão até hoje indica que a hostilidade absoluta manifestada na terça-feira se esbateu, pelo menos da parte de alguns elementos socialistas.

A S. F. I. O. defronta um dilema: aprovar a solução projectada pelo chefe do Estado — que o levou a pedir aos presidentes da Assembleia Nacional e do Conselho da República que comunicassem com o general De Gaulle — ou, no caso de malogro, prever uma solução da esquerda, isto é, sob uma forma ou outra, de Frente Popular. É possível que os socialistas, ante o tão grave problema, se dividam ainda mais do que se dividiram quanto a outro problema de consciência: o da Comunidade Europeia de Defesa.

Os outros partidos ainda não definiram posições, mas a atitude de alguns, e mormente do M. R. P., dependerá, uma vez mais, em parte, da resposta socialista.

Anuncia-se, à última hora, que o grupo socialista parlamentar, que se reuniu esta manhã, na Assembleia Nacional, com os membros do directório do partido, conhecedor de que o presidente da República vai mandar uma mensagem à Assembleia Nacional e ao Conselho da República, decidiu adiar as deliberações para esta tarde, imediatamente depois da leitura daquele texto. — (F. P.).



Atrás das grades, estão quatro senhores grisalhos e sorridentes. Não se trata de grades de um presídio, mas as grades têm a sua razão de ser. Os cavalheiros fazem parte do Clube dos Combatentes da Liberdade e reuniram-se há pouco em Estocolmo para recordar... as suas prisões. Deste clube fazem parte, efectivamente, figuras proeminentes da vida social da Suécia que lutaram pela liberdade nos seus anos de juventude. São eles os srs.: Rudolf Holmo, que sofreu quatro meses de prisão por ter participado numa reunião de protesto contra a prisão de um indivíduo acusado de «traição», em 1916; Einar Ljungberg, nove meses e meio por crime de lesa-majestade, em 1910; Viktor Ed, três meses por distribuição de panfletos, em 1910; e Filipe Strom, um ano e quinze dias por participar numa manifestação pacífica, em 1906. Todos saíram vitoriosos do combate e estão do lado de lá das grades — mas em liberdade.

O Porto por dentro

«Olha para o que eu digo...»

Neste país onde há muito quem mande mas menos quem obedeça, poucos há que não queiram um Deus para si e um Diabo para os outros.

Está neste caso a nossa Câmara Municipal, que até tem uma polícia cujos agentes por serem da Segurança Pública, andam fardados e armados como os que se prezam de manter a cidade o mais limpa possível — no que diz respeito à higiene moral, tão indispensável como a que se refere ao acoço e limpeza da população, das casas, das ruas, etc.

E' de lamentar que essa polícia não tenha a seu cargo a fiscalização das próprias coisas da Câmara, do seu património, e estão nestes casos esses nojentos eléctricos, que parecem nunca ser lavados e cheiram mal, nos quais circulam diariamente milhares de pessoas, de todas as camadas sociais, saudáveis ou doentes, vindas de todos os recantos da cidade, onde a água tem amigos e inimigos...

Só por muita necessidade é que se suportam viagens nos ranceiros carros eléctricos que a Câmara traz em circulação nesta cidade, onde só não grassam muitas epidemias porque Deus não quer.

Mas a sujidade dos passageiros ainda não é tudo, pois há que contar com o lixo entranhado em lugares onde a roupa dos passageiros não chega para o limpar, como sejam assentos, encostos, etc. e sobretudo a quantidade de óleos finos e grossos, claros e escuros que de vários lados escorrem nas plataformas junto de travões, freios, lagartas das portas, fendas das janelas e portas. Há muitos fatos, vestidos e agasalhos de passageiros completamente inutilizados.

A porcaria dos eléctricos municipais não é, porém, tudo quanto nos ocorre.

Pertencem ao chamado «Património Municipal», ou mesmo ao Estado, edifícios que já teriam acarretado aos seus proprietários, se estes fossem simples particulares, multas que os lançariam de certo na miséria.

Integrado num prédio particular da Rua de Santo Ildefonso existe um armazém constituído por um corredor bastante largo, em cuja frontaria se vê uma das tais placas de mármore com a legenda «Património Municipal». A

porta que lhe dá serventia deve ter sido pintada há muitos e muitos anos com tinta cinzenta. As restantes portas do prédio, janelas, varandas, etc., estão pintadas a esmalte castanho escuro. De um lado nota-se o asseio evidente dos proprietários do prédio, do outro o desmazelo municipal. E o interior? Ruínas, estuque caído, paredes escalavradas, clarabóia sem vidros, pelo que chove lá dentro como na rua. Os materiais que lá se encontram guardados, resultantes de demolições, poucos ou nenhuns cuidados merecem.

E o estado do edifício onde funciona o Tribunal do 1.º Juízo Criminal, na Rua de Santa Catarina? Também é património oficial...

O 2.º andar, onde habitualmente se aglomeram centenas de pessoas, está todo escorado com fortes pranchões de madeira, à espera de que um dia ali se dê uma grande tragédia. As salas onde as testemunhas são metidas, até que as chamem para depor, apresentam o pior aspecto que se possa imaginar. Uma delas não possui janela e nem uma nem outra têm onde as pessoas se sentem.

Não se pense que o pessoal do Tribunal, magistrados, advogados, etc., têm, ao menos, instalações próprias, ou pelo menos capazes. Trata-se de um prédio em absoluto estado de ruína.

Já que abordamos problemas de higiene, um há que a muita gente passa despercebido. Trata-se de um caso de perigosa, mesmo muito perigosa, falta de higiene, capaz de gerar epidemias de mais graves consequências.

E' o caso das chamadas «malas» do correio, que circulam por toda a parte, quer no país, quer pelo estrangeiro, correndo Seca e Meca, arrastadas pelo chão, nos porões dos navios, nos vagões de todos os comboios, em carroças, camiões, nos cais das estações, nos portos, sujeitas a toda a sorte de contactos indesejáveis...

Perguntá-se: São lavadas? São desinfectadas? Não é verdade que elas podem ser as condutoras dos piores germes?

Não terá havido casos de infecções nas mãos do pessoal dos nossos correios que as transportam? Cremos que sim. Que dirão a isto os C. T. T.? Talvez que isto não é um problema do Porto...

G. C.

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
Correcções de dentes PREÇOS DE POLICLINICA
Consultas permanentes das 9 às 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

Brincadeiras

com coisas sérias

NOVA YORK, 29. — Um brincalhão de mau gosto convenceu os ouvintes da radiodifusão que era o general De Gaulle.

Uma emissora local tentou comunicar pelo telefone com o general, esperando conseguir uma entrevista. O tal brincalhão de mau gosto, conhecedor das diligências naquele sentido, fez crer que se fizera a comunicação telefónica e que De Gaulle estava pronto a falar aos radiouvintes. Estes ouviram o suposto de Gaulle afirmar que estava pronto a tomar conta do Poder, mas só por meios pacíficos. Finalmente, o desconhecido revelou que não era o antigo chefe da França Livre e que estava a falar de Nova York... — (F. P.).

Está preparado um golpe de força por parte dos generais da Argélia para forçar a subida de De Gaulle ao Poder?

LONDRES, 29 — Entrevistado pelo correspondente do «Times» em Argel o general Massu exprimiu a convicção de que o Exército na metrópole é firmemente solidário com as tropas da Argélia. Quanto à possibilidade de um acto de força para levar De Gaulle ao poder, disse: «Quem deve pronunciar-se é o general De Gaulle». Depois qualificou a situação na Córsega de «sublevação popular espontânea e inevitável».

Referiu-se, depois, ao problema da integração da Argélia. A corrente de opinião a favor da integração é irresistível — afirmou o general Massu —, acrescentando que uma vez que Soustelle tem conhecimento das intenções do general De Gaulle, não prometeria a integração de ânimo leve. Sublinhou, por último, os perigos de um contra-ataque da F. N. N., mas tem a impressão de que uma grande parte dos rebeldes deporia as armas quando o general De Gaulle tomasse conta do poder, pois há confiança nele.

Massu desmentiu que o Estado-Maior de Argel tenha estado em contacto permanente com o general De Gaulle, desde o dia em que foi criado o «Comité» de Salvação Pública.

Segundo o correspondente do «Times», pensa-se em Argel, que se o poder não for confiado, nos próximos dias, ao general De Gaulle, haverá um acto de força em França, por iniciativa das tropas metropolitanas, apoiadas por para-queidistas da Argélia.

Um enviado especial do «Daily Mail» a Nice cre saber que estava projectado para ontem um golpe de força pelos para-queidistas da Argélia, na Riviera, seguido da criação de um «comité» mas que foi anulado quando pareceu que o general De Gaulle estava na eminência de tomar conta do poder. Acrescenta que durante todo o dia de ontem, aviões capazes de transportar para-queidistas, passaram a grande altura sobre as cidades do Meio-dia. — (F. P.).

Um ultimatum do Exército da Argélia?

LONDRES, 29 — Segundo o «Daily Sketch» (popular da direita), o Exército francês da Argélia enviou o seguinte ultimatum ao presidente do Conselho, Pierre Pflimlin:

«Se o general De Gaulle não estiver no poder, hoje, ao meio-dia, o Exército recorrerá à força». — (F. P.).

*

ARGEL, 29 — O Grande «Comité» de Salvação Pública de Argel anunciou, hoje, que se «erguerá vigorosamente» contra qualquer tentativa para impedir a formação de um Governo de De Gaulle.

O aviso foi publicado depois de uma reunião no Palácio do Governo, que se prolongou durante trinta minutos, sob a presidência do supremo comandante, general Salan, enquanto milhares de muçulmanos clamavam pelo regresso de De Gaulle ao Poder, reunidos na praça de frente do edifício. — (A. N. I.).

Medidas militares na região parisiense

PARIS, 29 — Os trinta aeródromos da região parisiense estão guardados por forças da Guarda Republicana e da Polícia, armadas com metralhadoras pesadas, e ali foram levantadas barricadas, para impedir a aterragem de qualquer aparelho. — (A. N. I.).

Os movimentos da esquadra

PALERMO, 29 — O cruzador

francês «De Grasse» chegou a este porto onde já se encontrava o contra-torpedeiro «Maille Breze». Deve largar de Palermo no domingo. — (F. P.).

*

ORAN, 29 — A população aclamou, ontem, os 200 aspirantes de Marinha, que chegaram a Arzew, a bordo do navio-escola «Jeanne d'Arc» e do aviso «La Grandière».

Os futuros oficiais colocaram uma coroa de flores no monumento aos Mortos, onde foram recebidos pelos almirantes Auboyneau, comandante da esquadra do Mediterrâneo, Geli, prefeito marítimo, e general-Rethore, comandante do corpo de exército.

Coty entregará os poderes ao presidente da Assembleia Nacional no caso de se malograr a tentativa para um governo De Gaulle

PARIS, 29. — Reunida, esta tarde, a Assembleia Nacional — ao mesmo tempo e para o mesmo fim reunido o Conselho da República (Senado) —, o texto da mensagem do presidente Coty foi lido pelos presidentes das duas Camaras, para conhecimento dos deputados e senadores. A mensagem presidencial é rubricada pelo chefe do Governo e o ministro da Justiça.

A sessão da Assembleia Nacional principiou às 14 horas sob a presidência de André Le Troquer. Os deputados ouviram de pé a leitura da mensagem do Chefe do Estado, que começou às 15 e 5.

O presidente Coty anuncia às Camaras que designou o general De Gaulle para formar Governo, acrescentando que segundo

O almirante Auboyneau fez uma alocução aos aspirantes. — (F. P.).

Tranquilidade na Córsega

AJACCIO, 29. — Há tranquilidade na Córsega. Ontem à noite, o partido Comunista distribuiu panfletos de protesto contra a proibição de acesso dos vereadores comunistas aos Paços do Concelho, anunciando que eles iriam ali hoje, às 10 horas, e convidando o povo a manifestar-se.

Imediatamente, o coronel Thomazo lembrou que estavam proibidas todas as manifestações, mas acrescentou que os vereadores comunistas seriam autorizados a entrar no Palácio Municipal. Esta manhã, quatro vereadores daquele partido

entraram livremente no edifício, sem incidentes nem manifestações. — (F. P.).

Os acontecimentos vistos de Londres

LONDRES, 29. — Comentando a situação política da França, o «Daily Telegraph» escreve, em editorial:

«Quando o povo deste país discute as possibilidades de guerra civil na França, ou assinala com espanto a aparente apatia de milhões de Franceses, deveria lembrar-se disto: o que está a acontecer em Paris é um capítulo, nem extremo nem extraordinário, da história da política daquela velha cidade. Não viu ela, em 150 anos, duas Monarquias, quatro Reinos, quatro Repúblicas e dois Impérios?»

«Desde que o Poder foi arrebatado, lá, pelo povo, tem sido constantemente disputado pelo mesmo povo. Desde há décadas, a França tem sido uma nação com duas oposições: uma das direitas conservadoras, outra das esquerdas radicais. É precisamente porque os Franceses conhecem bem o papel que têm desempenhado nessa luta histórica, que não tem havido, ainda, derramamento de sangue.

«O que é inédito é o repto lançado de um território ultramarino, a ameaça de uma «chuva» de tropas para-queidistas, em vez do desborramento de um cacho de uvas, a vulnerabilidade de um Estado industrial, perante um golpe de técnicos ou uma sabotagem perpetrada por trabalhadores. Todas as outras coisas são velhas — para alguns emocionadamente, para outros tragicamente, velhas». — (A. N. I.).

Uma moção do «Comité» da Argélia

ARGEL, 29 — Às 11 e 30, havia umas 25.000 pessoas, quase todas muçulmanas do Titteri (região de Medeia, Aumale e Bou-Saad), às quais se juntaram habitantes do Casbah, no «Forum», sobre o qual passam, repetidas vezes, 18 aparelhos «Nort-2.500».

No Ministério da Argélia, o general Salan conferenciou com os seus camaradas Jouhaud, Allard e Massu. Depois, o «Comité» de Salvação Pública da Argélia e do Sahara teve uma reunião especial, à qual assistiram os generais Salan, Jouhaud, Massu, Mirambeau, Dulac, além de Soustelle, Sid Cara e Delbecque. Votou, por aclamação e unanimidade, a seguinte moção:

«O «Comité» de Salvação Pública da Argélia e do Sahara toma nota da declaração do general De Gaulle e patenteia-lhe todo o seu reconhecimento pela decisão de assumir a direcção dos destinos da pátria. Considera que seria inadmissível que os detentores do sistema tentassem impedir a subida ao Poder do general De Gaulle e do Governo de salvação pública. Faz votos por que o Exército, na unidade do qual se incarna a unanimidade nacional, continue alerta ao perigo decorrente de uma mobilização das forças subversivas anti-nacionais.

«Passa a observar o desenrolar do processo de constituição do Governo de salvação pública com a maior vigilância e o propósito firme de se insurgir vigorosamente contra qualquer manobra retardadora por parte do sistema desde agora condenado». — (F. P.).

O atentado contra o general Gandoete

OXIERS, 29 — O general Gandoet, comandante militar da zona Oriental da Argélia — que ontem ficou ferido com gravidade num atentado à bomba durante uma sessão do «Comité» de Salvação Pública — sofreu uma transfusão de sangue durante a noite e o seu estado é satisfatório. Mais dezasseis pessoas feridas pela explosão receberam tratamento no hospital mas os seus ferimentos não são considerados graves.

A granada foi lançada por um rebelde argelino misturando com a multidão que no Mahouane, uma pequena cidade a 200 quilómetros daqui, assistia a um comício organizado pelo «Comité» de Salvação Pública da Argélia. O terrorista e os seus três cúmplices, ao tentarem fugir por entre a multidão, foram agarrados e entregues às autoridades francesas pelos próprios Muçulmanos. — (A. N. I.).

Últimas notícias

O campeonato de hóquei em patins

PORTO, 29. — (Pelo telefone). — Na jornada desta tarde, a contar para o Campeonato do Mundo de Hóquei em Patis, a França perdeu com a Holanda por 3-1.

Na reunião de hoje da assembleia geral da Federação Rink-Hóquei foi resolvido que o Campeonato da Europa do próximo ano se realize na Suíça e que o Campeonato do Mundo de 1960 se efectue em Barcelona.

A conferência de alto nível

LONDRES, 29. — Confirma-se que o embaixador da Grã-Bretanha em Moscovo entregou ao ministro dos Negócios Estrangeiros soviético a resposta britânica ao memorial e ao memorando da U. R. S. S. de 5 do corrente, sobre a preparação de uma conferência de alto nível e as questões a discutir. Consta que os embaixadores de França e Estados Unidos entregarão comunicações análogas. A entrega destas respostas marcou o reacimento oficial dos preparativos diplomáticos com vista à conferência de alto nível. — (F. P.).

Morreu em Paris François-Marsal

PARIS, 29. — Faleceu, durante a noite, Frédéric François-Marsal, antigo ministro e presidente do Conselho. Contava 84 anos. — (F. P.).

A América e o Mercado Comum

NOVA YORK, 29. — Dez industriais e homens de negócios americanos, tendo à frente David Rockefeller, partiram com destino a Paris e Bonn onde, segundo declararam à imprensa, terão «discussões oficiais» sobre diversas questões, nomeadamente acerca do Mercado Comum e suas repercussões nos negócios da Europa e da América. — (F. P.).

Continua em Londres a greve dos autocarros

LONDRES, 29 — O «Times», no seu numero de hoje, diz que pode vir a ser necessária a colaboração do Exército para manter os transportes em Londres, se os empregados das companhias de combustíveis e das centrais eléctricas aderirem à greve do pessoal dos autocarros. — (A. N. I.).

Nova experiência com o «Snark»

CAP CANAVERAL (Flórida), 29. — A aviação americana procedeu ontem ao lançamento do primeiro engenho teleguiado intercontinental «Snark». Não foi dado nenhum pormenor sobre a experiência nem sobre a distancia do objectivo. Sabe-se que o engenho ultrapassou já várias vezes os 8.000 quilómetros. — (France Presse).

Novo Governo venezuelano

CARACAS, 29 — Perante a Junta Governamental, presidida pelo almirante Larrazabal, prestou juramento o novo Governo venezuelano, do qual fazem parte Numa Quevedo, René de Sola e o coronel Castro León, respectivamente, ministros do Interior, Estrangeiros e Defesa Nacional. — (F. P.).

Rapto de um correio diplomático egípcio

CAIRO, 29 — A Rádio local informa que um correio da embaixada do Egipto no Iraque, Rachad Abbas, foi raptado ontem, à noite, em Bagdad, por ordem das autoridades iraquianas. O encarregado de negócios da R. A. U. pediu explicações às autoridades competentes. — (F. P.).

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos — Tel. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

...SÓ QUERO...
...VINHOS

MESSIAS
POR SEREM BONS

Entrevista com o dramaturgo Artur Miller

VIDA Literária

FEIRA DAS VAIDADES

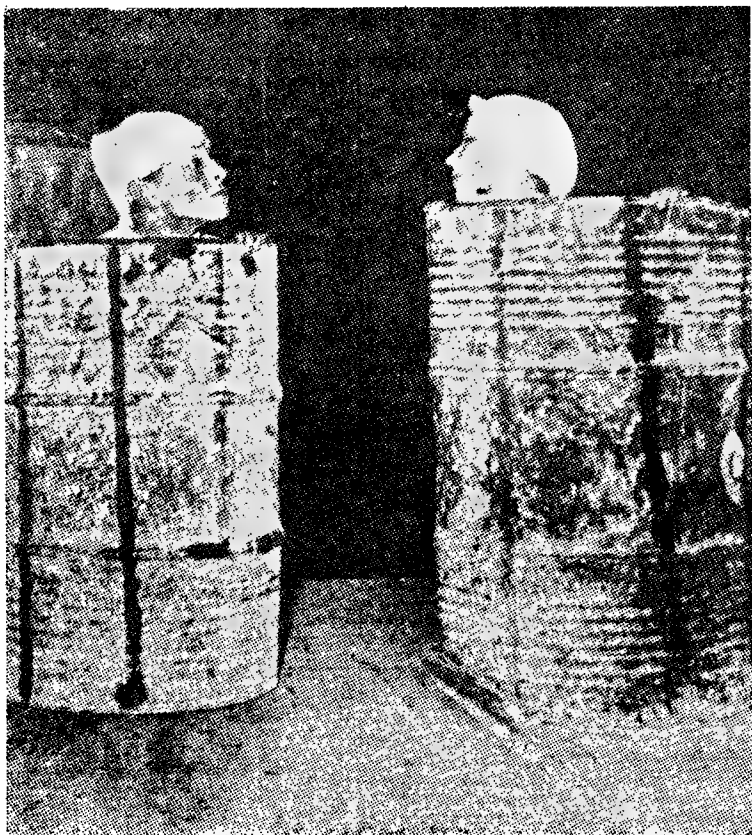
Lisboa em obras

por ARTUR PORTELA (filho)

Não sou o lisboeta tipo. Lisboa é uma construção de linhas curvas e eu prefiro a linha recta, que me parece mais segura e honesta. O lisboeta tipo é o Pompeu Calado, um rapaz de bochecha escarlate, voz abaritonada, dedos sujos de tinta. Pompeu não vive apenas em Lisboa, vive Lisboa. Pompeu considera Lisboa a sua casa, o seu palmo de terra, a sua horta, e defende-a com unhas e dentes. Percorre-a de lés-a-lés, apoiado num inacreditável guarda-chuva, sobe triunfalmente as avenidas, aguça o olho para todos os cantos, vai espreitar as travessas, penetra nos becos, galga as escadinhas. Passa Lisboa em revista, observa-a, analisa-a, verifica o seu estado de conservação. Pergunta o motivo de cada buraco, escreve cartas para os jornais de sete páginas dactilografadas, duas fotografias e um esquema e assiste a todos os descerramentos de lápidas.

Vai respirar oxigénio aos miradouros, espreita por todos os ângulos (Olha, lá vai um barco a sair!) e considera suas as flores dos jardins. Pompeu Calado não é feliz. Vive em estado de guerra e alimenta uma antipatia feroz contra a Carris. Nunca saiu de Lisboa, nasceu em Alfama e vive em Santa Catarina, mas afirma vigorosamente, mesmo indignadamente, que «tudo isso são histórias, que Lisboa mete Paris num saco». O Faro, que já viu mundo, que emalou duas camisas e deu alguns saltos a Madrid, para ver as «corridas» e a Concha, insidioso, diz-lhe que é preciso ir lá fora, ver, conhecer, comparar. Pompeu ergue o guarda-chuva, põe-se vermelho como um tomate, e tem tiradas líricas onde sopra, por vezes, um vento de epopeia. Fala em

(Continua na página central)



Os artistas «Independientes espanhóis, numa representação do «Fim das Partidas de Boukett

Flashes literários

* Sairá brevemente um livro de Jaime Brasil, intitulado «Leonardo da Vinci e o seu tempo. Portugal».

* Traduzido para o japonês e editado em Tóquio: «La Longue Marche» (viagem à China), de Simone de Beauvoir.

* Itália: publicação de «Servizio Proibito», de Raffaello Uboldi (Einaudi).

* Em Londres, Stephen Spender fez publicar duas novelas num só volume: «Engaged in Writing».

* «Best-seller» na Inglaterra e nos Estados Unidos: «Voltaire in Love», de Nancy Mitford.

* O livro «Cartas sem moral nenhuma», de Teixeira Gomes, em Obras Completas, do mesmo autor, será prefaciado por Urbano Tavares Rodrigues.



Os pastores, de Julio Pomar

os nossos contos

A flor de brilhantes

por Maria Espiñal

coisa tão simples. Iria com a mãe.

O dia estava lindo, um destes dias de Primavera que dão a im-

Aquela magnífica flor de brilhantes fora uma prenda do marido durante o noivado, tornando-se uma das mais tocantes recordações daquele período delicioso da sua vida. Era a joia preferida, a que sempre brilhava no elegante vestido negro e no gracioso vestido branco que a tornava tão jovem.

Naquela tarde, apesar de adoentada, Violante envergara o vestido preto e pregara no decote o lindo broche. Ia ao médico. Enrouquecia com facilidade. Sentia mesmo uma leve pontada no pulmão direito. Coisa de nada, mas o marido exigira que ela fosse observada pelo dr. Abreu. Custava-lhe ver-se forçada a prescindir da sua companhia. Jorge Manuel ficaria aborrecido quando soubesse que ela fora sem ele, mas não valia a pena perturbar-lhe o dever profissional por uma

pressão de nos insuflar sangue novo nas veias.

Violante já se arrependia de ir ao médico, convencida da pouca importância do seu mal-estar. Mas foi. O clínico fez-lhe um exame minucioso à garganta, passando depois aos pulmões. Não havia nada de especial. Apenas uma inflamação na laringe que passaria com um tratamento.

Mais tranquila, Violante, logo que deixou o consultório, não ligou mais à sua doença. Ansiava por contar tudo ao marido assim que este regressasse. Mas Jorge apareceu acabrunhado, atacado de gripe. Assustada, Violante esqueceu novamente a sua laringe e tratou de lhe acudir. Nem sequer guardou o belo vestido e o broche maravilhoso. No dia seguinte teria esse cuidado.

De facto, logo de manhã tratou

(Continua na página central)

Transcrevemos estes largos trechos de uma curiosa entrevista que o grande dramaturgo americano Arthur Miller concedeu a Luis Vitzner, enviado extraordinário do jornal brasileiro «Diário de Notícias»:

—Marylin (Marylin Monroe, artista cinematográfica, com quem Miller se casou) adora tomar conta da casa. Vivemos muito dentro do lar. Temos poucos amigos e saímos pouco. Quando saímos, sempre a reconhecem, pelo modo de andar e cria-se à volta como que uma onda. Já me habituei, mas assim mesmo...

«Frank Lloyd Wright (o maior arquitecto americano) está construindo a nossa casa em Connecticut. Ali viveremos quando formos velhos. Marylin quer pintar o meu estúdio de branco: tudo branco, menos a máquina de escrever... Quer que eu trabalhe a horas certas. Fixou mesmo um programa. É o diabo... Conseguiu-o. Escrevi uma comédia em cinco semanas, trabalhando diariamente das sete da manhã à 1 da tarde. Nesta comédia há um personagem que se parece muito com Marylin. Deve ser pura coincidência...»

—Qual a sua principal preocupação?

—Examinar o meu eu e as minhas relações com a sociedade. Disseram que era comunista. É ridículo. Luto, lutarei sempre em favor da liberdade; contra o fascismo, contra o comunismo. A diferença entre o meu país e a Rússia é que quando fui aqui condenado a um ano de prisão, injustamente, eu sabia que na Rússia, também injustamente, me teriam fuzilado...

—O seu casamento teve influência sobre o seu pensamento?

—Teve, sim. Com 41 anos de idade, sou um homem novo. Através de Marylin Monroe entendi muitas coisas: aprendi a viver...

—Terminou a carreira de Marylin?

—De modo algum! Marylin é uma grande atriz, e pode inclusive interpretar papéis dramáticos. Ela vai fazer o «Anjo Azul» que foi interpretado por Marlene Dietrich. Do processo judicial a que

(Continua na página central)

Um centenário



Dr. José Leite de Vasconcelos, bronze de Julio Vaz Junior

Um prisioneiro obtém o «Prémio Liberdade»

Foi concedido em França o «Prix Liberté», que recai no escritor jugoslavo Milovan Djilas, por seu livro «A Nova Classe», traduzido em numerosas línguas.

Na prisão onde se encontra (precisamente por haver escrito este livro), Djilas é agraciado com um prémio «Liberdade». Aliás não apenas simbólico, pois se traduz na soma de 100 mil francos.

Do júri fazia parte o romancista Georges Duhamel.

DESPORTOS

13.º CAMPEONATO MUNDIAL DE HÓQUEI EM PATINS

Portugal fez jogar a sua 2.ª equipa — e o público assustou-se...



Emídio Pinto, o seleccionador nacional, segue, na companhia de dois suplentes, as evoluções da equipa titular

A serena tranquilidade que se depreendia do programa da jornada de ontem, onde apenas o encontro Itália-Bélgica era de molde a justificar alguma expectativa; estabeleceu efectivamente uma pausa no ambiente do Palácio de Cristal antes da arrancada final que se iniciará, pode dizer-se, com o Portugal-Inglaterre que logo à noite se disputará.

Entretanto, e esse foi o apontamento mais interessante dos jogos da sétima jornada, o encontro que opunha os Dinamarqueses ao grupo nacional revestiu-se de aspectos diversos daquilo que seria geralmente esperado, concedendo-lhe uma história curiosa que, de qualquer modo, acabou em bem, como

seria naturalíssimo dado a modesta capacidade dos nossos adversários.

Foi o caso que, muito compreensivelmente, o seleccionador lusitano achou oportuno dar um dia de folga à equipa principal, e oferecer ensino para um pouco de rotação ao «cinco» suplente, fazendo alinhar Matos, Bernardino, Vaz Guedes, Perdigão, e Mário Lopes, ou seja, uma segunda formação completa. A reacção do público, que está já afeiçoado ao conjunto titular, foi porém visível e a decepção manifestou-se mesmo em termos ruidosos quando os Dinamarqueses se atreviam a fazer um empate, respondendo a um primeiro gol de Mário Lopes, com um tento de autoria de Carlsen e de uma qualidade que não se julgava ao alcance dos incipientes homens da Dinamarca.

A agravar as coisas, os nórdicos ganharam um entusiasmo absolutamente inesperado, calafetando a sua baliza com todos os materiais possíveis, entre guarda-redes, pernas e «sticks», e estando à beira de uma nova igualdade após terem sofrido o segundo gol, apontado por Vaz Guedes. A assistência, mais uma vez, verdadeira multidão, temeu uma surpresa desagradável, obrigando a que Adrião e Velasco tivessem de entrar no ringue, por momentos, a atestar a sua presença para qualquer eventualidade...

O público no entanto, só recuperou a serenidade, depois de Vaz Guedes cuja prometedora acção é de salientar, e Mário Lopes lhe terem assegurado, com dois golos cada, não haver o mínimo motivo para sustos...

Até final, os «bê» permaneceram no ringue e acabaram por suscitar um ambiente de simpatia à volta, não só dos Portugueses como do defeso, verdadeiramente heroico a que se entregaram os jogadores da Dinamarca, que ti-

veram ainda no seu jovial guarda-redes um óptimo agente da boa disposição geral.

Tudo acabou em bem, como não podia deixar de ser, repete-se. Mas sentiu-se concretamente até que ponto o público está vivendo a carreira de Portugal e quanto lhe pesa que ela possa ser exposta ao menor risco, tanto mais que o nível de jogo praticado esteve longe do que pode ver-se nos titulares.

O resto do programa não dá margem a grande comentário. A Inglaterra, que hoje será o nosso adversário, derrotou largamente a França, exibindo um jogo vigoroso e rápido em que se vêem já elementos, como Ross, que parece terem tomado gosto pelo remate. Os Italianos dominaram, com o seu mais apurado estilo, a impetuosidade Belga e a Espanha derrotou sem grandes alardes uma Alemanha que não foi além de um plano de mediania.

Dentro da naturalidade em que se consumou a jornada, não influíram posições com vista à posse final do título. O favoritismo do grupo nacional mantém-se, mas por outro lado permanece também íntegro o interesse pelo Portugal-Espanha, na última jornada, para o qual o Palácio será pequeno de tal modo prossegue em alta a cotação dos bilhetes para essa noite, no «mercado negro».

Até esse momento, os Portugueses terão de passar pela Inglaterra e pela Bélgica, dois duros competidores, e os Espanhóis encontrarão Franceses e Ingleses.

Quem sabe se a velha Adlon não virá a apressar a decisão deste pleito peninsular?

ALBERTO LOBO

A cronometragem oficial deste campeonato é feita por OMEGA.

RESULTADOS

1.º DIA		
Itália-Suiza	3-2	
Espanha-Holanda	9-1	
PORTUGAL-Alemanha	8-1	
2.º DIA		
PORTUGAL-Suiza	6-1	
França-Dinamarca	13-1	
Holanda-Inglaterre	3-1	
Bélgica-Espanha	2-2	
Holanda-Alemanha	5-4	
Espanha-Dinamarca	21-0	
PORTUGAL-França	6-0	
Itália-Inglaterre	4-1	
3.º DIA		
Espanha-Itália	2-2	
Bélgica-Dinamarca	9-0	
Suiza-França	2-2	
PORTUGAL-Holanda	14-0	
4.º DIA		
Alemanha-Bélgica	5-4	
Inglaterre-Dinamarca	18-1	
Holanda-Suiza	4-1	
Alemanha-França	3-2	
Inglaterre-Bélgica	3-2	
Espanha-Suiza	9-1	
PORTUGAL-Itália	3-1	
5.º DIA		
Inglaterre-França	11-2	
Itália-Bélgica	3-0	
Espanha-Alemanha	6-2	
Portugal-Dinamarca	14-1	

CALENDÁRIO

Jogos para esta noite:
20 e 30 — Holanda-Dinamarca
21 e 35 — Espanha-França
22 e 35 — Suiza-Alemanha
23 e 40 — Portugal-Inglaterre

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J.	V.	E.	D.	Golos		
					F.	C.	
PORTUGAL	6	4	2	0	51	4	12
Espanha	6	4	2	0	49	8	10
Itália	5	3	1	1	13	8	7
Holanda	5	3	1	1	23	29	6
Inglaterre	5	3	1	1	34	12	6
Alemanha	5	2	3	0	15	25	4
Bélgica	5	1	3	1	17	13	3
França	5	1	3	1	19	33	3
Suiza	5	1	4	0	7	24	1
Dinamarca	5	1	4	0	3	75	0



O par alemão de patinagem artística, campeão do Mundo, cujas exhibições têm agradado aos Portugueses

A ENTREVISTA DO DIA

O guarda-redes da Bélgica é professor universitário

Hugo Styns, guarda-redes da selecção da Bélgica, é um dos mais categorizados hoquistas, presentemente a disputar o campeonato. Com 28 anos apenas, possui um sólida cultura e exerce o cargo de professor de biologia, entre outras cadeiras, na Universidade Católica de Lovaina.

De uma conversa que com ele mantivemos destacamos as seguintes opiniões:

— É impressionante o entusiasmo dos Portugueses pela modalidade. Excede tudo o que eu tinha visto até agora. Os vossos jogadores patinam muitíssimo bem, digamos assim, e fazem coisas incríveis com a bola e o «stick». Adrião é um mágico deste desporto.

E prosseguindo:
— Há diferenças fundamentais entre o jogo português e o jogo espanhol. Os Portugueses são dinâmicos, alegres e improvisam magistralmente enquanto os Espanhóis, são mais frios, metódicos e estereotipados. Prefiro a toada dos lusitanos.

— Qual o interesse pelo hóquei na Bélgica?

— Reduzido. Anvers possui o monopólio da modalidade, seguindo-se-lhe as cidades de Bruxelas e Gaud. Knoke, a minha cidade natal, dedica uma atenção tradicional à modalidade, apesar do escasso número de habitantes.

— Quantas equipas concorrem ao campeonato da I Divisão?

— Oito.

— Em sua opinião, quem vencerá este campeonato?

— Portugal. Tem o maior número de probabilidades a seu favor.

O ITALIANO VILLA fortemente lesionado

Vicenzo Villa, um dos mais esportivos jogadores da renovada selecção da Itália, lesionou-se fortemente no decorrer do encontro com a Espanha de que lhe resultou o frer luxação no ombro esquerdo. Segundo informação dos médicos, Villa não poderá jogar, pelo menos, durante 40 dias.

A VOLTA AO SUESTE EM BICICLETA

O mau estado das estradas é o principal tormento dos corredores Mais uma desistência entre os Portugueses: Agostinho Brás

Especial para o «Diário de Lisboa»

CORDOVA, 29—Cresce na caravana da Volta ao Sueste o descontentamento perante a organização, que não está a mostrar-se à altura das responsabilidades que sobre ela impendem.

Tornou-se já habitual a cerimónia diária dos protestos dos directores das equipas no final de cada tirada, visto o mau estado das estradas estar a prejudicar fortemente os ciclistas.

Ontem, porém, iria assistir-se a uma cena inédita: a organização convocou os directores das equipas para os informar de que, devido às deficiências das instalações construídas em Liñares, era cancelada a etapa de hoje, de Córdoba a Liñares. O dia será de inteiro repouso, e amanhã, para compensar, correrem-se as duas etapas, a de 29 e a de 30, a primeira de manhã e a segunda à tarde. O traçado das duas etapas foi simplificado, reduzindo-se o número de quilómetros: deste modo, os ciclistas terão de alinhar, amanhã, às 8 e 30 da manhã, para correrem até Manzanares, por estrada plana, durante cerca de 70 quilómetros, calculando-se a chegada para as 11 e 30 horas, suprimindo-se o pico de Despeñaperros, que contava como obstáculo principal para a selecção dos corredores; e voltam a alinhar, às 16 horas, para seguirem para Manzanares, onde pernoitarão.

Apesar de se desculparem, os organizadores com o respeito que lhes merecem os estradistas, o que

os leva a suprimir a pernoita em Liñares, a decisão foi recebida com as críticas que seriam de esperar.

E para o facto dessas críticas serem duras e mordazes não contribuiu em pouco a confusão da chegada de ontem, à meta, visto que o local da chegada foi modificado, à última hora, sem que os próprios directores da prova—segundo parece—tivessem conhecimento da alteração; como resultado, todas as indicações dadas aos estradistas foram erradas e estabeleceu-se a maior confusão, sendo creditados com o mesmo tempo todos os ciclistas que entraram entre o 4.º e o 46.º, quando, na verdade, houve diversos grupos a entrarem sucessivamente, com diferenças de um ou mais minutos.

Talvez o dia de repouso, nesta cidade—uma das mais belas e históricas—cidades espanholas—venha a contribuir para acalmar os ânimos. De momento, porém, há um vento de revolta que não é dos aconselháveis numa prova desta envergadura.

Agostinho Brás desistiu

Voltou a equipa portuguesa a registar ontem nova baixa. Agostinho Brás, o ciclista que substituíra José Carlos de Carvalho na lista oficial da prova, foi obrigado a desistir, devido a ferimentos: que recebera ontem e que o tinham deixado conballido.

De modo global, porém, os que

(Continua na página seguinte)

Notas à margem

por OCTAVIO SÉRGIO

Quando o público joga por fora...

O público muitas vezes também joga... por fora. Na sessão de ontem à noite, a Espanha defrontou a Alemanha e os espectadores, nos seus lugares, também jogaram... contra a Espanha. Fartou-se de aplaudir os Alemães, não por que admirasse a sua equipa, mas sim porque era necessário animá-la contra a Espanha.

A primeira fase do desafio decorreu sem interesse, muito parada. O 1.º gol da Espanha motivou uma exclamação de pesar e de desolação. Os 2.º e 3.º golos foram associados.

É manifesto que o respeitável público nem sempre se respeita a si próprio, pois sacrifica a «eficácia» desportiva a outros interesses...

Gianna Piglia continua a agradar

A patinadora italiana, Gianna Piglia, continua a agradar plenamente e, é claro, que explora muito inteligentemente o filão. Ontem, apresentou-se sem a cartolina branca, de cabeleira ao léu, para interpretar uma dança portuguesa, intitulada «Senhor da Serra». Foi um delírio de aclamações quando o locutor anunciou o numero. E deve dizer-se em abono da verdade que Gianna bailou com muita graça, pondo, as duas mãos na cinta e gingando como uma autêntica portuguesa.

Se calhar, por vingança, Maria Antónia de Vasconcelos bailará uma tarantela italianíssima... E assim se faz o intercambio artístico no Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins.

Uma oferta gentil ou talvez um ardil...

Por ultimo, havia o jogo Portugal-Dinamarca e aquilo para os jogadores e para o público eram favas contadas. Havia mesmo quem vaticinasse 35 ou 40 golos a favor de Portugal, está claro.

Quando as equipas, depois de alinharem, se cumprimentaram, os Dinamarqueses ofereceram aos seus camaradas portugueses um boneco muito engraçado... Os rapazes puseram-se a olhar para o boneco e, subitamente, sem ninguém contar com a façanha, a Dinamarca meteu um gol!

Foi uma grande risota e o público delirou com a «gracinha». Depois o jogo foi um autêntico intermédio cómico em que se destacou o guarda-redes visitante... Feitas as contas, os tais 35 ou 40 golos ficaram reduzidos a 14 e a Dinamarca à custa do boneco conseguiu marcar um gol. Moralidade: é sempre perigoso brincar com coisas sérias!

O grande espectáculo

Mas o grande espectáculo será no sábado. Todos estes jogos são numerosos para entreter o público e nada mais. Trata-se de uma espécie de ensaios para a grande festa e todos confiam nos grandes actores da selecção nacional. Todavia, o espectáculo pode ainda trazer surpresas desagradáveis e bores é que nenhuma outra equipa se lembre de oferecer também bonecos aos jogadores portugueses para que não haja às vezes golos imprevistos.

Em todo o caso, a nossa equipa parece segura do seu triunfo e ainda bem. Mas se tal se não verificar, talvez o Palácio dos Desportos vacilasse nos alicerces. — O. S.

A Volta ao Sueste em bicicleta

(Continuação da página anterior)

continuam na prova tiveram comportamento meritório, especialmente José Firmino — que só sobre a linha da meta foi batido, por menos de uma roda, pelo italiano Umidio, depois de ter ultrapassado, num notável «sprint» final, mais de cinco concorrentes — e Sousa Cardoso, que do fim do pelotão conseguiu passar para o quarto lugar do grupo, entrando em sétimo na meta.

Os mais atingidos na etapa de ontem, como já na véspera sucedera foram os Italianos: o último grupo a cortar a linha de chegada, distanciado daqueles grupelhos que tinham entrado a seguir aos primeiros dez e que receberam, como prêmio inesperado da confusão, classificação idêntica à do 4.º, era formado exactamente por cinco italianos — Andrea Carrea, Mario Mori, Valerio Chardioni, Adriano Torini e Carlo Nicolo.

A manterem-se as actuais condições das estradas, julgamos mais do que certo que muitos ainda desistirão dos Italianos pois é flagrante a sua total inadaptação a este disfarçado «cross-country» que as etapas da volta estão a oferecer.

Em parte como resultado do brinde de minutos oferecido hoje pelos organizadores, não se registaram grandes modificações na classificação geral.

Sousa Cardoso mantém exactamente a mesma posição, tanto na tabela como no tempo que o separa do «camisola branca», Bernardo Ruiz; tomando como termo de comparação a classificação à chegada a Jaen, continua a ser o 7.º e mantém o atraso de 13 minutos e 18 segundos em relação a Ruiz. José Firmino, pelo seu lado, voltou a subir novamente na tabela, passando de 21.º para 20.º, embora mantendo exactamente o mesmo atraso: 26 minutos e 1 segundo.

Quanto à classificação colectiva, as colocações mantiveram-se idênticas, mas em tempos, ao passo que a equipa nordestina «Pass», em 5.º lugar, cortou um pouco na diferença que a separa da primeira, a «Faema», passando de 1 hora, 26 minutos e 1 segundo para 1 hora, 23 minutos e 3 segundos; a equipa lisboeta «BS», manteve exactamente o mesmo posto, 7.º — agora último, por ter deixado de figurar a equipa «Faema»-Itália na classificação — e exactamente o mesmo atraso de 1 hora, 51 minutos e 32 segundos. E se esta equipa em nada subiu deve-o, em grande parte, à classificação igual indevidamente atribuída na chegada a numerosos ciclistas.

A história da etapa

A etapa de ontem foi menos movimentada do que se esperava. Os ciclistas concentraram-se no centro da cidade, diante do edifício da Falcão, e seguiram em marcha neutralizada, até à «carretera general», já nos subúrbios, de onde a partida foi dada às 16 e 5 horas. Faltaram à saída o português Agostinho Brás e o espanhol Escalano, da «Mobylette».

Os primeiros quilómetros foram percorridos com todos os concorrentes agrupados, num só pelotão. A passagem por Torre del Campo, os ciclistas que seguiam na vanguarda deram um estirão e o pelotão fraccionou-se, constituindo-se dois pelotões que a passagem por Torredon já haviam novamente formado um só grupo.

Deu-se então a fuga do italiano Tessari e do espanhol Esmatges, que aproveitaram bem o desinteresse que pela corrida se manifesta sempre nos postos de reabastecimento e foram pedalando bem, aumentando a vantagem que os separava do pelotão e que chegou a ser de cinco minutos.

Iniciou-se então a perseguição, que, devido a alguns furos e à velocidade imposta pelos que comandavam a perseguição, entre os quais se destacaram, por mais de uma vez, os Portugueses Manuel Graça, Sousa Cardoso e José Firmino, foi fraccionando o pelotão em pequenos grupos de quatro a seis corredores, que continuavam as lutas entre si, mantendo boa velocidade e fazendo diminuir, de quilómetro a quilómetro, o avanço dos dois fugitivos.

Já dentro de Córdoba, Tessari bateu facilmente ao «sprint» o seu companheiro de fuga, Esmatges, sendo, a ambos atribuído o tempo de 2 horas, 57 minutos e 48 segundos. Também a entrada da cidade, o italiano Umidio preparou a embalgam do seu compatriota Dino Bruni, que conseguiu entrar isolado, 2 m. e 11 s. depois dos dois pri-

meiros e 10 segundos antes do pelotão, em que Firmino e Sousa Cardoso marcavam boa posição.

Depois foi a confusão e uma classificação final, de que não vale a pena falar mais.

As declarações de dois ciclistas portugueses

Marcelino Guedes, o mais atrasado dos Portugueses, falou na sua actuação:

— Não é segredo para ninguém que me encontrava sem a preparação necessária para «uma» volta normal, quanto mais para esta verdadeira corrida de barreiras. Os furos têm-me apoucado: a média diária, até esta altura, é de dois por etapa. E ainda por cima tenho volta e meia de rever a máquina, pois a trepidação desafia-a. Simplesmente, os rins, os punhos e a cabeça não os posso eu afinar, como faço à máquina, e por isso chego ao fim das tiradas feito num feixe. Só depois da maquiagem consigo alívio.

— Toda a rapaziada está a correr o melhor que pode. O Sousa Cardoso e o José Firmino estão a bater-se à altura com os melhores Espanhóis e estou convencido de que a equipa portuguesa — sem olhar a divisões de Norte e Sul — não deixará de fazer boa figura. Mas só gostava de apanhar uma estrada que realmente fosse digna deste nome...

Sousa Cardoso, novamente abordado pelo «Diário de Lisboa», declarou:

— Apesar de tudo — do pó, do calor, das subidas com vento, da desorganização, do valor de alguns adversários e da fraqueza de alguns dos nossos elementos, menos habituados à dureza desta prova — sinto-me bem e julgo que poderei manter-me em boa posição. Ontem já lutei para não me atrasar, se houver oportunidade, não deixarei de tentar melhorar a classificação.

Notícias de futebol

ROCHA

firme no Sporting

A transferência de Augusto Rocha, da Académica para o Sporting, um autêntico regresso ao lar, ficou devidamente solucionada.

O jogador tem à sua disposição, num Banco, a quantia de 400 contos, dinheiro que foi já depositado em seu nome.

O Sporting, por outro lado, entregou à Académica cerca de 60 contos, importância gasta com a viagem e instalação da mãe de Rocha e aceitou na cedência do seu jogador, Pompeu, que assim na próxima época passará a representar o clube coimbrão.

Cabrita continua a jogar

Apesar da festa de homenagem que vão promover a Fernando Cabrita, o magnífico «internacional» do Sporting da Covilhã não se retirará da actividade, continuando, portanto, a prestar o seu valioso concurso à equipa — pelo menos até ao fim da próxima época.

Valdivielso vai cursar na Hungria

O técnico argentino do Benfica, Valdivielso, participará, no mês de Julho, em Budapeste, num curso de métodos modernos e preparação, físicos e técnicos, que terá a duração de 15 dias.

Rita e o Covilhã

Tudo o que se disse sobre a hipótese da transferência de Rita, o guarda-redes covilhãense, para qualquer outro clube não passa, por enquanto, de boato. Nenhuma agremiação, nem mesmo o F. C. Porto, se dirigiu directamente ao Sporting da Covilhã. Por outro lado, o próprio Rita manifestou o desejo de permanecer no clube serrano, solicitando apenas melhoria de condições.

O «Vasco da Gama» treinou-se esta manhã

No estádio «José Alvalade», durante duas horas, os jogadores brasileiros do «Vasco da Gama», que no próximo sábado defrontam o Sporting, efectuaram esta manhã uma sessão de treino que consistiu em exercícios ginásticos e bate-bo-



O atirador português António Bravo conquistou recentemente o campeonato internacional de Espanha. A imagem mostra-o a receber das mãos do presidente da Sociedade de Tiro aos Pombos, de Madrid, a respectiva taça

BILHAR

João João Pereira ocupa o último lugar no campeonato mundial às três tabelas

BARCELONA, 29.—Na classificação geral do campeonato mundial de bilhar às três tabelas o português João Pereira ocupa o último lugar, de parceria com o austríaco Scherz, ambos com 1 ponto.

Com 8 pontos, em primeiro lugar, estão o belga Vingerhoedt, o alemão Tiedt e o argentino Navarra.

la. Amanhã e no próprio dia do encontro, haverá mais treinos.

O clube carlioca apresentará contra os campeões nacionais a seguinte formação: Barbosa, Dario ou Bibi e Viana; Laerte, Ecio e Ortuno; Sabará, Almir, Wilson Moreira, Rubens e Pinga.

A selecção do México segue amanhã para a Suécia

Por via aérea, parte amanhã, para a Suécia, às 9 e 15, a selecção do México que se encontra no nosso País desde o dia 16.

Hoje de manhã, no estádio do Restelo, os Mexicanos fizeram o seu último treino em Portugal.

Benfica-Ferrovia marcado para a Tapadinha

Em virtude da F. P. F. ter punido o Benfica com a interdição do seu estádio por dois jogos oficiais e a multa de 3 contos o encontro com o Ferrovia foi marcado para o campo da Tapadinha.

As datas de várias provas

A direcção da F. P. F. designou o dia 15 de Junho para disputa da «Taça de Portugal», no Estádio Nacional. A final do campeonato nacional de juniores realiza-se em 10 de Junho e no mesmo dia a 6.ª e última jornada da 2.ª fase do campeonato nacional da 3.ª Divisão.

Os jogos com os Mexicanos deram 100 contos de prejuízo

As receitas dos jogos realizados pela selecção do México não chegaram para as despesas, pelo que o prejuízo orça pelos 100 contos, importância que será dividida pelos promotores: A. F. L., Belenenses e Benfica.

O clube sueco Sandviken ganhou ao Sporting de Luanda

LUANDA, 29 — O clube sueco Sandviken jogou ontem contra o Sporting de Luanda, ganhando a partida por 6-1.

O Sporting alinhou muito desfalcado, com a participação de elementos dos juniores. — (A. N. I.).

O Desportivo de L. Marques vai à Madeira

A equipa do Desportivo de Lourenço Marques aceitou a realização de um jogo com o Marítimo do Funchal para o dia 10 de Junho. O regresso a Moçambique está marcado para o dia 12.

O «MUNDIAL» DE FUTEBOL

Começam a surgir problemas de organização

O «rendez-vous» do melhor futebol do Mundo aproxima-se. Mais duas semanas e começará, na Suécia, a fase final do campeonato mundial, dotado com a Taça «Julio Rimet». As equipas concorrentes principiam a afluír à Escandinávia. A França foi a primeira a chegar ali e, das Américas, já andam pela Europa o Brasil, a Argentina e o México. Não tardará o desenrolar de uma competição que está, naturalmente, a despertar o mais vivo entusiasmo nos países finalistas e a maior curiosidade, evidentemente, nos restantes. Cremos, realmente, que em parte alguma há alheamento por um torneio que reúne a quase totalidade dos mais famosos jogadores universais.

Na Suécia, porém, alguma coisa sucedeu de imprevisto. A venda de bilhetes para os desafios deixou de se verificar, mal foi tornado público que os encontros mais importantes serão transmitidos pela TV, através da cadeia da Eurovisão. Embora a receita esteja defendida por uma companhia de seguros, que assegurou 85 por cento dos 81.200 contos correspondentes à venda total dos bilhetes, a verdade é que o «fenómeno» referido pode prejudicar o próprio êxito da prova. Se a paragem se continuar a dar, é muito provável que aquela companhia tenha de pagar uns 35.000 contos!

Estes pormenores, afinal, desmentem um tanto as notícias que davam como vendidos quase todos os bilhetes emitidos...

No que se refere à organização propriamente dita, começa a haver sérias dúvidas acerca da regularidade de alguns jogos e de determinados serviços. A lotação de vários campos parece ser insuficiente para os encontros marcados para eles e, por outro lado, as instalações não oferecem as comodidades que se desejariam. No que respeita aos jornalistas, receia-se muito que encontrem sérias dificuldades. A imprensa já dominante é a de que os Suecos não se aperceberam exactamente da importância do certame e da atracção por ele exercida sobre as multidões. A autêntica «invasão» alemã parece ter, também, alterado todas as previsões.

Entretanto, na Inglaterra desanuviou-se um bocado o ambiente de pessimismo criado pelo revés de Belgrado. O empate de Moscovo, e, mais do que ele, a exibição do «team» aliviou a tensão. Segundo Joe Mears, do «comité» de selecção, o panorama melhorou, mas Walter Winterbottom, menos optimista, afirmou que apesar do êxito moscovita as perspectivas são muito menos brilhantes do que a partida para a campanha oriental.

No próximo dia 1, Winterbottom estará em Dublin para assistir ao projectado desafio Eire-Brasil. O seu objectivo é o de verificar o valor dos Sul-Americanos, que pertencem, com a Austria e a Rússia, à mesma série.

Os Ingleses levarão apenas 18 dos 22 admitidos. Se precisarem de algum dos 4 que ficou, mandá-lo-ão seguir por via aérea...

O último desafio-treino da Hungria realizou-se há dias contra o Partizan. O empate de 1-1 decepcionou os 15.000 espectadores presentes no estádio de Budapeste, que assobiaram o grupo, particularmente o sector avançado. Depois do «match» foram designados os 22 jogadores a deslocar, figurando entre eles 4 do onze de 1954, Grosics, Bozsik, Budai e Hidghuti, admitindo-se agora, em face do malogro do ataque naquele desafio, que este seja incluído no «team» como efectivo.

A Suécia já tem a certeza de poder contar com três dos seus «cases» de clubes italianos. Num recente treino entre duas selecções, a fim de designar os 22 homens a inscrever, alinharam Liedholm, Hamrin e Skoglund. O famoso Green, porém, não participaria do treino, por ter de disputar um jogo atrasado do campeonato nacional, mas a sua escolha está absolutamente garantida.

O caso do célebre galês John Charles é difícil de resolver. A última palavra é esta: o Juventus ce-

de-o para o campeonato do Mundo, mas a Federação Italiana mostra-se reticente...

A selecção da Jugoslávia realizou um mau treino contra um grupo de clube, limitando-se a ganhar por 1-0. O público vaiou os jogadores, dos quais apenas se salvaram Zebec e Veselinovic. O próprio Milutinovic não satisfez, embora fosse menos visado devido a ter sido o autor do único gol do encontro.

Quanto à Argentina, a sua primeira apresentação em Itália foi extraordinária, mesmo atendendo ao facto de haver defrontado os juniores do Roma.

Na Austria, por ultimo, deposita-se grande confiança no jovem avançado-centro Buzek.

A Rússia fazia dois treinos (Polónia e Bulgária) antes de abalar.

Os Franceses foram os primeiros a chegar à Suécia, onde tiveram festiva recepção, com flores, bandeirinhas e vivas. Kopa não fazia parte da caravana, a qual só se juntará depois do encontro da final da Taça dos Campeões Europeus (28 deste mês, em Bruxelas).

Festa de homenagem ao jogador Vadinho

Na noite de 4 de Junho, efectua-se na sede do Sporting Clube de Portugal uma festa de homenagem ao jogador daquele clube Vadinho, com um vasto programa de variedades por artistas da rádio e da TV, entre os quais Maria José Valério, que é também uma das organizadoras; Conjunto Sem Nome; Sílvia Maria; Conjunto de Jorge Brandão com Jimmy; Conjunto Quatro de Espadas; ao piano Helena Moreira Viana; acordeonista Isidro Baptista; Irmãos Guarras e Belmaia; fadistas Carlos Ramos Joaquim Correia, etc. Outras atracções serão oportunamente reveladas. O locutor será Marques Vidal. No final, haverá baile.

Todas as informações serão prestadas pela sede do Sporting, onde se encontram os bilhetes à disposição do público.

ATLETISMO

A festa de homenagem a Tomás Paquete

O magnífico atleta do Benfica, Tomás Paquete, vai ser homenageado no dia 3 de Agosto, no Campo Grande, com um festival, cujo programa engloba dois desafios de futebol, demonstração de jogo do pau, exibição de classes de ginástica, salto de mesa alemã e provas de atletismo.

PESCA DESPORTIVA

Um concurso de mar na Ericeira

Está a despertar grande entusiasmo nos meios afectos à pesca desportiva o concurso de mar que a Associação Académica da Amadora realiza no próximo dia 1, na Ericeira, de colaboração com a Junta de Turismo desta vila. Os prémios encontram-se expostos num estabelecimento de Lisboa e as inscrições são já em numero elevado.

TÉNIS DE MESA

O Espanha-Portugal disputa-se em Madrid

O encontro Espanha-Portugal está marcado para o dia 13 de Junho, em Madrid. O seleccionador nacional, sr. dr. Salvador Trem Torres, escolheu os seguintes jogadores: Alberto Ló e Francisco Campas, do Benfica, e Manuel Carvalho, do Académico do Porto. Falta designar o quarto elemento.

«Diário de Lisboa»

O sr. Francisco Cargaleiro, presidente da direcção do Grémio da Lavoura de Almada e Seixal, comunicamos que, em reunião extraordinária da direcção daquele organismo, foi deliberado exarar na acta um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa», pelo relevo que demos à inauguração da Casa da Lavoura do Seixal e dos armazéns do Monte de Caparica.

Entrevista

com Artur Miller

(Continuação da 17.ª página)

foi submetido. Miller não gosta de falar. Algumas coisas que ele respondeu no tribunal cita-as agora.

—Não sou responsável por quem leva as minhas peças, assim como Ford não é responsável por quem compra os seus carros.

Não denunciarei amigos. Não para proteger qualquer partido ou política mas para proteger simplesmente o respeito que devo a mim próprio.

—Pretende escrever romances, ensaios?

—Não, apenas teatro. Como disse, a minha próxima peça será uma comédia. Depois, não sei.

—Como define os temas principais do seu teatro?

—Denuncia de preconceitos, protesto contra a incompreensão que separa os seres e até os destrói. Mas esta incompreensão é às vezes inevitável—daí a tragédia.

«Tudo começa com ignorância e acaba com maldade. Mas nem sempre se pode curar a maldade com suplemento de informação.

—Acha que podemos evitar que, de um ou outro modo, o Mundo se torne totalitário?

—Devemos lutar contra isso com todas as nossas forças.

—Entende que o escritor deve empenhar-se na luta, tomar posição política social?

—Não. Cada um conforme seu temperamento, suas exigências. De um certo modo, um escritor de valor sempre defende o homem. A acção directa, política, não é o único nem o melhor meio de ajudar a Humanidade. A política segue a moral, que vem depois da filosofia e esta às vezes segue a poesia, ou a religião. Não é?

—Que pensa dos actores americanos?

—Na média, são melhores de que em muitas outras partes. Levam o trabalho muito a sério. O teatro aqui é uma religião. Temos óptimos directores.

—Sofreu a influência de algum dramaturgo?

—De O'Neill, é claro. Das circunstâncias da minha vida, da sociedade em que vivo. A s minhas peças, porém, não são muito literárias. São americanas neste sentido: directas, tratam directamente da vida, sem intermediário cerebral. Um teatro realista e primitivo. Mas sem «participação». Sómente por temperamento. Porque assim sou, assim me expremo.

LIVROS E AUTOL

A realidade dos tipos imaginários

«O Malhadinhas»

novo livro de Aquilino Ribeiro

com a novela «Mina de Diamantes»

O nosso másculo prosador Aquilino Ribeiro, apesar dos anos, ou mesmo com o seu favor, não estancou ainda a vis criadora. Como herculeo e denodado Vulcano, na forja mitológica de criador de figuras e de paixões humanas, além do periódico de cronista, batendo em incude de duro ferro o circunstancial e o temporal, ele continua a dar-nos peças mestras do romance e da novela num labor que deve estar perto, se não ultrapassou já a meia centena de volumes.

Aquilino é um cume da alterosa Serra da Nave, de que tanto nos fala — pinheiro e urze, onde ele pastor das letras, por caminhos de pé posto, banhados já pelo Sol, já com o caramelo a crestar-lhe as mãos rudes — vai subindo simbolicamente destacando-se sózinho nos penhascos que lhe servem de pedestal.

Mestre Aquilino—título expressivo que a admiração do publico lhe deu — é dos escritores mais medularmente portugueses — e daí talvez, o que de certa maneira é uma glória o ser intraduzível, de tal maneira escreve a nossa língua, e arranca ao granito e à terra as figuras, por vezes, com jeitos de orcas pré-históricas, em protótipos gigantes, que o seu cinzel afeiçoa a tal ponto que ficam a viver para além de nós — intemporalmente.

Para se aquilatar da pujança de um escritor há que identificar qual o numero de figuras a que deu realidade. Balzac, diz-se, fazia concorrência ao estado civil. Eça deu-nos tipos inesquecíveis, entre os quais o inefável Acácio. Camilo alguns outros — para só falarmos nos autores mortos.

Aquilino Ribeiro criou de uma só peça, alma e corpo, «O Malhadinhas», recoveiro, birbante, ribaldeiro, senhor dos caminhos,

Resignação

por A. Rosado

Não venhas!... Afinal esta quimera é triste, pobre, inútil e pequena... Eu sei: toda a paixão que for sincera é mais um sonho que intenção terrena.

Eu já não sou, talvez, o que antes era; tu és a mesma, um pouco mais serena. Pois porque havia a alegre Primavera de ter do triste Inverno alguma pena?

Tu tens razão. Não venhas! O caminho é feio, não tem luz, e eu estou sózinho, chorando de saudades... Deixa lá,

não venhas ver-me!... Verdaderamente, a sombra só é nossa quando a gente a vai seguindo em quantos passos dá,



AQUILINO RIBEIRO

emancipado de todas as convenções, que tanto despacha o inimigo para os quartos do inferno, vindicativo e feroz, como é capaz de se dar a Deus ou Diabo por uma maravilha de ternura ou um gesto de lealdade quixotesca. Mas típico, afalcoado no cerne rático, quase mítico e, no entanto, da mais eloquente veracidade humana.

Pois é este «Malhadinhas», que mestre Aquilino Ribeiro, com outra novela «Mina de Diamantes», esta escrita neste ano de graça, que vieram agora à estampa na coleção antológica do romancista das «Terras de Demo».

Na verdade «O Malhadinhas» (assim se intitula o novo volume) bem merecia aparecer, com o nome do baptismo pitoresco em título separado. Dir-se-ia que foi no romance dessa aventureira existência que Aquilino Ribeiro atnigiu a cuspide do seu multiforme talento.

«O Malhadinhas» de 1958 surge ainda mais característico, mais definido, numa expressão e numa linguagem de extraordinários valores. A biografia do famoso e bravo tunante serrano foi completada com pitorescos pormenores de realce e mais profundada na sua substância humana. E-llo agora na literatura portuguesa a pedir meças à imortalidade e a fazer negaças de aventureiro heróico ao criador aterrado pelo filho rebelde e genioso que lançou ao mundo.

A outra novela «Minas de Diamantes» é a história do «brasileiro» torna viagem, de visita às bergas, no «clima da mesma área montezinha» do Malhadinhas, possante animal de prazer, charlatão sem escrúpulo, bezerro de falso ouro, (Pandilhas lhe chamou o au-oiro (pandilha lhe chamou o autor) emoldurado no tempo de hoje, que é recebido como o grande Elias na terrinha natal. As suas malfetorias de gerifalte, a miséria da aldela, de pedra lascada, excrementícia e cupida, com notas cintilantes que roçam pela mais grotesca sátira política e social — são focadas por mestre Aquilino admiravelmente.

Por isso ele escreve, no final do prefácio:

«...procedendo sem a honesta hipocrisia social, bem sei que arrepele a ira e o espírito da jaccão de chauvinistas, zóilos, discípulos de Pangloss, patriotas encartados, e de quantos se nutrem da frescura sagrada dos anhos que o Poder imola em suas aras. Mas a mim dá-me gosto, que mais não seja, proporcionar-lhes motivos de azedume, dado que os não considerem de meditação.

(Ilustrações de Sá de Nogueira. Livraria Bertrãnd).

FEIRA DAS VAIDADES

(Continuação da 17.ª página)

antipatriotismo e recita qualquer coisa de Cesário.

Pompeu Calado tem um calhau no fígado, alinha nas bichas dos «eléctricos, olha ainda o autocarro com desconfiança, lamenta o «chora» e diz que «dantes, sim». Por esta altura fica extremamente comovido e conta histórias, idas às hortas, a tia Balbina, a guitarra do Heliodoro e uma ou duas revoluções. Reage. Afirma que não é contra o progresso, mas odeia esses riscos do Picasso. Picasso, para ele, rotula montes de coisas, desde esses simulacros de arranha-céus, por alturas do Areeiro, até aquele anúncio de cinema, gritante e agressivo. Chegou mesmo a dizer que «se esse fulano, esse Picasso, ou lá como se chama, se atrevesse a pôr o pé em Santa Apolónia, seria ele, Pompeu, Pompeu Calado, 2.º escriturário, que lhe iria pregar um valente tabefe».

Pompeu anda pálido, lívido e abatido. O seu fato de sarja azul, com a risca branca, discreto, está coberto de poeira. Pompeu está amachucado, o botim que antes luzia, próspero e digno, tornou-se baço, o guarda-chuva está rasgado. Pompeu sofre. Lisboa está em obras. Rasgaram-na de alto a baixo. Esventraram-na. Ergueram tapumes em volta das feridas. E' o metropolitano.

Pompeu lutou. Foi informar-se. Os técnicos disseram-lhe que era o melhor metropolitano do Mundo. Pompeu quis saber o tempo das obras. Falaram-lhe de um ano, talvez dois. E Pompeu vê que os trabalhos se prolongam, que os ta-

pumes se multiplicam e que as picaretas rasgam a pele da cidade. Pompeu vive num febrão, está alucinado, deixa cair borrões de tinta nos livros da Xanten, Ld.ª. Vai para junto das obras, cobre-se de poeira, rasga o fato nos tapumes. Cada furo é uma punhalada na sua bochecha. Odeia os guindastes, as escavadoras, as camionetas de carga. Os motores berram-lhe aos ouvidos.

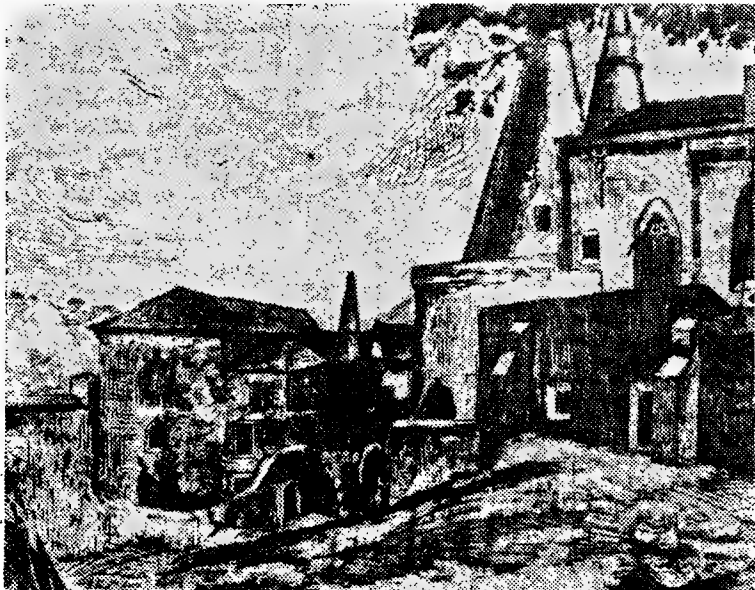
Pompeu Calado sabe que é o progresso. Mas o progresso é uma engrenagem tremenda. A Lisboa de Pompeu é uma aguarela, uma mancha de cor, inerte e silenciosa, a molhar os pés no Tejo. Uma Lisboa parada, com um sol mediterrânico aceso em cima, a olhar os patos do lago, enterrada numa cadeira de palha. Pompeu vê o fim, o alvoçoço, a máquina a luzir, o motor a ronronar, ameaçador e trepidante. Vê Lisboa metida numa esquadria, geometrizada, rasgada, reduzida a blocos de cimento. E vê o metropolitano a furar a terra, a esburacar a cidade.

Pompeu está coberto de poeira. O lisboeta assiste a estas obras sangrentas, espantado e silencioso. O transitio está de pernas para o ar. O lisboeta já não sabe onde pôr o pé. Há «proibidos» por toda a parte e a poeira, soprada pelo vento, abate-se sobre nós. Vamos partir o nariz contra centenas de vedações.

Pompeu, abatido e sovado, refugia-se em negas do passado e vai meter-se nos jardins, ao pé dos velhos e dos garotos. Dá de comer aos pombos, olha os patos e põe-se no fim das «bichas». Sente-se perdido.



O Ministério da Educação Nacional encomendou á distinta pintora Maria Adelaide de Lima Cruz um painel para a Escola Industrial e Comercial de Peniche, a inaugurar brevemente. Reproduzimos hoje essa obra, de linhas vigorosas e de belo efeito decorativo, devida ao pincel inspirado de uma artista que tem dado sobejas provas de talento e a quem o Estado ter recorrido por mais de uma vez para decorar edifícios publicos, como seja a Escola Naval, onde os quatro painéis de Maria Adelaide de Lima Cruz atestam o vigor da sua arte e a delicadeza da sua sensibilidade



Paco de Sintra, água-forte, de Ayres de Carvalho

RES

O crime dos justos

de André Chamson

De André Chamson, um dos melhores romancistas franceses, foi agora traduzido, em Portugal, por *Livros do Brasil*, uma das obras mais características da sua maneira densa e vigorosa.

Intitula-se «O Crime dos Justos». Na sua expressão, André Chamson não nos dá, apenas, o drama de uma família, mas as próprias forças obscuras da Terra. A maneira vigorosa, directa, mesmo brutal, como é conduzida imperativamente a acção; o desenho incisivo dos caracteres, de uma rudeza primária e o flamejar dos instintos, que Chamson não pesa na balança do mal, nem do bem, dada a condição das personagens—tornam este romance um dos padrões da moderna literatura francesa, que, apesar de tudo, se renova incessantemente, em criações admiráveis como esta. (Colecção «Miniatura»).



«Café Zeyer», desenho de Dordio Gomes

Os nossos contos

(Continuação da 17.ª página)

de arrecadar as suas coisas, satisfeita porque o marido melhorara. Eram onze horas. A manhã crescia em galas primaveris. O lar de Violante era encantador de conforto, ambiente próprio de mulher elegante. Luciana, a criadita de quinze anos, circulava pelas salas com o espanador na mão, enquanto Rosário, mulher feita, tratava do almoço.

Violante dependurou no guarda-vestidos o elegante vestido negro e abriu a gaveta das joias para guardar a flor de brilhantes. Mas soltou um grito. O broche não estava sobre o toucador. Chamou:

—Luciana!...
—Minha senhora!...
—Em que gaveta guardaste o meu alfinete de brilhantes?!

—Eu não o vi, minha senhora!— respondeu a rapariga.
—Ora está!... Julgo que o pus aqui!... E se o tivesse perdido, santo Deus?!

—Não perdeu, minha senhora!— disse a Rosário. —Até reparei que lhe ficava muito bem no vestido preto!...

—Então, deve estar aqui!... Procura Luciana!...

A criadita empalideceu e principiou a remexer nos frascos e nos boíões, a sacudir almofadas e a ajoelhar-se no chão para espreitar sob os móveis. Mas do broche nem rasto.

Dai a pouco, tanto o Jorge Manuel como Violante e a cozinheira andavam de rastos em busca da joia. Luciana, de pé, olhava para eles como que divertida. O patrão fitou-a e berrou:

—Procura também, pequena!... Não és tu quem arruma os quartos?!

Os olhos de Violante e da cozinheira pregaram-se no rosto da rapariga que suspirou e sorriu. Depois, olharam todos uns para os outros.

A costureira procurava no cesto da roupa e queixava-se à cozinheira:

—Até uma pessoa pode ficar com uma fama!...
Passavam-se os dias e a joia não aparecia. Jorge Manuel irritava-se. Violante culpava-se:

—A culpa foi minha!... Por te ver doente não guardei as minhas joias!...

O marido guardou silêncio continuando a passear na sala, sinal evidente de tremenda irritação. De repente, correu à porta e viu Luciana fugir do quarto da mulher.

—Que fazias no quarto da senhora, Luciana?!

—Perguntou desconfiado.
—Nada!...

—Desconfio desta rapariga, Violante!...

Violante estremeceu. Ela também desconfiava, mas calava-se pensando na mãe que lhe confiara. Todavia, temendo a ingenua-

valdade da criadita, chamou-a ao quarto e, muito suavemente, pediu:

—Tu vais confessar uma coisa, sim, Luciana?!

—Sim, minha senhora!...

—Tu querias um broche, não é verdade?!

—Gostava tanto!... E' tão lindo um alfinete com pedrinhas a luzirem no peito!...

—Por isso achaste o meu e ficaste com ele, pois foi?!

—Eu não o vi, minha senhora!...

—Confessa, que não me zangou!...

Era uma prenda do meu marido!...

—Se calhar, agora dá-lhe outro!...

Luciana desanimou. Mas o marido, desconfiado, narrou o acontecido a um amigo, o sr. Freitas, chefe da Polícia. Este ofereceu-se para deslindar o caso e apareceu em casa de Violante que, por ordem do Jorge, lhe ofereceu vinho do Porto. Luciana, vaidosa no seu avental branco, servia.

Freitas mirava-a, o que a envaldecia mais ainda.

Violante sentia-se incomodada e dizia:

—Não foi a pequena quem tirou o broche!... Não quero que a prejudiquem!...

—Nem sequer te lembras que fui eu quem to ofereci!...— queixou-se o marido.

Violante retirou-se para o quarto a chorar. O sr. Freitas aproveitou a sua ausência pedindo a Jorge Manuel:

—Deixe-me com a rapariga!...

Jorge saiu. Luciana veio levantar a mesa, toda sorridente. O sr. Freitas perguntou de chofre:

—Então, queres um broche, pequena?!

Ela sorriu e encolheu os ombros, suspirando. Ele continuou:

—Agora tens o que era da tua senhora!...

—Eu não o vi!...

—Está na tua mala!...

—Eu não tenho mala!...

—És mentirosa!... Se não confessares a verdade, mando-te prender!...

A pequena fitou os olhos assustados no seu interlocutor. O sr. Freitas agarrou-lhe um braço mesmo no momento em que Violante entrou. Esta exclamou:

—Pronto, sr. Freitas!... Esperemos mais uns dias!... Depois se verá!...

A Semana Musical

por FRANCINE BENOIT

De 17 a 25 de Maio, não houve dia que não fosse assinalado por alguma manifestação musical. De um modo geral, qualquer delas interessava, mais ou menos platonicamente, a um publico relativamente restrito, mas nem sempre o mesmo. E, se por um lado, temos de nos lastimar por termos uma muito incompleta actividade musical de verdadeira projecção e expansão, sempre estimamos a abundância de esforços disseminados — alguns de algum vulto, com certeza.

Começemos pelo «Concerto Jean Guillou, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima», assim designado no próprio programa, o que nos chocou um pouco por nos parecer ofender a modestia inerente ao lugar. Verdade seja que o concertista arcaria com o mérito e a responsabilidade de apresentar uma adaptação sua da famosíssima mas pouco ou nada divulgada «Ofrenda Musical», de J. S. Bach, em audição integral. A transcrição afigurava-se-nos valiosa, tanto como nos foi possível apreciar esta realização num órgão de bastante potência sonora, sim, mas de fracas características verdadeiramente orgánicas em comparação com os gloriosos modelos da época de Bach, e com uma execução em que Jean Guillou, mesmo assim, nos pareceu ainda pouco familiarizado com os recursos do instrumento que tinha ao seu dispor.

No dia seguinte, novamente músicos franceses que «usariam da palavra» — desta vez no Salão do Conservatório, como é habitual para todos os concertos dados sob o patrocínio do Instituto Francês em Portugal. Desconcertou-nos um pouco o conjunto e a arrumação do programa, elaborado por, ou para os três colaboradores deste concerto. Contudo, não temos por errado o critério de guardar para a 2.ª das duas partes em que se divide a audição as páginas de música setecentista; nem nos incomoda a confraternização do mestre francês J. M. Laclair — uma cintilante Sonata em la maior em que o violinista Roland Puig prestou a sua melhor prova de grande firmeza de técnica e de estilo — com Mozart, prova não menos relevante para Nadine Sautereau, que cantou com igual pureza de voz e de desenho tanto em alemão, «Abendempfindung», como em italiano, «Ridente la calma», e com Bach, mas neste caso com uma prova mais modesta. Mas não havia atmosfera, no abrir do programa, para a bela Sonata para violino e piano, de Paulenc, em que o autor soube encontrar um momento de densidade emotiva que resultou feliz, e que Roland Puig interpreta com bastante justeza. Mais duro mas também apaixonadamente interessante, esteve o pianista Jean-Claude Ambrosini. Dos complementos da 1.ª parte, todos igualmente bons mas numa salada que não deixou dar realce a nada, mencionaremos os quatro «Mirages», de Fauré, pela admirável pronúncia da cantora e as «Seis danças populares romenas», de Bartok, para o vivaz temperamento de Roland Puig.

Mencionemos agora os concertos, na mesma noite, dos pianistas a duo Cicely Wright e David Ponsonby, este ultimo com obras suas também no programa, no Instituto Britânico.

Acaba de sair o 2.º volume da Antologia da Terra Portuguesa

A MADEIRA

introdução, selecção e notas de Cabral do Nascimento

Pela primeira vez em Portugal uma selecção de trechos literários em prosa e verso, significativos da paisagem dos costumes e do meio social português, desde a Idade Média até hoje.

Volumes de apresentação moderna, profusamente ilustrados. Introdução e selecção a cargo de notáveis escritores e ensaístas portugueses contemporâneos.

N.º 1 — O MINHO — por Luís Forjaz Trigueiros (já publicado)

N.º 3 — O ALENTEJO — por Urbano Tavares Rodrigues (no prelo)

Cada volume 30\$00

Preço de assinatura 24\$00

LIVRARIA BERTRAND

co: e no Salão do Conservatório o «V Collegium Musicum», em que a colaboração dos professores Varela Cid (piano), A. Candé (violino), Luiz Boulton (flauta), Santos Pinto (oboé), Marcos Romão (clarinete), E. Vignarelli (trompa) e Mário Camerini (violoncelo), permitiu a execução de obras como o «Quarteto n.º 5», em fá maior, de Rossini, para flauta, clarinete, trompa e violoncelo, o «Trio op. 40», em

mi bemol, de Brahms, para piano, violino e trompa, e o «Divertimento» em si bemol, de Haydn, para flauta, oboé, clarinete, trompa e violoncelo.

Sob a responsabilidade e com a colaboração como solista da professora Isaura Pavia de Magalhães, foi apresentada, no Conservatório, também, a primeira de duas sessões destinadas a apresentar a obra completa de J. S. Bach, para violoncelo.

No dia 22, através do Intercambio Musical, de iniciativa do mesmo Conservatório, dava um recital de piano o professor do Conservatório Robert Schumann, de Dusseldorf. Klaus Borner. O programa de uma riqueza de aspectos todos valiosos, muito acima do vulgar, incluía a «Sonata op. 110», de Beethoven, a «2.ª Sonata» (1936), de Hindemith, magnífico documento de que a interpretação soube transmitir a lógica construtiva e a forte musicalidade, as três peças para piano, op. 76 de Brahms e os «Papillons», de Schumann, em que Klaus Borner deu a mais completa prova da sua técnica posta ao serviço de uma justa e intensa poesia, e as «Seis danças em ritmo bulgaro», de Bartok — aqui, com execução demasiadamente nervosa e pouco assente.

No dia seguinte, Klaus Borner e Marie Louise Martin (organista titular da Igreja Evangélica Alemã), davam no Instituto Alemão um programa na sua maior parte preenchido por peças consagradas para piano a quatro mãos, salientando-se a suite «Ma Mère l'Oye», de Ravel.

Sábado de tarde, apresentava-se pela segunda vez nesta Primavera, no Tivoli — perdemos a 1.ª — a Orquestra Filarmónica de Lisboa, sob a direcção do dr. Ivo Cruz. O programa, pequeno mas curioso, seduziu-nos logo de entrada com a «Sonata piano e forte», para pequeno conjunto de metais, de Giovanni Gabrieli, um dos grandes mestres venezianos do Renascimento, na sua maior florescência. Valia a pena que a «nota biográfica e explicativa» do programa nos tivesse informado objectivamente sobre aquele histórico parágrafo. O grupo executante dispôs de bons instrumentos mas ressentiu-se da falta de nitidez da direcção, resultando os contrastes atabalhoados. Seguiu-se um muito elegante e um pouco frívolo «Concerto para violoncelo e grupo de cordas», de Boccherini, em que Mário Camerini se defendeu valorosamente — sempre sujeito, com os seus colaboradores, à timidez da batuta. Estava-nos reservada uma surpresa com a «IV Sinfonia», de Tchaikowsky, entrando em cena o agrupamento orquestral bem apetrechado, numa massa impressionante. Está à vista a prova cabal de que não há falta de elementos para uma segunda orquestra; apontaremos apenas uma certa magreza ainda no naipe dos violoncelos; com estes elementos, a preparação da «Sinfonia» foi de molde a permitir desta vez uma razoável dinâmica. Muitos pormenores deixaram ainda a desejar — mas que bela missão poderia desempenhar um agrupamento assim, com uma orientação desafiadora e devotada ao progresso da humanidade!

A semana fechou com mais um Concerto Universitário de colaboração com a A. E. do Conservatório. Desempenho de José Lopes e Silva (viola clássica), Maria Amélia de Abreu (canto), acompanhada ao piano por Noémia Sarmento de Brederode, e Teresa Maria Vieira (piano). Mais um programa sem outra orientação do que permitir a cada executante mostrar uma ou outra faceta da sua preparação e da sua arte individual.

SONEFE

Sociedade Nacional de Estudo e Financiamento de Empreendimentos Ultramarinos

S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 50.000.000\$00
CAPITAL AUTORIZADO 500.000.000\$00

Concessionária das centrais térmicas de Lourenço Marques e Luanda
Concessionária da central hidroeléctrica das Mabubas
Concessionária dos aproveitamentos hidroeléctricos do Médio Cuanza (para execução imediata o de Cambambe)
Concessionária do transporte e grande distribuição nos distritos de Lourenço Marques, Luanda e Cuanza Norte

Delegação de Luanda:
Av. Paulo Dias Novais, 124-1.º

Sede em Lisboa:
Rua José Estêvão, 83-E

Delegação de Lourenço Marques:
Av. 24 de Julho, 115-1.º

3.º AUMENTO DE CAPITAL

Emissão de 200.000 acções do valor nominal de 500\$00 cada uma

Em conformidade com os Estatutos da Sociedade e de acordo com a Portaria publicada no «Diário do Governo», N.º 102, III Série, de 30 de Abril de 1958, foi resolvido elevar o capital social de 50.000.000\$00 para 150.000.000\$00, pela emissão de 200.000 acções do valor nominal de 500\$00 cada uma, das quais:

- 66.600 foram tomadas pelo Estado;
 - 66.700 foram subscritas pelos accionistas que as tomaram firme, embora sujeitando-se a rateio em conjunto com os subscritores das acções oferecidas ao público;
 - 66.700 foram tomadas firme pelos estabelecimentos bancários abaixo mencionados, que as oferecem ao público nas condições que a seguir se indicam.
- 1) As acções são do valor nominal de 500\$00 cada uma, em títulos de 1, 5, 10, 50, 100 e 200 acções;
 - 2) Os títulos podem ser nominativos ou ao portador mas, nos termos do artigo 7.º dos Estatutos, 60 % das acções terão de ser nominativas e averbadas a indivíduos ou sociedades de nacionalidade portuguesa;
 - 3) A subscrição fica sujeita a rateio que será estabelecido na proporção das acções subscritas, respeitando-se, porém, as pequenas subscrições;
 - 4) As acções são oferecidas ao público, ao par, durante o período da subscrição, devendo o seu pagamento ser efectuado em três prestações, a saber:
 - 20 % no acto da subscrição;
 - 30 % em 30 de Junho, depois de se anunciar o resultado da subscrição;
 - 50 % em 31 de Julho de 1958.
 - 5) Os Senhores accionistas que assim o desejarem poderão antecipar o pagamento desta última prestação, liberando as suas acções após o anúncio do resultado da subscrição.
 - 6) Até se iniciar o pagamento de dividendos será garantido às acções um juro intercalar de 4% a 5%, nos termos do § 2.º do artigo 4.º dos Estatutos e do § 2.º do artigo 192.º do Código Comercial. No corrente ano de 1958 o juro a atribuir será o correspondente a seis meses.
 - 7) A subscrição estará aberta de 26 a 30 de Maio na Sede da Sociedade e nas suas Delegações de Luanda e Lourenço Marques, e também nos seguintes estabelecimentos de crédito e suas sucursais da Metrópole e Ultramar:

— BANCO DE ANGOLA
— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO BURNAY
— BANCO COMERCIAL DE ANGOLA
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
— BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
— BANCO LISBOA & AÇORES
— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— CRÉDIT FRANCO PORTUGAIS

Maio de 1958

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

A resposta do ministro da Economia ao eng.º Cunha Leal

(Continuação da 1.ª página)

Desta vez, porém, era possível opor ao sr. Cunha Leal o mesmo e autêntico Senhor, na evidência indiscutível das suas contradições. E o grave é que o ilógismo, além de expressivamente revelador, se encontra fotografado, materializado, em documento publico e irrefragável. E os documentos não têm a efemeridade das palavras; subsistem no tempo e no espírito dos homens, com a sua terrível eloquência.

III—Documentação indispensável

Efectivamente, no «Diário de Lisboa» de 23 de Outubro de 1957, o sr. Cunha Leal declarou textualmente: «A miséria de hoje é talvez maior que a de um passado de negrito, que aliás ninguém pretende ressuscitar. A razão de ser deste fenómeno está em que o *acréscimo da nossa produção não tem acompanhado o ritmo da ascensão populacional*, etc.

E em tom apocalíptico, tão do seu jeito e do seu pendor, acrescentou: «Nestas condições os temas da democracia são relegados para plano secundário por todos os agregados familiares, em torno dos quais *ronda a fome, com o seu cortejo de desesperos*. Como que se pressente a lenta mas irresistível formação de longínquas «jacqueries», à laia de nuvens negras e pressagas, a acastelarem-se no horizonte da nossa sociedade».

A reforçar estas afirmações o sr. Cunha Leal no «Diário de Lisboa» de 29/10/1957, n.º 12.535, pág. 6, sublinhava ainda: «apesar da efectivação dessas obras podemos asseverar com base nos números fornecidos pela União Nacional que o produto nacional baixou fortemente em valor real, embora tenha subido em valor nominal».

E verberando o facto de a União Nacional utilizar numerosos «com pouca probidade» — e mostrando ignorar que os valores do produto nacional são expressos em termos de estabilidade, isto é, a preços constantes — observava o seguinte: «*Traserevo de* (da nota da U. N.) o seguinte bocadinho de ouro: «os resultados gerais e o progresso conseguido têm de certo modo a sua expressão no aumento do valor do produto nacional que abrange em globo a produção de bens e serviços. De 1938 para 1955 passou de 30 para 45 milhões de contos e a capitação individual acusou uma subida de 27 por cento. A primeira vista — continuava a observar o sr. Cunha Leal — pode parecer confortante para o País esta conclusão da União Nacional. O pior é que se *põem aqui em paralelo contos de 1938 com contos de 1955*. Ora, isto equivale a comparar alhos com bugalhos, porquanto o valor do escudo, neste intervalo, sofreu uma depreciação tão considerável que este triunfo unânime provoca vontade de chorar».

Inludivelmente e com uma convicção tão forte, que a simples dúvida quase o levava às lágrimas, o sr. eng. Cunha Leal afirmou, portanto: a) que o aumento da produção não acompanhou o ritmo da ascensão populacional; b) que, assim, e em termos económicos o nível de vida retrogradou; c) que os valores do rendimento nacional estão sujeitos às oscilações monetárias e não podem, portanto, comparar-se entre si.

IV—A entrevista no Rádio-Clube

Entretanto, o sr. eng. Cunha Leal voltou ao problema, em entrevista concedida ao Rádio Clube Português. E, por um prodígio de transfiguração, as suas asserções são diametralmente opostas às que anteriormente produziu. Felizmente as palavras que proferiu ao microfone não voaram, perdendo-se no infinito do espaço; ficaram gravadas nas colunas do «Diário de Lisboa» e o texto é inequívoco, como forma e como conteúdo. Com efeito, nessa entrevista, o sr. eng. Cunha Leal, que como os povos parece não ter memória, declarou textualmente, ante a surpresa e o assombro dos que conservavam ainda a recordação das suas declarações anteriores: «Desde 1947 a 1956, inclusive, o produto nacional, ou seja o quantitativo de bens e serviços produzidos anualmente e disponíveis, aumentou de 42 %, o que representa uma taxa média acumulativa de 4 %, crescendo a capitação desse produto de 3 %, se atendermos a que o empolamento anual da população regula por 1 %».

Os textos precedentes — que poderiam ampliar-se com transcrições mais largas — revelam de modo nitido e irrefutável a estranha flutuação das posições do seu autor.

Sem sombra de dúvida ou possibilidade de equívoco o sr. Cunha Leal, em momentos diversos, mas relativamente próximos: a) defendeu no respeitante à expansão económica e ao desenvolvimento demográfico teses irredutivelmente antagónicas; b) reconheceu no Rádio Clube o que negara no «Diário de Lisboa»; c) comparou valores que anteriormente proclamara, com veemência e sonoridade, como insusceptíveis de comparação.

V—A ordenação dos empreendimentos hidroeléctricos

Mas, o sr. eng. Cunha Leal depois ainda sobre outras importantes matérias.

E afirmou, assim, que na ordenação dos empreendimentos hidroeléctricos não se seguiu uma orientação indiscutível, sendo notórias as contradições dentro dos próprios arraiais da Situação.

Com aquela afirmação o sr. eng. Cunha Leal não pretendeu manifestamente marcar o carácter controverso da obra de electrificação — só os dogmas são intangíveis — mas qualificá-la de errada, apresentando-a como tal aos juízos da opinião.

Não formulou, todavia, um argumento, não aduziu uma razão justificativa e pôde opor-se a sua imotivada opinião a atitude, em contrário, ou a colaboração prestada pelos serviços técnicos do Estado, Ordem dos Engenheiros e Conselho Superior de Obras Públicas, de que fazem parte os professores Ferreira Dias e Manzanares Abecassis e os engs. Zuzarte de Mendonça, Noronha de Andrade, Castro Cabrita, Rebelo Pinto, Metelo de Napolis, Elisiário Monteiro, Carvalho Xerez, Edgar de Oliveira, Inácio Ferreira, Pedro Nunes e outros nomes prestigiosos da técnica nacional.

Aliás, o sr. Cunha Leal, ao mesmo tempo que lançava dúvidas sobre a concepção e a hierarquização dos empreendimentos hidroeléctricos na Metrópole, fazia nalguns aspectos o seu elogio, em discussão suscitada com o sr. ministro do Ultramar («República», n.º 9.846, de 23 de Maio corrente).

VI—A siderurgia e o mercado comum

No respeitante à siderurgia, o mesmo sr. engenheiro declarou: «Na programação do desenvolvimento da industrialização portuguesa têm cometido vários erros, tais como o da montagem da indústria siderúrgica, quando se prevê a hipótese de uma futura adesão ao mercado livre europeu».

Uma vez mais, revestindo-se de dogmática autoridade, afirmou sem demonstrar e condenou sem provas. Objectou-se-lhe que a sua tese era errada e que os programas elaborados para a instalação da indústria obedecem precisamente ao propósito de aproveitar o regime de protecção, que deverá perdurar a título transitório durante alguns anos, em ordem a assegurar-se a nova actividade a capacidade competitiva que lhe é indispensável no futuro clima económico europeu. De resto, para poder fundamentar o seu asserto, teria de conhecer — e seria interessante que o demonstrasse — os valores de investimento previstos na siderurgia, o volume da produção programada, os cálculos dos custos de produção, as tendências mundiais dos preços dos produtos siderúrgicos e as possibilidades de organização dos mercados na zona de comércio livre em formação. E sem tratar estes aspectos, sobre os quais se aguarda com impaciência o seu depoimento, a afirmação feita constituía — e constitui — pura asserção sem validade.

VII—A repartição do produto nacional

O sr. eng.ª Cunha Leal declarou também na mencionada entrevista, invocando o depoimento dos mais distintos economistas portugueses, que, na repartição do rendimento nacional, a participação do trabalho é minoritária, fixando-a em 40 %. Demonstrou-se — e agora documenta-se — que esta declaração, como as anteriores, se caracteriza por total inanidade. Num estudo publicado pelo «Centro de Estudos Económicos», n.º 14, 1954, pág. 115, e em estimativa que os próprios autores qualificam de imperfeita e que cercam das maiores dúvidas, aquela percentagem é, com efeito, computada em 39 % do produto industrial. Acentuou-se todavia que em livro ulteriormente publicado, de que são autores o dr. Francisco Moura e os finalistas Maria Edmea Dubras, Maria Elza Dorez, Maria Filipa Gonçalves, João Pires Chaves e Jorge Costa Oliveira, aquela percentagem é avaliada em 52 %, como noutro passo se esclarece.

Pôde, assim, declarar-se — e a declaração subsiste — que o sr. eng.ª Cunha Leal fizera na sua aludida entrevista afirmações absolutamente infundamentadas, em face das estatísticas nacionais e dos próprios ensaios de alguns economistas portugueses, cujos números não foram citados com rigor nem ponderados no seu exacto significado.

VIII—As estatísticas internacionais e a distribuição entre o capital e o trabalho

O sr. Cunha Leal acrescentou ainda que nos países civilizados a participação do trabalho no rendimento nacional é de 70 %.

Disse-se-lhe — e repete-se — que a afirmação é insubsistente. E mostrou-se-lhe que na civilizada França a referida percentagem é apenas de 56 %; na próspera América é de 62 %; na progressiva Noruega é de 53 %; na jovem e rica Austrália é de 47 %. Poderia ter-se adicionado a enumeração com países menos evoluídos, como o Chile, a Colômbia e o Japão em que aqueles números são, respectivamente, de 47 %, 55 % e 45 %.

Mas o que interessa é acrescentar que os números citados não têm os vícios que inquiram os produzidos pelo sr. eng.ª Cunha Leal; foram extraídos da publicação das Nações Unidas — *Statistics of National Income and Expenditure* — Ano de 1953, págs. 37 a 45, e são, de um modo geral, corroborados pelos elementos mais actualizados relativos a 1957 (S. N. I. E. — O. N. U. — New York), a cuja autoridade o sr. eng.ª Cunha Leal não deixará certamente de submeter-se.

IX—O crescimento económico nacional

Afirmou ainda o sr. eng.ª Cunha Leal, na mencionada entrevista, que a expansão do produto nacional se está a processar entre nós a cadência inferior à verificada nos países do Ocidente europeu. Podia explicar-se-lhe que os casos não são comparáveis e apontar-se-lhe, para o demonstrar, a inumerável bibliografia económica existente sobre o assunto.

Mas aceitou-se o problema no plano em que fora posto e, sem deixar de reconhecer a necessidade de uma expansão crescente e de um ritmo cada vez mais rápido, redarguiu-se: a) que, a longo prazo, o acréscimo em referência regista no nosso País uma cadência equivalente à dos países altamente industrializados; que, a curto termo, o mesmo fenómeno se verifica de harmonia com números que se indicaram e foram corroborados em discurso do sr. subsecretário de Estado do Orçamento; c) que, em relação aos anos próximos (1959-1964), se prevê em Portugal uma expansão superior à computada para o conjunto dos países da O. E. C. E., em relação ao período de 1955-1960.

Pôde, assim, fazer-se cair pela base a crítica do sr. eng.ª Cunha Leal, aliás adiante mais desenvolvidamente refutada, e salientar-se que o desenvolvimento económico português sofre confronto aceitável com os padrões de crescimento internacionalmente generalizados.

X—Réplica do sr. eng.ª Cunha Leal

Na Imprensa de 27 do corrente e sob o título — *Resposta a muitos* — o sr. eng.ª Cunha Leal regressa à liça, replicando, sem a habitual prontidão dos seus reflexos, às alusões que lhe foram feitas na minha entrevista.

Evitam-se, «nessa resposta, as questões embaraçosas; devolve-se parte das responsabilidades aos drs. Teixeira Pinto e Francisco Moura, a quem voto elevado apreço e que nada têm com este debate; voltam a tratar-se com ligeireza alguns dos mais complexos problemas da economia nacional; e formulam-se, finalmente, algumas queixas sobre pretensas descortezias, em que aliás o sr. eng.ª Cunha Leal incorre ao acusar-me, de tentar, em solidriedade com o sr. subsecretário de Estado do Orçamento, ocultar a verdade sob uma cortina de sofismas», para não falar de doutros adjectivos ou expressões de delicadeza discutível e das ironias que já me dirigira, sem qualquer causa ou pretexto, na «República» de 23 do corrente, pág. 12.

Nova atitude de coerência do sr. eng.ª Cunha Leal, cuja anotação constituirá o prelúdio da breve tréplica, que vou deduzir.

XI—Breve tréplica

Relativamente às suas contradições, nada se acrescentará; os textos foram já exibidos e são de uma nitidez esmagadora, não havendo habilidade que empane a sua trans-

parência ou dialéctica que possa operar a sua conciliação. Releiam-se as passagens transcritas e a conclusão ressaltará de modo imperativo, inequívoco e inofismável. O sr. Cunha Leal está, nesse aspecto, encerrado num círculo de ferro, que não poderá quebrar e em que, a despeito do seu mutismo, continuará a ser mantido.

Em relação à fidelidade das suas citações dos trabalhos dos drs. Teixeira Pinto e Francisco Moura, que em geral se reconhece, dar-se-ão em aspectos particulares, alguns exemplos rápidos, mas decisivamente conclusivos. No Rádio Clube o sr. Cunha Leal afirmou relativamente à repartição do rendimento nacional: «Em tais condições, a injustiça na distribuição do produto global vem-se acentuando, destinando-se 40 % dele para remuneração do trabalho e 60 % para rendimento do capital, ao passo que nos países civilizados tais como os Estados Unidos da América do Norte, a Inglaterra, a Alemanha e a Suécia, aquelas posições majoritárias e minoritárias se invertem, cabendo 70 % ao trabalho e 30 % ao capital».

Ora, no livro «Estrutura da Economia Portuguesa», da autoria de ambos e do dr. Jacinto Nunes, também professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e ilustre subsecretário de Estado do Tesouro, escreveu-se, pág. 115: «As remunerações do trabalho absorvem cerca de 39 % desse produto líquido industrial; os restantes 61 % ter-se-ão repartido por juros, rendas e lucros».

Mas, logo a seguir, pág. 116, se admite a hipótese de erro e honestamente se salienta: «Só os serviços, dispondo certamente de elementos mais completos do que os utilizados nos nossos cálculos, estão em condições de os apreciar ou corrigir, fornecendo simultaneamente alguns esclarecimentos acerca das estimativas portuguesas do produto e do rendimento nacional».

E não foi preciso aguardar a correcção do cálculo pelo Instituto Nacional de Estatística; o problema foi retomado, em relação às empresas societárias, por um grupo de trabalho orientado pelo próprio dr. Francisco Moura e os resultados a que se chegou estão condensados nesta passagem da *Estrutura da Indústria Portuguesa*, pág. 35: «A capitação do produto industrial anda pelos 18 contos anuais e pode verificar-se que cerca de 52 % desse produto ou da capitação cabe às remunerações do pessoal».

Não obstante este facto e as reservas adoptadas na primeira estimativa, o sr. eng.ª Cunha Leal, em contraste com a fidelidade que apregoa aos textos dos seus autores, elevou as hipóteses formuladas à categoria de certezas; não considerou os quantitativos ultimamente indicados e as posições relativas que deles resultam em relação ao capital e ao trabalho; e sobre esta base precária, fulminou o regime e o domínio «infrene da plutocracia».

Como se vê não tenho que discutir com os ilustres economistas citados pelo sr. eng.ª Cunha Leal, tenho apenas que restabelecer, no que respeita a ambos e em assunto essencial, a pureza e a verdade do seu pensamento.

XII—Expansão do produto nacional

No respeitante à expansão do produto nacional, adoptou-se o critério de analisar o problema, a curto e a longo termo — e ainda em relação ao futuro — a fim de, neste triplice aspecto e ampla perspectiva — se demonstrar a cadência satisfatória do desenvolvimento económico português, sem embargo da necessidade da sua intensificação.

E, assim, salientei: a) que nos países altamente desenvolvidos o acréscimo, em referência, se faz, em longo ciclo, ao ritmo anual médio de cerca de 3 %. (Rosenstein — Rodan — *Les besoins de capitaux dans les pays sous-développés* — *Economie Appliquée*, Janeiro-Junho de 1954); b) que entre nós e sob a mesma óptica — 1938-1955 — a taxa de incremento do produto nacional foi sensivelmente de idêntico quantitativo (Indústria Portuguesa, n.º 361 de Março de 1958, pág. 68); c) que na Inglaterra, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suíça, Noruega e Suécia, a mesma expansão foi, respectivamente entre 1953 e 1956, de 2,9 %, 3,3 %, 4,6 %, 0,9 %, 4,8 %, 3,3 % e 3,4 %; (Economic Survey of Europe in 1957, United Nations — Gêneve 1958 — Cap. II — Pág. 3); d) que, no mesmo período, o acréscimo foi, entre nós, de 4,4 % (idem); e) que no conjunto dos países da área económica europeia o aumento previs-

to para o período de 1955-1960 é de 3,2 % (Relatório da O. E. C. E., — VIII Vol. II, Pág. 15); f) que, em Portugal, e para 1959-1964, as previsões são no sentido de uma expansão de 4,2 % (Projecto do Plano de Fomento, pág. 11).

Acentuar-se-á, finalmente, que nenhum destes números é contrariado no trabalho *Problemas do crescimento económico português*, representando apenas um outro ângulo de visão, e que algumas das conclusões anteriormente deduzidas têm nesse livro expressa confirmação.

XIII—Matéria vária

No respeitante à indústria electroquímica persiste o sr. eng.ª Cunha Leal em posições já refutadas e erros técnicos e económicos, sem qualquer justificação.

A discussão neste aspecto seria longa e não se comporta nas dimensões desta resposta. Sublinhar-se-á, por isso, somente que o mérito de uma iniciativa não pode aferir-se apenas por uma fase da sua execução e que, desde a sua instalação em 1952, aquela indústria contribuiu já para o abastecimento nacional com os seguintes volumes e valores de produção, equivalentes a idêntica economia de divisas:

Anos	Toneladas	Contos
1952	43.194	82.069
1953	33.812	64.243
1954	60.888	115.687
1955	84.902	161.314
1956	115.205	218.890
1957	68.933	130.973
1958 (até Abril)	33.489	63.629
	440.423	836.805

Estes números constituem a melhor comprovação da utilidade nacional dos empreendimentos realizados.

Relativamente à obra de electrificação, as barragens construídas, o amplo progresso obtido, as novas indústrias que alimenta, o conforto e bem-estar que todos os dias leva a novas e extensas massas da população, respondem com linguagem vigorosa e persuasiva à pura negação do sr. eng.ª Cunha Leal. Acerca dessa matéria — e sem embargo de algumas discussões e discordâncias, aliás muito limitadas — depuseram já com encômio as revistas da especialidade e podem ainda prestar o seu testemunho os técnicos de indiscutível autoridade, que colaboraram na definição dos programas ou que foram previamente ouvidos sobre a sua elaboração. A espectacular ascensão de 1.260 % da produção de energia eléctrica em relação a 1927, constitui, de resto, a mais eloquente demonstração dos frutuóssos resultados da política do Governo. O empreendimento do Alvão, por sua vez, virá na hora própria e devidamente articulado, como cumpre, com o aproveitamento das outras fontes de produção nacional, estando já previsto o seu começo de execução no II Plano de Fomento.

No referente à siderurgia, as novas asserções do sr. Cunha Leal não tocam sequer o problema, nem afectam de qualquer forma a argumentação já desenvolvida. O facto de a importação de produtos siderúrgicos pesar no passivo económico nacional com uma hemorragia de divisas que excede um milhão de contos anuais, justifica por si só as soluções adoptadas, com vista ao futuro e progresso da Nação. Aconselhar-se-ia o sr. eng.ª Cunha Leal a ler o que sobre a matéria escreveram o prof. Ezequiel de Campos — *Problemas de hoje e Política*, págs. 71 e 199, respectivamente; o prof. Ferreira Dias — *Linha de rumo*, págs. 310 e seguintes; e ainda o que consta dos numerosos relatórios e estudos, que precederam as decisões do Governo e alguns deles publicados no *Boletim da Direcção-Geral dos Serviços Industriais* — Ano 6.º, n.º 271 a 277 — 1954.

Mas o sr. eng.ª Cunha Leal, na sua resposta, omite qualquer referência ao valor económico desta indústria e abstém-se igualmente de qualquer demonstração da posição que assumiu quanto à inoprotunidade da sua instalação no País e limita-se a entregar aos designios de Deus a confirmação das suas profecias. Singular processo de discutir problemas em domínio onde o misticismo não tem lugar e onde reinam, em plenitude de soberania, o estudo e a reflexão; as cifras e as realidades.

XIV—Conclusões

Está terminada a instrução do processo e podiam agora formular-se as conclusões. Não é, porém, indispensável.

O País já formou o seu juízo.

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o vento era fraco do Norte, o céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Noroeste dos Açores.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 13°; Lisboa e Portalegre, 15°; Funchal, 18° e Faro, 19°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu geralmente pouco nublado, vento fraco por vezes moderado de Norte. Aguaceiros fracos nas regiões montanhosas do Norte.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL—As 21 e 45—«Um fantasma chamado Isabel»
ABC—As 20.45 e 23—«Lisboa em festa»
COLISEU—As 21 e 30—«Holiday on Ice»

CINEMAS

TIVOLI—«O mar para eles não era azul»
SAO LUIZ—«Proibido aos homens»
SAO JORGE—«Os sapatos vermelhos»
EDEN—«Amar-te-ei sempre»
IMPERIO—«O homem do impermeável»
POLITEAMA—«Adão e Eva»
ROMA—«Duelo de gigantes»
CONDES—«O meu filho deve nascer»
ALVALADE—«Proibido aos homens»
MONUMENTAL—«Os meus 3 namorados»
AVIS—«Horas de sonho»
ODEON—«Fuga ao Sol»
CAPITOLIO—«Fúria de viver»
OLIMPIA—«Gangsters do pano verde»
IDEAL—«Folhas de Outono»
PROMOTORA—«Esquece o meu passado»
RESTELA—«Deus lhe pague»

FARMACIAS DE SERVIÇO

FURNO A—Benfica—Estrada de Benfica, 678-B, Tel. 752532; Vicente—Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria—Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota—R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Caribita—Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Marbel—Avenida de Roma—lote 2—JAA, Tel. 776235; Zil—Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; São João de Deus—Rua Pedro Ivo, 1-A-B, Tel. 725140; João XXI—Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Imperial—Avenida Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 726860; Bentosinho—Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; Fátima—Avenida de Berna, 24-B, Tel. 763107; Avenidas (Das)—Avenida da República, 27-A, Tel. 42532; Oliveira Viegas—R. Viriato, 29-A, frente ao Avis Hotel, Tel. 48966-53601; Ascenso—Rua 27, 41 Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Grijó—Rua do Grilo, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 382241; Frazão—Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90-92, Tel. 847019; Ziller—Rua de S. Tomé 54-56, Tel. 862835; Central da Penha—R. da Penha de França, 58-60, Tel. 849245; Luzmar—Rua 2, 16—Bairro de Santa Engrácia, Tel. 723395; Damásio & Cordeiro—Rua Morais Soares, 56-C, Tel. 847708; Estefania—Rua Pascoal de Melo 90, Tel. 44438; Confiança—Avenida Almirante Reis, 46, Tel. 42453; J. Ribeiro, Ld.—Largo das Olarias 33, Tel. 864643; Salutar—Rua B 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pinto—Rua de Campolide 11, Tel. 682610; Lobel—Rua de Infanteria 16, 98-B, Tel. 663807; União—Rua Saraiva de Carvalho 119, Tel. 663643; Castro, Suc.—Rua de S. Bento, 199-A, Tel. 660513; Restelo (Do)—Rua Duarte Pacheco Pereira, lote 9, Pedrouços, Tel. 610741; Moura—Travessa da Memória, 55, Tel. 630944; Biotifar—Rua D. João de Castro, 27-B, Tel. 638824; Correia de Azevedo—Rua Luís de Camões, 48-50, Tel. 638625; Bairro—Rua Prior do Crato, 25, Tel. 661321; Paiva da Costa, Ld.—Rua da Lapa, 105, Tel. 664414; Lys—Rua da Esperança, 17-19, Tel. 660913; Barreto—Rua do Loreto, 30, Tel. 72784; Fernandes—Rua de S. José, 187, Tel. 26476; Teixeira Lopes—Rua Aurea, 154, Tel. 24816; Oliveira—Rua da Prata, 240, Tel. 21415; Andrade Ribeiro—Avenida Infante Santo, Lote Particular n. 1, Tel. 666971.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Canções hispano-americanas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento.

Programa «A»—As 19, Mocidade; 19 e 30, Canções e orquestras; 19 e 45, Ares da nossa terra; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras típicas; 20 e 30, Novidades em discos; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Orquestras ligeiras; 21 e 30, 5.º episódio da adaptação radiofónica da obra de Shakespeare «Romeu e Julieta»; 21 e 50, Programa pelo Orfeão de Leiria; 22 e 10, Cinquenta Anos bem Vividos; 22 e 30, Fados por Fernanda Maria e Manuel Fernandes; 22 e 50, Poesia, Música e Sonho; 22 e 15, Danças e canções, transmitidas da Tágide; 23 e 40, relato do desafio de hóquei em patins, Portugal-Inglaterra, por Artur Agostinho, com comentários por Oliverio Serpa, noticiário e encerramento.

Programa «B»—As 19, Resumo do programa—«Houve então uma luta», de J. S. Bach, cantata para 2 vozes e 4.º acto da ópera «Pélée e Méliande», de Debussy; e «La Péri», música de bailado, de Paul Dukas; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Crónica do Brasil; 21 e 30, Árias pelo barítono Gino Beccchi; 21 e 50, Recital pelo pianista Sérgio Varela Cid; 22 e 17, Uma ária de Mozart; 22 e 30, Aspectos e Problemas da Estética Contemporânea; 22 e 40, Continuação da audição integral dos quartetos de Beethoven; 23 e 11, Cantata «Cecilia, Volgi un Sguardo»; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

RADIO CLUBE—As 17, Ritmos de baile do Chave de Ouro; 17 e 15, Amadeo Pariente; 17 e 31, Mah-Jong; 17 e 45, Cantares de Espanha; 18 e 15, Interlúdio feminino; 19, Conjuntos vocais; 19 e 20, Georges Brassens; 20 e 45, Magazine; 21, Imagens por música; 21 e 15, Sessão da campanha eleitoral para a Presidência da República, a realizar pela União Nacional; 23 e 30, Suplemento Brasil; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile.

Estação de Miramar—As 18 e 15, Uma voz; 18 e 45, Orquestras ligeiras; 19 e 15, Fados do Retiro Andaluz; 19 e 30, «Os grandes esquecidos» (Guimar Torrezão); 20, Artistas portugueses; 20 e 35, Programa para a mulher; 20 e 45, Lendas da nossa terra; 21, Noticiário; 21 e 15, Sessão de propaganda eleitoral da União Nacional; 23 e 40, Relato do jogo entre Portugal e a Inglaterra.

RADIO RENASCENÇA—As 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, Estrelas do Air France; 19 e 45, Conjuntos Musette; 20, Música para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditação; 21 e 5, As últimas novidades; 21 e 30, Programa da Agência Portuguesa

de Revistas; 21 e 50, Tangos famosos; 20 e 20, Vozes portuguesas; 22 e 30, Noticiário e boletim religioso; 22 e 50, Reportagem do Campeonato do Mundo de hóquei em patins.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Graça; 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: «Nós as mulheres—A mulher no trabalho»; 21 e 35: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 50: «Os contos maravilhosos da Arte: Esta é a arte dos descobridores do Mundo»; 22 e 5: «Romance de Dona Brites—Donzela Infortunada»; 22 e 50: XIII Campeonato do Mundo de Hóquei em patins—

comentários e imagens do jogo Portugal-Dinamarca; 23: Actualidades nacionais e últimas notícias; 23 e 15: «Galeria de Arte»; 23 e 30: Fim da emissão.

HA TRINTA ANOS

«Nos Jogos Olímpicos de Amsterdão os Portugueses bateram a Jugoslávia por 2-1, depois de uma exibição em que se afirmou a nossa superioridade—era o título da última página do «Diário de Lisboa» de 29 de Maio de 1928, na qual se publicavam os retratos de Vítor Silva, que marcara o 1.º gol; o de Augusto Silva, que marcara o 2.º, e o de César de Matos, um dos melhores jogadores em campo. Waldemar e um Jugoslavo envolveram-se em pugilato e foram expulsos do campo. Augusto Silva foi o eixo da equipa, e os outros, bem, sem distinções especiais.

EFEMERIDES

No dia 29 de Maio de 1953 foi escalado o monte Everest por Edmond P. Hillary.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								

Problema n.º 1255

HORIZONTAIS: 1—Descaminho, Partido. 2—Zomba, Curvada. 3—Suíço qualificativo, Artigo antigo. 4—Estado atmosférico. 5—Lavram. O mesmo. 6—Também não. Partes. 7—Clamor. 8—Sofrimento. Piedade. A tua pessoa. 9—Quartzo translúcido. Bolequim. 10—Partida. Vigio. 11—Filtrassem.

VERTICAIS: 1—Dimanada. 2—Aqui está, Marcador do tempo. 3—Que tem a cor de tâmara. 4—Bate. Preposição. Pequena bigorna sem hastes. 5—Aspecto. Existência. 6—Plagiado. Enzerra. 7—Entre nós. Aversão. Felicidade. 8—Poesia. Pertences. Semelhante. 9—Amofinim. Naípe das cartas de jogar.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1254

HORIZONTAIS: 1—Cataratas. 2—Opinará. 3—Pareço. 4—O. Não. BOM. 5—Lai. Fé. 6—Ou. Ralas. 7—FILHO. A. 8—Usai. Isca. 9—CASA. 10—Ato. Dom. 11—Ai. Oleoso.

VERTICAIS:

1—Cepo. Ofusca. 2—Luís. 3—TORNA. Laca. 4—Apeal. Hiato. 5—Rico. Ró. Sol. 6—Ano. Fé. 1a. 7—Tá. Belas. Dó. 8—Armo. Cãos. 9—Sá. Mossa. M6. (Provérbio: O BOM FILHO A CASA TORNA).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda	C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	—	936\$00	938\$00	Ilha do Principe	—	—	—
Cons. 3 % T. 10	975\$00	975\$00	976\$00	Incomati	—	3.280\$00	3.500\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.021\$00	1.020\$00	1.022\$00	Mocambique	148\$00	147\$00	149\$00
Centenários 4 % 1940	—	2.208\$00	—	Zambézia	—	145\$00	147\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.000\$00	1.010\$00	Diamantes T 100	740\$00	735\$00	745\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—	Lobito T 10	—	1.600\$00	1.610\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.015\$00	—	C.ª Diversas	—	—	—
Externo 1.ª série	—	1.230\$00	—	Cimentos Tejo	—	500\$00	600\$00
Ext. 1.ª série car. ...	—	1.235\$00	1.245\$00	Cimentos Leiria	—	492\$00	500\$00
Externo 2.ª série	—	1.200\$00	—	Crédito Predial	42\$80	42\$50	43\$50
Ext. 2.ª série car. ...	—	1.200\$00	1.245\$00	Industrial Aliança	—	—	—
Externo 3.ª série	1.328\$00	1.325\$00	—	Portugal e Colónias ...	—	403\$00	406\$00
Ext. 3.ª série car. ...	—	1.325\$00	1.345\$00	Nacional Navegação ...	1.385\$00	1.385\$00	1.390\$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	167\$00	168\$00	Colonial Navegação ...	—	1.011\$00	1.040\$00
Obrigações	—	—	—	Port. de Celulose	—	2.070\$00	2100\$00
Agua Lisboa 5 %	—	515\$00	—	Portuguesa de Pesca ...	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	106\$50	Port. de Tabacos	326\$00	326\$00	328\$00
Gás Elect. 3 3/4 %	926\$00	925\$00	—	Tabacos de Portugal ...	—	800\$00	805\$00
Gás Elect. 4 %	—	—	945\$00	Sacor	3.460\$00	3.450\$00	3.480\$00
Gás Elect. 4 1/2 %	978\$00	977\$00	—	Agua. Electricidade e Gás	—	—	—
Gás Elect. 5 %	—	107\$00	—	Agua Lisboa 1934	—	250\$00	270\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	85\$00	—	Agua Lisboa 1936	—	—	260\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	93\$00	94\$00	Elect. das Beiras	1.265\$00	1.260\$00	1.270\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	93\$00	94\$00	Gás e Electricidade ...	283\$50	283\$00	283\$50
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—	Gás e Electricidade ...	283\$50	283\$00	283\$50
U. E. P. 5 % 1951	—	101\$50	—	H. Alto Alentejo	135\$50	135\$00	136\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	101\$50	102\$00	H. E. Cávado	1.200\$00	1.199\$00	1.201\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	101\$50	102\$00	H. E. Zêzere	—	1.195\$00	1.200\$00
Metropolitano	1.010\$00	1.010\$00	—	Nac. de Electricidade...	1.270\$00	1.265\$00	1.275\$00
Ações	—	—	—	União Elect. Port.	—	233\$00	237\$00
Bancos	—	—	—	GREMIO NACIONAL DAS CASAS DE CAMBIOS	—	—	—
Alentejo	680\$00	660\$00	700\$00	Cotacões de notas e moedas estrangeiras	—	—	—
Angola	—	—	—	PAISES	COMPRA	VENDA	—
Espirito Santo	—	—	3.400\$00	Africa do Sul	77\$50	79\$00	—
Lisboa & Açores	2.070\$00	2.060\$00	2.080\$00	Alemanha	6\$80	6\$95	—
Portugal	1.550\$00	1.548\$00	1.552\$00	América:	—	—	—
Ultramarino	—	—	—	Dolares de 1 e 2 ...	28\$30	28\$60	—
Seguros	—	—	—	Dolares de 50 a 1000...	28\$30	28\$60	—
Mundial	—	535\$00	545\$00	Argentina	\$65	\$69	—
Nacional	—	—	—	Austria	1\$10	1\$15	—
Sagres	—	—	—	Belgica	\$57,3	\$58,3	—
Lagus	—	—	—	Brasil	\$21	\$23,5	—
C.ª Ultramarinas	—	—	—	Canadá	29\$10	29\$60	—
Ag. Cassequei	—	1.750\$00	1.780\$00	Congo Belga	\$56,3	\$57,3	—
Ag. das Neves	—	840\$00	—	Dinamarca	4\$05	4\$25	—
Agric. Colonial	—	665\$00	750\$00	Espanha	\$51,5	\$53	—
Açúcar de Angola	—	2.280\$00	—	Francia	\$05,9	\$06,2	—
Boror	—	320\$00	—	Holanda	7\$45	7\$75	—
abinda	—	210\$00	230\$00	Inglaterra	79\$75	81\$25	—
adada	—	—	4.400\$00	Italia	\$04,5	\$04,7	—
Colonial do Buzi	—	292\$00	295\$00	Marrocos	\$06	\$06,3	—

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

Capital e reservas: 52.800 contos
Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos
Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99—Tel. PPC 366056 (5 linhas)
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53—Tel. 20133—PPC—(7 linhas).

J. BURNAY, LDA.

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
TELEF. 21273
Papéis de crédito

Conjuntos de malha

Nacionais

Inglese

TORRE EIFFEL

104—Rua do Carmo—106